UM PASSO A MAIS NA
HISTÓRIA DE
JARDIM
DO
SERIDÓ
José Nilton de Azevedo

UM PASSO A MAIS NA HISTORIA DE JARDIM DO SERIDO

JOSE NILTON DE AZEVEDO

UM PASSO A MAIS NA HISTORIA DE JARDIM DO SERIDO

1988

A MEMORIA DE ANTÔNIO DE AZEVEDO MAIA, por ter fundado a nossa cidade.

A MEUS PAIS FRANCISCO VITALINO DE AZEVÊDO E ADERVINA INACIA DE AZEVÊDO, meu profundo agradecimento.

A MINHA ESPOSA SELMA MARIA DE AZEVÊDO, AOS MEUS FILHOS RILAWILSON JOSE DE AZEVÊDO, RICHIELLE THAISE DE AZEVÊDO E RICHIENNE THAINARA DE AZEVÊDO, dedico e consagro este livro.

A MEMORIA DE TODOS OS MEUS PARENTES, este preito de amizade.

MEU AGRADECIMENTO SINCERO

Aos que lutaram e lutam pelo desenvolvimento de Jardim do Seridó.

Aos três grandes conhecedores da nossa hist6ria: Durval Augusto de Medeiros, Sebastião Arnóbio de Morais e Manoel Augusto dos Santos.

Ao grande escritor: Jader de Medeiros Britto pela orientação dada.

.

SUMARIO

PREFÁCIO

A história de um povo, de uma cidade ou de uma vida humana, em geral, sempre representa uma contribuição valiosa para se compreender, na perspectiva do tempo, não apenas a experiência de vida desse povo, cidade ou pessoa humana, mas também seu significado para os dias atuais, especialmente a organização da vida social que se pretende.

Aqui, José Nilton presta uma contribuição pioneira, levantando os dados primeiros, fundamentais de nossa *mui amada*, como diria o velho poeta lusitano, cidade de Jardim do Seridó.

A pesquisa de nosso conterrâneo, um ramo mais recente da antiga árvore de nossos fundadores, baseou-se, segundo os ditames da boa metodologia da investigação histórica, em dados primeiros da documentação escrita existente no 1 ° Cartório, nos arquivos da Prefeitura, nas atas da Câmara Municipal ou nos livros da Paróquia de Jardim do Seridó. Além disso, utilizou-se de outros dados colhidos em fontes secundárias, como sejam os trabalhos de autores que continham informações elucidativas sobre tópicos vários, inclusive de andanças por essas plagas de um personagem tão importante para a história do Nordeste e do Brasil como o Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (disse ele em certa ocasião, quando se conspirava a Confederação do Equador, que "ninguém pode ser livre estando com fome ou com uma baioneta nos peitos").

Baseou-se também José Nilton na preciosa informação oral dos mais velhos, dos que atuam hoje na vida pública do município e de outras pessoas do povo, com dados enriquecedores, no grande empenho de esboçar um rascunho de que tem sido a evolução política, econômica, social, cultural e educacional de nossa gente.

Será este um livro de referência, básico para quem pretenda mais tarde aprofundar o conhecimento e a análise deste chão de nossas raízes, com mais de dois séculos de história e que é visto como o Jardim do Seridó.

José Nilton segue um roteiro de pesquisador. Ocorre-me o de Jorge Amado ao de ver, passo a passo, a evolução de *Tocaia Grande*. Faltam à história de Jardim recursos da ficção típicos do romance, pois se trata aqui de consolidar informações de uma história documentada. E certamente não foi possível ao autor ir além do paciente tr4balho do pesquisador. Em

outro momento, talvez tenhamos a interpretação crítica dessa história, a análise independente de seus eventos, sobretudo das tensões havidas nas lutas pelo poder político local e pela posse da terra, entre os indefesos pequenos proprietários e os todo-poderosos latifundiários.

A questão social que sempre teve e tem sua expressão nas relações sociais, de produção e de trabalho, entre as classes mais e menos favorecidas, continua a esperar a devida e objetiva análise. Jardim do Seridó não seria exceção. Apesar da ótica cor-de-rosa de nosso historiador, num município como o de Jardim, cuja produção, desde os primórdios, é de base agrícola, apesar dos empreendimentos industriais das últimas décadas, não sabemos até que ponto a preocupação ética, o sentimento de justiça social terá prevalecido naquelas relações. Nessa perspectiva, um documento transcrito no livro é bastante elucidativo: o inventário de Micaela Dantas Pereira, esposa do 2° Antônio de Azevêdo Maia, fundador do povoado. Nele está caracterizado o sistema econômico escravocrata dominante no Brasil de então. Estimava-se ali em 100$00 (cem mil réis), o valor de um "cabra de 12 anos por nome de Manoel" ou em 40$000 (quarenta mil réis), o de "uma mulatinha por nome Ignez, de idade de dois anos".

Sem dúvida, encontramos neste livro um conjunto de informações significativas presentes em vários capítulos. Destaco algumas. No capítulo dedicado à história religiosa da cidade, observa-se que, pertencendo Jardim à jurisdição da Diocese de Olinda, no século passado, coube a D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, autorizar a consagração da Freguesia de N. S. da Conceição ao Coração de Jesus. Como se sabe, D. Vital projetou-se na História do Brasil por sua atuação na chamada Questão Religiosa, que constituiu talvez a primeira crise nas relações entre a Igreja e o Estado (Imperial), a partir das decisões do bispo pertinentes à Maçonaria.

Considerável espaço é dado ao capítulo que trata das administrações municipais e das lideranças políticas locais. Além da relação completa dos prefeitos e dessas lideranças, são acrescentadas, quando possível, suas realizações. Critério semelhante é adotado em relação aos vigários, juízes, delegados, diretores e professores do grupo escolar ou mestres da Banda de Música Euterpe Jardinense.

Há dados curiosos sobre as denominações dos sítios, sobre a iluminação da cidade, sobre tipos humanos populares e intelectuais que marcaram a vida da cidade, sobre as inscrições rupestres, as festa populares e tantas mais.

Anoto algumas lacunas. Faltou uma palavra sobre as escolas particulares como a de D. Hercília, onde minha geração se alfabetizou, sobre o movimento bancário na cidade, com a introdução do uso do

computador em suas operações, sobre o artesanato popular com realce para as esculturas de Júlio Cassiano. Mas, afinal, Roma não sé fez num dia.

Essa complementação poderá ser feita em edições futuras. De qualquer modo, é indiscutível o mérito do trabalho de José Nilton. Graças a ele, temos, seus conterrâneos, a oportunidade de conhecer melhor as pegadas de nosso caminhar.

Jader de Medeiros Brito

NOTA PRELIMINAR

Quando estudante, certa vez, um professor disse para a turma: "— não esqueçam de deixar alguma coisa escrita".

Desde esse dia, e já lá vão muitos anos, foi se iniciando o trabalho de pesquisar sobre Jardim do Seridó.

E, com a ajuda valiosa de várias pessoas, ouvindo os mais velhos *(encontrando-se* nesses uma retrospectiva de um passado), foi-se colhendo aqui e ali informações preciosas do crescimento da Fazenda Conceição.

Logo se começou a sentir que esta história deveria ser levada aos jardinenses, que são os responsáveis por ela.

Mostrando como se processou o povoamento, as ocorrências que põem em maior evidência o sentido desenvolvimentista da terra.

Jardim tem sido a terra de patriarcas inesquecíveis, de varões de personalidade firme e impoluta, que representam e simbolizam, de maneira expressiva e indiscutível, a generosidade de um povo bom, lutador, puro, grande na alegria desta região. É uma parcela sagrada desse todo unido, coeso, vibrante, entusiástico, ligado por laços sanguíneos e de afetividade, pelos costumes e pelo tempo, pela tradição e pelo passado; esse todo, esse conjunto inseparável que honra e dignifica esse pequeno torrão do Seridó.

Assim, se vai expondo e apresentando em ligeiros traços um pouco da história, da vida religiosa, social, econômica, política e administrativa de Jardim do Seridó. O objetivo é levar o barco em defesa dos supremos anseios culturais do povo jardinense.

O Autor

1° CAPÍTULO

ORIGEM E PRIMEIROS TEMPOS DOS AZEVÊDO NA FAZENDA CONCEIÇÃO

A **Origem da Família Azevêdo**

Diz Sebastião de Azevêdo Bastos, que a família AZEVÊDO teve sua origem na figura do português Dom Pedro Mendes de Azevêdo que foi o primeiro a se chamar de Azevêdo.

Diz ainda que José Antônio de Azevêdo Maia e Izabel Pereira Alves Maia, portugueses, não emigraram para o Brasil como alguns de seus parentes, mas deixaram vir os filhos: Antônio de Azevêdo Maia e Maria de Azevêdo Alves Maia. Estes vieram por incentivo de seu tio Capitão Pedro da Costa Azevêdo. Colocando-os na Província, arranjando-lhes casamento entre as melhores famílias da terra, dadas as suas condições sociais e econômicas de grande proprietário e com família prestigiada no cenário político do Brasil. E foi na Paraíba onde se realizou seu casamento. Daí partiu para o Seridó, comprou terras e construiu grande prole.

Mas, a família AZEVÊDO, no decorrer dos tempos e em seus entrelaçamentos foi perdendo o sobrenome primitivo, já porque a mulher tem que adotar, em regra geral, o sobrenome do marido e também porque muitos pais registram os filhos sem o sobrenome da família da esposa, como se vê com a família de Antônio de Azevêdo Maia, que foi tronco da família Azevêdo Maia no Seridó.([1])

A História

"As primeiras penetrações no território ocorreram na última quarta parte do século XVII, quando para ali se dirigiu uma expedição comandada por

(1) BASTOS, Sebastião de Azevêdo — *No Roteiro dos Azevi ¡o e Outras Famílias do Nordeste,*

Domingos Jorge Velho, que encontrou uma verdadeira revolução dos índios Cariris, habitantes da região".([2])

Os povoadores do sertão potiguar, ao contrário do que se diz de modo geral da gente lusitana vinda ao Brasil nos tempos do seu povoamento, foram homens de austeros costumes e acentuado sentimento de honra pessoal e de família. Em contato ali, com a natureza ingrata e perigosa, e grande, o heroísmo daqueles que, civilizados, se destinavam a penetrar nas matas dos sertões de então, naqueles primeiros tempos em que se arriscavam indo ao encontro das tribos, das feras e das cobras. Sujeito também, a enfrentar, pragas e doenças deixadas pelos primitivos.

Mas, nada melhor para aqueles que, naquela época remota, andavam a cata da fortuna, do que adquirir terras para criação de gado. Foi, justamente aí, que o homem foi forçado a deixar de andar de região para região (nômades), para se fixar na terra (sedentários) e plantar aquilo que ele mesmo queria comer.

Porém, as correntes de povoamento só tiveram seu maior crescimento, quando a fazenda "Conceição" foi comprada na década de 1760 a 1770, por Antônio de Azevêdo Maia.

E Antônio escolheu o local para construir a casa da fazenda, ainda hoje preservada, situa-se à Av. Dr. Fernandes, n[9] 107, como acontece com as demais, perto dos rios, Seridó e Cobra, porque, ali está a água indispensável à vida dos homens e dos animais.

ANTONIO DE AZEVEDO MAIA (1º)

"Antônio de Azevedo Maia (1°) o patriarca do Seridó, nasceu em Portugal, no ano de 1706, casou-se na Paraíba, em 1730, com Josefa Maria Valcácer de Almeida Azevedo, paraibana (...) e rumaram ao Seridó, onde já existiam parentes deles."([1])

Segundo pesquisadores, o português Antônio, habitou na ribeira do Seridó, e constituiu família numerosa, provavelmente na Conceição de Baixo, onde possuía uma pequena terra, não se sabendo a quem comprou e nem quando. Entrelaçando-se, portanto, a grande família dos Dantas Correia e Araújo Pereira.

"No ano de 1796 foi processado o inventario por morte de Josefa Maria, cuja partilha de bens somente ocorreu após o falecimento de Antônio."([2])

O patriarca do Seridó faleceu na fazenda Conceição, aos 30 de novembro de 1796, com noventa anos de idade, sendo sepultado na Matriz de Santana, em Caicó.

"Do inventario consta que deixara sete filhos, dos quais lhe sobreviveram: três do sexo masculino e quatro do feminino, a saber: Antônio de Azevedo Maia, Jose de Azevedo Maia, Damásio de Azevedo Maia, Laurença Pereira dos Santos, Sebastiana Maria de Jesus, Antônia de Jesus, Ana das Neves de Macedo."([1])

(2) *Enciclopédia dos municípios Brasileiros,* p. *77.*
Domingos Jorge Velho foi famoso e eficientíssimo sertanista que, como mestre de campo de um regimento postado no sertão, e a serviço dos interesses dominantes propôs ao Governo liquidar os quilombos.

(1) BASTOS, Sebastião Azevedo — *No Roteiro dos Azevedo e Outras Famílias do Nordeste,* p. 35 e 36
(2) MEDEIROS. Olavo — *Velhas Famílias do Seridó,* p. 34

ANTONIO DE AZEVEDO MAIA (2º)

Antônio de Azevedo Maia (2[9]), nascido em 1751, natural da Paraíba. Filho mais velho de Antônio de Azevedo Maia (1°) e de Josefa Maria Valcácer de Almeida. Casou-se, por volta de 1767, com Micaela Dantas Pereira. Adquiriu por compra, na década de 1760 a 1770, ao Sargento-Mor Alexandre Nunes Maltez, de Igarassu, Pernambuco, a fazenda "Conceição", daí passou a ser "Conceição do Azevedo" em homenagem ao novo proprietário. Era formosa terra, de muito pasto para criar, tendo légua e meia de comprimento por uma de largura.

Ao fazer esta observação Dom Jose Adelino Dantas ressalta que "num documento encontrado, o Tenente Antônio de Azevedo Maia afirma perante o tabelião caicoense que," dentre os mais bens de raiz que possuião de mansa e pacifica posse he bem assim um Sitio de terras de criar gados nesta Ribeira do Seridó denominado Conceicam onde eles Doares são moradores — corn légua e meia de comprido e huma de largo, que houveram por titulo de comprado digo de compra que delle fiserao ao Sargento Mór Alexandre Nunes Maltez por Escritura publica paçada pelo Tabelião da Vila de Igarassu".([1])

"Já no inventario por morte de Micaela, Antônio declarou dever a Alexandre Nunes Maltes em Engenho da Macacheira do Igarassu a quantia de 200$000."([3])

"Ai se fundou a fazenda "Conceição do Azevedo". As cercas do curral de gado atravessavam a Rua Capitão Jose da Penha, diante da atual cadeia pública."([3])

No entanto, um pequeno povoado que arrastava forasteiros das demais partes da região, pela excelência de suas terras, propícias que eram, não só para criação, mas sobretudo, para o cultivo do algodão.

(1) DANTAS, Dom Jose Adelino — *Homens e Fatos do Seridó Antigo,* p. 87 e 89.

(2) Informações do 1° Cartório de Jardim do Seridó.

(3) CASCUDO,--Luiz da Câmara — *Velhas Figuras,* p. 150 — A Rua Cap. Jose da Penha é hoje a Rua Dr. Fernandes

OS FILHOS DE ANTONIO COM MICAELA

Do casal Antônio de Azevedo Maia (2°) e Micaela Dantas Pereira, nasceram treze filhos, sendo seis do sexo masculino e sete do feminino, que foram:

Joana Maria do Carmo,
João Dantas de Azevedo,
Maria Marcelina da Conceição,
Francisca Maria da Conceição,
Jose de Azevedo Maia,
Ana Rosa Dantas de Azevedo,
Antônio Maria da Conceição,
Antônio de Azevedo Maia,
Caetano Dantas de Azevedo,
Josefa Maria Dantas de Azevedo,
Isabel Maria da Conceição,
Francisco de Azevedo Maia,
Joaquim Jose de Azevedo.

Morte de Antônio de Azevedo

Antonio de Azevedo Maia (2°) faleceu em sua fazenda "Conceição do Azevedo", onde constituiu numerosa família, no dia 1° de maio de 1822, não alcançando a Independência do Brasil. Deixou Dona Maria Jose de Santa-

(1) Termo de óbito de Joao Dantas, encontrado no livro de óbitos, n° 1, p. 5 da Par6quia: — Aos seis dias do mez de abril de mil oitocentos e cincoenta e nove, foi sepultado abaixo do cruzeiro do cenitério desta Villa, o cadáver de JOAO DANTAS DE AZEVEDO, fallecido na tarde do dia antecedente, morador que era nesta freguezia, viúvo de Roza Maria dos Santos; falecido de congestão cerebral, os sacramentos, na idade de oitenta e oito annos; envoltoto em branco, e encommendado solenemente por mim; de que fiz este apsento. Que assigno. Vigario Francisco Justino Pereira de Brito.

(2) Termo de óbito de Antônio, livro n° 1 p. 19, da Par6quia: — Aos dezoito dias do mez de setembro de Mil oitocentos e sepsenta e seis, foi sepultado em uma das catacumbas do cemitério desta Villa o Cadáver de ANTÔNIO DE AZEVEDO MAIA, morador que era nesta Freguesia, casado com Ursula Leite de Oliveira, falecido de paralisia, sem os sacramentos, na idade te oitenta e quatro annos: foi involto em preto e encommendado solennemente pelo Reverendo Vice-Vigário Gil Braz de Maria. De que para constar fiz este apsento, que apsigno. Pe. Francisco Justino Pereira de Brito.

na, sua segunda esposa, viúva. Sendo assim sepultado na Capela Conceicao, na Igreja Matriz, como ele mesmo solicitou ao Bispo de Olinda.

Termo de óbito

"Ao primeiro dia do mez de maio de mil oito centos e vinte e dois na Capella da Conceição se deu sepultura ao cadáver de Antônio de Azevedo Maia, cazado, que foi com Maria Joze de Santa Anna, de idade de setenta annos, falecido de hua dor, involto em hábito branco, e enterrado das grades para sima, sendo encommendado pelo Reverendo Manoel Teixeira da Fonseca de minha licenca; de que para constar mandei fazer este assento, que assigno. O Vigº Francisco de Brito Guerra."([3])

Morte de Micaela Dantas Pereira

Micaela Dantas Pereira, primeira mulher de Antônio de Azevedo Maia (2°), filha do fundador de Carnaúba dos Dantas, Caetano Dantas Correia, faleceu na fazenda "Conceição do Azevedo", no dia 23 de maio de 1799, 23 anos antes da morte do marido, e sendo sepultada na antiga Matriz de Nossa Senhora da Guia do Acari, atual Igreja do Rosário.

Diz Jose Augusto que, "o segundo Azevedo Maia o precursor de Jardim do Seridó, não se conservou viúvo por muito tempo, tendo contraído novas núpcias com Maria Jose de Santana, que lhe sobreviveu (...)".(4)

Inventario

Os bens inventariados deixados por morte de Micaela:

Nove colheres de prata	6$800
Seis garfos de prata	5$100
Um par de fivela de prata	2$450
Dois pares de fivela redondas	3$500
Um par de fivela de calção	$400
Um tacho de cobre	3$600
Uma bacia de cobre	$800
Um prato de estanho	$800
Uma serra braçal de ferro	2$000
Uma serra pequena de ferro	$640
Três machados	1$200
Quatro freios velhos	$400
Seis enxadas	$960
Duas escopetas	$320
Cinco cadeiras de encosto	10$000
Duas cadeiras rosas	2$000
Duas mesas velhas	1$600
Dois bancos	$640

(3) MEDEIROS, Olavo de — *Velhas Famílias do Seridó,* p. 351.
(4) AUGUSTO, Jose — *Seridó* p. 87

Seis Cangalhas 3880
Duas selas .... 4$000
Um oratório pequeno .... 4$000
Cinco vacas .... 35$000
Quatro bois mansos .... 44$000
Quatro garrotes .... 16$000
Quatro garrotas .... 16$000
Oito bezerros .... 16$000
Oito bezerras .... 16$000
Setenta ovelhas entre machos e fêmeas grandes e pequenas.................... 28$000
Trinta e seis cabras entre machos e fêmeas grandes e pequenas ...... 14$400
Quatro cavalos mansos de serviço .... 64$000
Quatro ˙poldrinhos .... 18$000
Quatro potrinhas .... 16$000
Oito bestas mansas .... 80$000
Duas poldras mansas .... 20$000
Uma crioula por nome Viuncia de idade 32 anos .... 70$000
Uma mulatinha por nome Ignez de idade de dois anos .... 40$000
Um cabra por nome Domingos com idade de três anos .... 50$000
Um crioulo por nome de Faustino de setenta anos .... 70$000
Um cabra por nome de Manoel de 12 anos .... 100$000
Um escravo cabra dez anos .... 80$000
Três quartos de légua no Rio da Cobra com meia légua de lado,... 375$000
Um sítio denominado Joazeiro com meia légua de terra em quadra...... 400$000
Um sítio na serra do Cuité de plantar lavouras .... 80$000
Uma casa de taipa no sítio Cuité .... 30$000
Um sítio de criar gado denominado Conceição .... 50$000
Uma casa de morada de taipa ladriada de tijolos com nove portas
com dobradiças de ferro e quatro dita portas partidas, e sete janelas
com dobradiças .... 150$000
Declarou o dito inventariante dever o seu cazal a Alexandre
Nunes Maltes por obrigação que lhe passou morador em
o Engenho de Macacheira do Igaraçu a quantia de ....200$000
Declarou ainda que devia ao seu irmão Jose de Azevedo .... — 8$000;
A uma irmandade .... — 24$000;
Ao Pe. Antônio Caetano .... — 20$000.(5)

Termo de Obito de Micaela

"Aos doze dias do mez de junho de mil sete centos e Noventa nove annos na Capella de Nossa Senhora da Guia do Acari Filial desta Matriz

(5) Do arquivo do 1° Cartório de Jardim do Seridó.

se deu sepultura a Dona Michaella Dantas Pereira falecida no mesmo dia cazada que foi com o Capitam Antônio de Azevedo Maia com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreija tendo de idade quarenta e sinco annos envolta em abito Franciscano encommendada pelo Reverendo Padre Manuel Gomes de Azevedo de licenca minha e sepultada no Corpo da Igreja de que se fez acento que assignei. Jose Antônio Caetano de Mesquita."([6])

MARIA JOSÉ DE SANTA ANNA

Maria Jose de Santa Anna, foi a segunda mulher de Antônio de Azevedo Maia, que ficou viúva em 1° de maio de 1822. Era uma mulher agradável, como consta no diário de Frei Caneca. Eis o termo de Óbito de D. Maria José: "Aos doze de janeiro de mil, oitocentos, e quarenta e hum na Capella Conceição, filial d'esta Matriz, sepultou-se, à cima das grades o cadáver de MARIA JOZÉ, viúva, falecida d'estupor na idade de setenta annos com todos os Sacramentos; e sendo involto em habito branco, foi incommendado pelo Pe. Manoel Teixeira da Fonseca, de minha licença; do que para constar mandei fazer este assento, em que m'assigno. o Vig° Thomas Per[a] de Ar[o]"(7)

A Casa da Fazenda

A primeira casa da Fazenda Conceição, não podemos afirmar com precisao, o inicio e o termino de sua construção. Porém, hoje ainda existe, mas alterada, a Avenida Dr. Fernandes n° 107. Afinal, alguém nos informou que, deve ter sido construída na década de 1760 a 1770 para a sede da fazenda, logo após a compra das terras por Antônio de Azevedo Maia.

Era uma casa de taipa ladreada de tijolos com nove portas com dobradiças de ferro e quatro das ditas portas partidas, e sete janelas com dobradiças.([8])

Foi nesta casa onde Antônio e Micaela sempre residiram, chegando a construir numerosa família. Sabe-se também, que foi nesta casa que Antônio faleceu no dia 1° de maio de 1822.

Outrossim, no ano de 1824, passou por esta casa FREI CANECA e sua tropa, cujo nome é ligado a História do Brasil.

Segundo Dom Jose Adelino Dantas Frei Caneca anotou no seu diário: "— Saindo muito cedo, no dia 23, viajamos a povoação da Conceição, três léguas e meia de distancia". Ali, sua gente passou dois dias matando a fadiga e matando a fome. O que era a Conceição do Azevedo daquele tempo

(6) MEDEIROS, Olavo de — *Obra citada,* p. 351.
(7) MEDEIROS, Olavo de — *Obra citada,* p. 351
(8) E o que consta no inventário de Micaela, arquivo do 1º Cart6rio de Jardim do Serid6.

di-lo o religioso expedicionário: "E uma povoação com uma Igreja([9]) nova ainda por acabar"-. E acrescenta este pedacinho precioso: — "Ai achamos farinha, milho e aguardente, queijo etc." Boas perspectivas para quem vem com fome. E a qualidade não devia ser pequena. Aquele etcetera esconde muita coisa, possivelmente rapadura e came de sol (...).

Frei Caneca conheceu, na ocasião a viúva do fundador da povoação, Dona Maria José de Sant'Ana, "Senhora do Patrimônio admirável" diz ele.

Ao anoitecer do dia seguinte, os expedicionários deixaram a Conceição, e vem acampar nos arredores do rio Seridó, no sítio de S. João, e ali dormem (...)"([10])

(9) A igreja a que o Frei Caneca se refere era a Capela da Fazenda.
(10) DANTAS, Dom Jose Adelino — *Homens e Fatos do Seridó Antigo*, p. 139 a 140.

2° CAPÍTULO

BREVE HISTORIA RELIGIOSA DE JARDIM

O Patrimônio da Paróquia

"0 Patrimônio doado por Antônio de Azevedo Maia (2°) e Micaela Dantas Pereira a Nossa Senhora da Conceição, era de seiscentas braças de terra, que tinha o valor na época de duzentos mil reis, extremando, pelo nascente, com o Riacho Fundo, da Fazenda Zangarelhas, deles doadores, pelo norte pela estrada geral que passa pela porta deles doadores, no Sitio Conceição; pelo sul, com o rio Seridó, e, pelo poente, aonde faz Barra o rio Seridó com o da Cobra."([1])

Este Patrimônio foi colocado em leilão, em data desconhecida, sendo arrematado pelo primeiro Vigário, Padre Francisco Justino Pereira de Brito. Passando a ser proprietário da referida terra, vendeu parte da mesma a terceiros para construção de casas.

O Padre Justino, doou novamente o restante do terreno, por morte, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, como consta no seu testamento.

A Capela

Antônio de Azevedo Maia (2°), seis anos antes da morte de seu pai, e sua esposa Micaela Dantas Pereira, fizeram doação de parte de sua terra, como já foi dito, para construção do Patrimônio. Com isto, tendo como base a construção de uma capela.

Para esta finalidade, foram enviadas ao Bispo de Olinda varias petições (a seguir) que eram, feitas através do Pároco do Seridó (Caicó) em nome do suplicante Antônio de Azevedo Maia, de acordo com o que consta arquivado no final do livro de visitas canônicas da Capela do Azevedo.

A primeira petição enviada por Antônio foi para erigir a capela: "Diz Antônio de Azevedo Maia, homem casado, morador na Freguezia do Seridó,

(1) Informações do Primeiro Cartório de J. do Seridó.

na sua fazenda Conceição, que na mesma pretende o suplicante erigir uma Capella na mesma fazenda, pelos motivos constam da Certidão do(?) R. Páraco, que junto oferece; pelo que requer a V. Excia. por ora lhe mande passar Provisão para erigir a dita Capella, cujo Patrimônio apresentará conta(?) quando requerer a V. Excia. a outra Provisão de Benção.

À Sua Excia. por caridade seja servido deferir-lhe como requer.
Em 2 de maio de 1790."

Veja a Provisão enviada pelo Bispo para erigir a Capela de Nossa Senhora da Conceição:

"Dom Frei Diogo de Jesus Jardim por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Pernambuco, e do Conselho de sua Magestade Fidelissima etc. Fazemos saber que por sua petição nos enviou a dizer ANTÔNIO DE AZEVEDO MAIA morador na Freguezia do Seridó Vila nova do Príncipe que ele queria erigir huma Capella por invocação Nossa Senhora da Conceição em lugar decente para que já havia constituído sufficiente Patrimônio, pedindo-nos por fim de sua supplica lhe concedessemos licença para se erigir a dita Capella, e benzer a primeira pedra, e lançar, e no lugar costumado. E attendendo Nós a sua juxta supplica, visto ter obra tão pia do serviço de Deos, e bem das almas, e por nos acharmos legitimamente impedidos para fazermos pessoal esta função, que só a Nós pertence de Direito, comettemos nossas vezes ao R. Páraco da dita Freguezia, para que possa benzer a primeira pedra, sendo affeissoada por official de pedreiro, com as cruzes necessárias, e lançar-se no lugar que lhe compete, segundo as dispozições do Ritual Romano, e depois de erecta se requerera a benção dela. Dada em Olinda sob sello de nossa chancellaria, e nosso signal aos 10 de maio de 1790. Eu Clemente Fernandes de Moraes Escrivão da Câmara Episcopal, a subscrevi."([2])

A construção da capela teve o seu início no mesmo ano, ou seja, em 1790, tendo como chefe o próprio Antônio, que recebeu ajuda da comunidade, que era ainda muito pequena, sendo concluída em 1805, quinze anos depois, pertencendo a Freguesia do Seridó, atual Caicó, durante trinta anos, ate 1835, quando passou a pertencer por 21 anos a nova Paroquia de Acari.

Segundo os mais velhos, a capela era de estrutura pequena, tendo a sua frente voltada para a casa da fazenda, ou seja, para o norte, e que pelo lado oeste, existia um cemitério, o que uso da época, onde hoje fica a nave. central da Matriz. ([3])

Em 27 de outubro de 1804, Antônio de Azevedo Maia, fez outra solicitação ao Sr. Governador do Bispado, pleiteando Benção da Capela, ei-la:

"Exm° Sr. Governador do Bispado.

(2) Registro no livro 34 a folha 149 do Bispado de Olinda.

(3) A Igreja era construída do lado do nascente como símbolo do nascimento pelo batismo. O cemitério ao poente como símbolo do ocaso da vida.

Diz Antônio de Azevedo Maia, que em virtude da Provisão junta erigiu a Capela de Nossa Senhora da Conceição no seu Sítio do mesmo nome, Freguezia do Seridó; e como do outro documento tão bem junto consta que está com Patrimônio; nestes termos requer a V. Sa mande passar Provisão para benser a dita Capela.

P. a V. Sª seja servido deferir-lhe como requer."

Dois meses depois, o Bispado de Pernambuco enviou a autorização para benzer a Capela:

"Dom Joze Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, por mercê de Deos, e da Santa Se Apostólica Bispo de Pernambuco, do Conselho S. Majestade Fidelissima, que Deos guarde.

Fazemos saber, que por sua petição nos enviou a dizer Antônio de Azevedo Maya, morador na Freguezia do Seridó de nossa licença se havia erigido a Capella de Nossa Senhora da Conceição da mesma Freguezia do Seridó, em lugar decente e livre de toda a comunicação, como nos contou por certidão do Reverendo Parocho e tão bem de ser capaz para nella se celebrar o Santo Sacrifício da Missa, e mais officios Divinos, pedindo-nos por fim de sua suplica, mandamos passar a presente, digo, suplica, mandamos benzer. E atendendo a sua justa suplica, mandamos passar a prezente, pela qual commetemos nossas vezes ao Reverendo Paroco da dita Freguezia do Seridó para que fosse, na forma do Ritual Romano possa benzer a dita Capella, visto nos acharmos impedidos, para por nossa Pessoa o fazermos, estando a dita Capella paramentada na forma de nossas constituições, e sem prejuizo dos Direitos Parochiaes. Dada em Olinda sob selo da Chancellaria, e sinal do nosso Reverendo Governador do Bispado. Aos 27 de dezembro de 1804.

Manoel Vieyra de Lemos Sampayo."

Finalmente, Antônio de Azevedo Maia encaminhou pedido de sepultura na capela por ele construída. Porém, esta carta tem passagem ilegível não tendo sido possível decifra-la, mas se conseguiu a interpretação do seu conteúdo.

"Diz Antônio de Azevedo Maia, homem branco, cazado, morador no Sertão do Seridó, que em sua fazenda denominada da Conceição"; edificara huma Capella em honra da Senhora com o titulo da Conceição, para isto doou seiscentas braças de terra em quadra, em valor de duzentos mil reis; além de todo o benefício e o necessário para o culto divino. o suplicante pede verdadeiramente, para si, sua mulher e filhos uma sepultura perpétua no lugar da Capela maior da parte do Evangelho, abaixo dos degraus do Altar, a qual seja conservada sem contradições de pessoa alguma; e para que na conformidade do § 855 do Capítulo 56 das constituições deste Bispado que ninguém pode dar direito de sepultura, perpétua, nem se pode permitir a mesma sepultura na Capela maior sem licença ordinária.

A V. Sª se digne mandar-lhe passar Provisão na forma do estilo."

Eis a Provisão endereçada a Antônio de Azevedo Maia dando ordem a sua sepultura:

"Nós, Deão, Dignidade, Cônegos, Cabido da Cathedral do Sm° Salvador de Olinda, Sede Episcopal vacante.

Pela presente Nossa Provisão, fazemos saber que atendendo ao zelo e dispendio que tern tido com a edificação da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia do Seridó, ANTÔNIO DE AZEVEDO MAIA, constituindo-se por isso seu primeiro Benfeitor; havemos por bem de conceder-lhe faculdade para na dita Capela possa eleger uma sepultura que perpetua, a excepção da Capela-Mór, para si, sua mulher, e filhos, a qual será privada para os referidos somente, e que merecem esta grata, falecendo fieis. Esta será apresentada ao R. Pároco para a fazer observar. Dada em Olinda sob nosso Sinal e Selo da chancelaria aos 14 de marco de 1809. Eu, Jose dos Santos Pinheiro, Escrivão da Câmara Episcopal, a escrevi. (a) Jose B. da Fonseca Galvão — Arcediago."

Então, Antônio de Azevedo Maia (2°) está sepultado na capela lateral da Igreja Matriz onde se encontra o altar de Nossa Senhora do Rosário.

Muitas outras pessoas estão sepultadas também na nave central da Matriz, onde ficava o cemitério antigo. Porém, mesmo depois de construída a Matriz, foram sepultadas varias outras pessoas no seu interior, segundo os costumes da época.

As fazendas circunvizinhas, beneficiadas com a capela, que oferecia assistência religiosa, missa, casamento, batizado, encomendação de defunto, bênção de cova etc. contribuíram para que o povoado crescesse. Por isso, os fazendeiros começaram a construir casas próximas a capela. Essas casas serviam para o abrigo das famílias durante as festas religiosas.

Elevada a capela à condição de Igreja Matriz e o Município a de Freguesia, por Lei Provincial n° 337 de 4 de setembro de 1856, não tardou que se cogitasse da construção de um grande templo para sede da nova Par6quia.

Da capelinha da Conceição foi, pouco a pouco, surgindo a atual Matriz, cuja edificação começou, provavelmente, quando da criação da Paróquia, sendo concluída em 1860.

Quem mais trabalhou por esse objetivo foi o Pe. Francisco Justino Pereira de Brito, o primeiro Vigário da. Paróquia,- levantando-a até os corredores laterais. No ano de 1920 o Pe. Inácio Cavalcante fez a reconstrução interna, reformou o altar-mor e retirou as tribunas dos corredores.

A maior reforma da Matriz foi realizada de 1964 a 1965 pelo Vigário Pe. Ernesto da Silva Espínola. Construiu todo o forro de cimento armado, mudou o piso, demoliu três altares e a sacristia antiga, construindo outra menor. Abriu todas as janelas e portas, proporcionando una maior entrada de ar. Retirou as grades do altar-mor ficando bem mais ampla a nave da Igreja.

Nos altares laterais estão as imagens de Nossa Senhora de Fátima, Das Dores e do Rosário.

Duas torres com sinos completam sua arquitetura.

A respeito das bandeiras que são encimadas nas torres da Igreja Matriz, como se vê, uma é em louvor a Nossa Senhora da Conceição, a Padroeira, e a outra, simboliza o Império. Ora, nos anos de outrora a Igreja era ligada ao Estado (Império), de que foi separada em 24 de fevereiro de 1891.

Uma preciosa anotação feita pelo Pe. Luiz Wanderlei, é que "no dia 27 de outubro de 1929, pelas $9^1/_2$ horas, em presença de numerosos fiéis, o Pe. Luiz, benzeu com as solenidades do estilo, o novo sino de nossa Matriz, que foi adquirida na casa Foster, e pesa 138 Kilos, custou 1:656$000". ([4])

Imagens da Padroeira

Segundo informação valiosa obtida na Paróquia de Jardim do Seridó, a Capela da Conceição possuía uma pequena imagem de Nossa Senhora, de barro (a primeira da capela), possivelmente ofertada pelo fundador Antônio de Azevedo Maia (2°).

Esta imagem esteve exposta na exposição histórica paroquial em 1956, ano centenário da paróquia, sendo desaparecida da Matriz há vários anos.

A segunda imagem chegada à Igreja Matriz tem tamanho médio, de madeira, revestida de massa estilo barroco, deve ter sido adquirida na ampliação da Igreja Matriz, na fundação da paróquia. Foi restaurada na década de 50 e encontra-se em perfeito estado de conservação, na Matriz. É esta a imagem conduzida na procissão da padroeira.

A terceira imagem, de tamanho natural, moldada de gesso, de origem francesa, uma das mais belas do Brasil, foi entronizada oficialmente em 8 de dezembro de 1914 pelo Pe. Inácio Cavalcanti, que reformara o altar-mor da Matriz, construindo o nicho de vidro para proteção da Santa.

Os Vigirios

A Par6quia de Jardim do Seridó (desde a capela ate hoje), foi administrada por trinta párocos, sendo herdeira de numerosos trabalhos deixados por esses dedicados servidores. Foram eles:

Francisco Justino Pereira de Brito 1856-1871
Jose Modesto ………………………….……………. 1871
Isidóro Gomes de Souza …………………………….. 1871-1883
Luiz Inácio de Moura ………………………………… 1883-1885
Jose Antônio da Silva Pinto 1885-1892
Joao Francisco Fernandes …………………………… 1892-1893_
Luiz Marinho de Freitas ……………………………… 1893-1896
e 1897-1899

(4) *Livro de tombo n°* 1, do Arquivo Paroquial.

Emídio Cardoso 1896-1897
e 1899
Francisco Severino 1899
Marcelino Rogério dos Santos... 1899-1908
Inácio Cavalcanti 1908-1914
Antônio Vicente 1914-1919
Manoel Galvão 1920
Amâncio Ramalho 1921-1924
e 1938
Luiz Wanderley 1927
e 1928-1931
José Ribamar Bissinger.. 1927
e 1938-1940
Manuel Costa .... 1931 e 1932
Ulisses Maranhão 1931-1932
e 1933-1934
Vicente Freitas.. 1932-1933
e 1935-1936
Pedro Paulino Duarte 1934
Misael de Carvalho 1934
Antônio de Melo Chacon 1934-1935
e 1938
Natanael Erzias Medeiros... 1927-1928
1935
1936
Expedito Medeiros 1940
Eynard L'E Monteiro 1940-1943
Frei Francisco Solano 1944
e 1944-1945
Frei Ildefonso Rafouf 1944
Aloísio Rocha Barrêto 1945-1958
Jalmir Albuquerque Silva 1954
Ernesto da Silva Espínola .... 1958-...

Os Vigários que mais Trabalharam

Sem subestimar a contribuição prestada pelos demais, é de justiça destacar ação empreendida por estes vigários:

Pe. FRANCISCO JUSTINO PEREIRA DE BRITO (primeiro vigário), construiu a Igreja Matriz e foi vigário da paróquia durante 15 anos;

Pe. JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA PINTO, que deixou traços bem vivos da sua ação e da sua fé, impressionando da tribuna sacra com os seus grandes dotes de orador.

Poeta, orador, educador, foi o Padre Pinto um continuador daqueles grandes Padres Jesuítas, a quem o Brasil deve a sua notável ação colonizadora. Durante seu paroquiato, foi construída a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Pe. INÁCIO CAVALCANTI, tendo feito grande reforma na Igreja Matriz, adquiriu a atual Imagem de Nossa Senhora da Conceição, doação das Filhas de Maria.

Monsenhor LUIZ CARLOS WANDERLEY, que dinamizou a paróquia, intensificando a ação litúrgica e catequética, além de conseguir o sino grande da torre da Matriz.

Cônego ALOÍSIO ROCHA BARRÊTO, que foi vigário durante 13 anos nesta paróquia, fez também reformas na Matriz, instalou. o relógio da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em 1952, montado pelo mecânico Antônio Lopes e o relojoeiro Francisco Sales de Azevedo (Bebedo). Construiu o prédio da Escola Rural Jardinseridoense.

E o atual Pe. ERNESTO DA SILVA ESPÍNOLA, que é vigário desta paróquia, desde 1° de maio de 1958. Homem de grande zelo espiritual, não mede esforços para incentivar a vida cristã, pela celebração da liturgia sagrada e administração dos sacramentos.

Empreendeu a maior reforma na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de 1964/1965. Também reformou a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, nos anos de 1970 e 1984. Fez ainda a reforma da casa paroquial.

O Primeiro Vigário

O Pe. Francisco,Justino Pereira de Brito,'o primeiro vigário de Jardim do Seridó, nasceu em 15 de abril de 1819, filho de Joaquim de Santa Anna Pereira e de D. Maria Tereza das Mercês, que residiam no Sítio Retiro, neste município, onde possuíam terras.

Dos 29 anos de sacerdócio de Pe. Justino, 15 foram passados em Jardim do Seridó.

Em 1858, foi agraciado com o título de visitador-geral e Delegado do Crisma da Província do Rio Grande do Norte, tendo assumido esse cargo e prestado juramento na Vila do Acari, aos 11 de abril daquele ano, das mãos do Pe. Tomaz Pereira de Araújo, em substituição ao visitador Fernandes.

Foi deputado estadual no período Imperial de 1860 a 1861 e de 1868 a 1869.

De acordo com o que foi encontrado no arquivo do 1° Cartório Judiciário de Jardim do Seridó, segue o precioso TESTAMENTO deixado pelo Pe. Francisco Justino Pereira de Brito. Ei-lo na íntegra:

"IMJ. Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo em quem eu, o Pe. FRANCISCO JUSTINO PEREIRA DE BRITO, firmemente creio, e em cuja Fé protesto viver e morrer. Este o meo Testamento e ultima vontade. Declaro, que sou natural da Freguezia da gloriossima Senho- ra Santa'Anna da Cidade do Príncipe, desta Comarca do Siridó, filho legitimo de Joaquim de Santa'Anna Pereira, e sua mulher Dona Maria Tereza das

Mercês, ja fallecidos, e sepultados na Matriz d'aquella Freguezia; que nunca fui cazado; e nem tenho filhos de qualidade alguma; nem tão bem mais herdeiros ascendentes, ou herdeiro algum necessário, e forçado, que me impida de dispor livremente de todos os meos bens, pelo modo, que eu julgue conveniente, e me permittem as Leys. Declaro que sou Presbytero Senhor do Habito de São Pedro, e Parocho Collado nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição, desde o anno de 1857; e não tenho a mais ligeira intenção de mudar a minha residencia desta Freguezia, onde espero morrer, e ser sepultado em uma das Catacumbas proximas a Capella do Cemiterio, corn acompanhamento das minhas Irmandades, da Padroeira, do Santissimo, das Almas, das quaes sou, desde muito, Thezoureiro; e com a decencia, e solennidade, que for possivel, hindo amortalhado corn vestes sacerdotaes, como exige o meo Estado. Quero que sejdo ditas Missas por minha Alma, no dia do meo enterro, por todos os Sacerdotes assistentes; e bem assim no dia do meo officio solenne, com a esmola, que arbitrar o meo Testamenteiro; quero mais, que se diga por minha Alma uma Capella de Missas, em memoria da Paixdo e Morte de Nossa Senhor Jesus Christo; e urn Oitavario, em memoria das Dores de Sua Mãi Santissirna; mais duas Capellas pelas Almas de meos Pais, Parentes, Amigos, Benfeitòres, e Freguezia, fallecidos, até o dia da minha morte mais — uma Capella pelas Almas do Purgatorio em geral, — e mais, uma Capella pelas Almas de todas as pessôas, com quem tive relações de negocios, ou de incumbencias especiais; sendo todas estas Missas, ou Capellas de Missas, de conformidade com a distribuição da Justiça Divina, a quem humildemente supplico indulgencia e mizericordia em favor da minha Alma. Declaro que pelas muitas mercês, que tenho recebido, e espero obter da Santissirna Padroeira, a Senhora da Coriceição, a ella peço permissão, para doar-lhe o Patrimonio, que outrora lhe pertencêo e que arrematei em hasta publica, no Juizo da Provedoria, desta Villa; constante da seiscentas braças de terra, e uma Caza de tijôlo, acostada ao meo sobrado, ficando pertencendo à mesma Santissima Padroeira, do dia da minha morte em diante, dito Patrimonio, sem mais onus, ou condição algua, menos Cento e quarenta braças de terra, que eu havia vendido ao Sr. Bellarmino Bizerra Cunha, ja hoje fallecido, no lugar, onde se acha empossado; a Caza, que fica petencendo aos meos herdeiros; e os terrenos ocupados pelas minhas propriedades, inclusive o do meu assude; assim como alguns chãos, que vendí a particulares. Todo o mais terreno, daquelle dia em diante, fica pertencendo a minha e amantissima Padroeira, Advogada e Mãi. Declaro que perdôo a Fabrica da minha Matriz, quando me estiver devendo, dando essas contas por juntas. Declaro que pelo muito, que me tem merecido Dona Florencia Avellina de Jezus Maria, minha parenta, e distinta Paroquiana; e por me haver asseverado e protestado querer viver sempre, ate a sua morte, no estado de solteira, e de virgem, em que tem permanecido até agora; embora o desatino, e impiedade dum membro de sua família se esforçasse por inculcar o seo descredito, como se tornou solene no dominio publico; para auxiliar a sua piedade, vitudes angelicaes,

e pureza exemplar, faço-lhe doação da minha Fazenda de Santa Izabel, no rio Siridó, desta Freguezia, comprehendendo as cazas, terras, contidas no sitio catururé, Fructeiras, cêrcas, e todas as benfeitorias; assim como as criações todas, de gado vaccum, cavallar e ovelhum; ficando ella, do dia da minha morte em diante, dona da referida Fazenda, e de seo ferro, e signal, podendo dispor livremente de tudo, si sempre viver solteira, e virgem, como me ha protestado; e como piamente creio, e confio, attentas as virtudes, de que a Divina Providencia a circundou. Os meos herdeiros, longe de censurarem meo procedimento a esse respeito, deverão, pelo contrario, applaudir, e encher-se de prazer, por verem assim auxiliada a virtude, e piedade dua Senhora, que por tantos títulos, se tem tornado recomendavel; e em vista eu extremamente a amei, corn affecto paternal, reconhecendo nella a grata retribuição do amor filial, sem que se desse entre esse enlace respeitável qualquer desatino de reprovação. Peço pois aos meos herdeiros, indulgencia, e não censura. Declaro que deixo para a Caixa Pia, a ser entregue ao Exm° Revm° Ordinario, duzentos mil reis (200$) que o meo Testamenteiro fará entregar-Ihe em moeda contada; assim como lhe entregará a minha estola preta, rica, que lhe deixou, como lutuoza do meo Paroquiato, segundo recomenda o Direito Canonico e Conciliar. Decláro que institúo meos herdeiros os meos Irmãos germanos, e seos legítimos descendentes, por se não ter dado, em toda minha vida, motivo algum de obstáculo a nossa união, e amor fraternal. Declaro que perdôo aos meos Vaqueiros e Amigos — Rodrigo de Medeiros Rocha, Alexandre Manoel de Góes Junior; e Vicente Ferreira Liberalino, quaesquer debitos, que tenhão para comigo, ao tempo da morte, em attenção aos bons serviços, obséquios, e favôres, que me hão prestado. Declaro, que deixo cem mil reis (100$) para se distribuírem pelas viúvas, e órfãos desvalidos desta Freguezia, em qinhões de dez mil reis (10$) à menos, até perfazer aquella somma. Declaro que não devo a ninguém, salvo as Irmandades, das Almas, da Freguezia do Príncipe, e do SSmº, desta Freguezia, das quaes sou Thezoureirci; o que acusarem as verbas respectivas. Declaro que sou Irmão-remido-nas Confrarias de S. Pedro, de Nossa Senhora da Soledade, da Cidade do Recife; e o meo Testamenteiro acientificará de minha morte aos Thezoureiros daquellas Irmande, pª promoverem os Suffragios, que me forem dividos em vista dos compromissos. Declaro que não deixo dinheiro algum occulto; e o pouco, que há, será achado na minha commoda, e caixas de pregaria, existentes no quarto da minha cama d'armação. Declaro que as dividas, que deixo a cobrar-se, são as constantes do meo livro de razão, e das letras, e documentos, que se acharem: sendo a maior a do Snr. Manoel Ildefonso D'Oliveira e Azevêdo, meo injusto perseguidor, constante da Sentença do Juízo, e Fôro Eclesiástico da Diocese, em grosso volume que o meu Testamenteiro apresentará, para dar-lhe a divida execução; em vista da Ley. Alguns dinheiros de empréstimos, tenho tão bem em mãos alheias; e alguns até sem documentos, ou nota; mas confio, que os devedôres mesmos os acusarão. Declaro que tenho cazas de alluguel, mencionadas todas

em um livro especial; à vista do qual se saberão, o que estão á dever os inquilinos respectivos. Declaro que sou alistado Irmão em todas as Confrarias religiozas de minha Matriz, na de Sta Anna, do SSm°, das Almas, da Cidade do Principe; e na de Nossa Snra da Guia, do Acary; nas quaes todas ando sempre em dia nos meos pagamentos; e das quaes espéro, e supplico os refrigerantes suffragios por minha Alma, devendo o meo Testamenteiro exigi-los opportunamente . Declaro, que não faço especial menção da minha terça, como me permitte a Ley, por não temer regeição, ou objice algum, da parte dos meos herdeiros, às dispozições que ficão exaradas pelo meo punho neste Testamento. Declaro ainda que perdôo ao Amigo André Cursino de Medeiros, o que está a dever-me, constante dua letra, que delle tenho, em attenção aos bons serviços, e officios de amizade, que me prestou, em todo o tempo, em que aqui morou. Declaro que o Hospital que fiz nesta Viila, quasi à minha custa, fica considerado obra publica, e da Caridade; cujo producto reverterá em auxilio da Matriz, e do Cemiterio, fazendo parte do Patrimonio da SSma Padroeira. Declaro que o Sitio do Pau-furado — comprado á Jozé de Góes Limoeiro, faz hoje o Patrimonio Canonico do Ordenando João Maria Cavalcante de Brito; e só, por morte do doado, ou por sua Collação em beneficio Ecclesiastico, tem de voltar para os meos herdeiros. Os bens, que possúo, quér em sitios, e terras; quer em Cazas; quer em criações; quer em escravos; quer em mobilias, e utensilios; são bens sabidos de todos; e por isso julgo desnecessario fazer delles especial menção. Rógo ao meo Mano Joaquim Apollinar Pereira de Brito, em primeiro lugar; Dor. Manoel José Fernandes, em segundo lugar; e Rodrigo de Medeiros Rocha, em terceiro lugar, queirão fazer a obra pia, e caridoza de ser meos Testamenteiros, encarregados do cumprimento deste meo Testamento, percebendo o premio da vintena. É esta a minha ultima vontade, e disposição, para depois da minha morte. Para firmeza de tudo fiz este de meo punho e assigno. Villa do Jardim, 20 de julho de 1871. O Virg° (a) Francisco Justino Pereira de Brito."

Faleceu e foi sepultado no Cemitério público de Jardim do Seridó, no dia 8 de novembro de 1871, com 53 anos de idade.

Termo de Óbito

"Aos oito dias do mez de novembro de mil oitocentos e setenta e um, foi sepultado em um Mausoléo, no cemitério desta Villa, o cadaver do Padre FRANCISCO JUSTINO PEREIRA DE BRITTO, Vigário que era desta freguezia de Nossa Senhora da Conceição; falecido de insuficiencia de Valvolas, com todos os Sacramentos, na idade de cincoenta e três annos; foi'involto em vestes Sacramentais roxas, e encommendado solennimente por mim, como Coadjutor da mesma Freguezia. Do que para constar fiz este assento, que assigno. Pe. Isidório Gomes de Souza."(1)

(1) *Livro de óbitos n°* 1, p. 29, do Arquivo Paroquial de Jardim do Seridó.

Os Vigários Sepultados em Jardim do Serido

Três padres estão sepultados no cemitério público de Jardim do Seridó. São eles: Francisco Justino Pereira de Brito; Manoel Teixeira da Fonseca (2) e Luiz Marinho de Freitas. Porém, nenhum padre foi sepultado na Igreja Matriz.

As Principais Festas Religiosas

A Festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da cidade, celebrada no período de 29 de novembro a 8 de dezembro, e a mais tradicional festa religiosa da paróquia.

A Festa do Sagrado Coração de Jesus, celebrada de 30 de agosto a 8 de setembro, também é muito participada e tradicionalmente realizada.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião, são celebradas de 30 de dezembro a 1° de janeiro, desde 1863. É conhecida popularmente como "Festa dos Negros", em virtude da participação especial dos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário ou Negros do Rosário, pois é a padroeira dos escravos. E geralmente considerada a mais popular de nossas festas religiosas. No dia 31 de dezembro os negros promovem a "Coroação do Rei e da Rainha" em encontro público. O rei e a Rainha, coroados e vestidos de branco assistem aos atos religiosos na Igreja Matriz e participam, também, da Procissão de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião, no dia 1° de janeiro. Os demais negros do Rosário saem pelas ruas da cidade dançando com bandeiras e pontões (varas enfeitadas de fitas) ao som de tambores e pífaros.

Associações e Irmandades Religiosas

Na paróquia há quatro associações religiosas: Apostolado da Oração; Pia União das Filhas de Maria; Pia União de Santa Terezinha e Legião de Maria.

"Tendo também cinco Irmandades: de Nossa Senhora da Conceição que foi aprovado o compromisso pela Lei n° 481 de abril de 1860; de Nossa

(2) *Termo de óbito do Pe. Manoel Teixeira*, encontrado no Livro de óbitos n° 1, p. 17, do Arquivo Paroquial: — "Aos dezoito dias do mez de julho de mil oitocentos e sepsenta e quatro foi sepultado em uma das catacumbas do Cemitério desta Villa, o cadáver de Padre MANOEL TEIXEIRA DA FONSECA, morador que era nesta Vila, fallecido de indigestão, com os Sacramentos, na longa idade de noventa e hum annos: encommendado Solennimente por mim. De que para constar fiz este apsento, que apsigno. O Vig° Francisco Justino Pereira de Brito. — Vale salientar que o termo de óbito do Pe. Luiz Marinho de Freitas não foi encontrado.

Senhora do Rosário que foi aprovado pela Lei n° 951 de 16 de abril de 1885; a do Santíssimo Sacramento, São Sebastião e do Sagrado Coração de Jesus em 1902."(3)

Irmandade do Rosário

Na época da festa da Padroeira, 8 de dezembro, os negros estavam trabalhando a serviço dos seus senhores. Na passagem do ano, a festa era dos negros, os mesmos ficavam livres para reverenciarem sua Padroeira N. S. do Rosário, brincando, dançando e se alegrando.

Dois grupos de negros formam a irmandade: os negros da Boa Vista, sítio atualmente situado no Município de Parelhas, desde a antiguidade habitado por negros. Estes são de pura raça negra de descendência africana (Angola), ainda hoje mantêm este puro sangue, não se misturando com outras raças, único reduto verdadeiro da raça negra no Seridó. O outro grupo é o denominado de caçotes, apelido de família, habitantes do Município de Jardim do Seridó e de Ouro Branco. Além dos membros de cor preta da irmandade há também membros de cor branca, que contribuem para sua manutenção.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi fundada em 1863, por Joaquim Antônio do Nascimento.

Cópia do Termo de Consagração Solene da Paróquia ao Sagrado Coração de Jesus

"Aos seis dias do mês de dezembro de mil oitocentos e setenta e quatro, nesta Igreja Matriz, teve lugar a Consagração Solena desta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição ao adorável Coração de Jesus, segundo ordenou o Exm° e Reverº Senhor D. F. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo desta Diocese de Olinda, em sua Carta Pastoral, dirigida da Fortaleza de São João aos doze de junho, no que preceituou o Exm° e Revm° Cônego Chantre José Joaquim Camello de Andrade, primeiro Governador do Bispado, na sua portaria de oito de julho, do no referido anno.

De que para constar lavrei este termo de declaração, que assigno. O Vigário Encomendado, Isidoro Gomes de Souza."(4)

Igreja do Sagrado Coração de Jesus

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi construída de 1888 a 1892, no ponto mais alto da cidade, com os recursos do povo, incentivo e grande

(3) Informação do 1° Cartório de Jardim do Seridó.
(4) Do Arquivo Paroquial de J. do Seridó.

ajuda do Cel. José Thomaz d'Aquino Pereira, que, por um voto de fé, "pois se achava doente do Coração"([5]) tomou nos ombros a pesada tarefa e felizmente conseguiu levá-la a termo.

Existe no arquivo paroquial de Jardim do Seridó uma comunicação enviada pelo Cel. José Thomaz ao Bispo de Olinda, Pernambuco, cuja jurisdição pertencia Jardim, solicitando a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ei-la:

"José Thomaz d'Aquino Pereira, residente na cidade do Jardim, Parochia di N. S. da Conceição, na Província do Rio Grande do Norte, tendo, d'acordo com o Reverendo Parocho e mais fieis, deliberado projecto de fundar, nesta mesma cidade, uma Capella, no terreno do patrimonio da Augusta Padroeira, a Virgem da Conceição, com dimensão de 18 metros de largura e 25 de comprimento, dedicada ao SS. Coração de Jesus, vem mui reverentemente impetrar de V. Exª Revª previa licença, a fim de ser com a benevola approvação de V. Exª realisado esse projecto d'iniciativa religiosa, compromettendo-se, como se compromette o impetrante por se doar o patrimonio canonico da dita Capella, e promover os meios indispensaveis a Conceição de tão pia e elevado projecto.

Confiando na justiça do pedido e rectidão de V. Exª Revmª o impetrante espera e P. deferimento E. R. Mª Cidade do Jardim 4 de agosto de 1888. José Thomaz D'Aquino Pereira."

Recebeu a resposta autorizando a construção da citada capela em 22 de agosto do mesmo ano.

E de construção sólida e estilo moderno. Sabe-se que no altar-mor desta igreja, sempre estiveram expostas à veneração dos fiéis as imagens: do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora e de São José. Eram, três imagens antigas trabalhadas em madeira. Porém, destas só se encontra na igreja a do Coração de Jesus (a que sai em procissão anualmente). Portanto, essas imagens antigas foram substituídas por três imagens iguais, mais modernas e moldadas em gesso.

Existe ainda, uma capela lateral com o Santíssimo Sacramento e outra com nicho do Senhor dos Passos, imagem de tamanho natural ofertada pelo Sr. Manoel Lucas. Na nave central a cruz da passagem do século XX, à esquerda. ([6])

Primeiro Batizado

Foi encontrada no livro mais velho de batizados na Paróquia de Jardim do Seridó a primeira pessoa que se batizou:

(5) Informações obtidas de pessoas idosas.
Mesmo assim o Cel. José Thomaz morreu do coração, como consta no seu termo de óbito.

(6) Na recente reforma feita por Pe. Ernesto, a igreja foi aumentada em mais de quatro metros de comprimento.

"Manoel, filho legítimo de Alexandre Garcia Pereira e de Francellina Maria dos Anjos, naturais e moradôres nesta Freguezia, nasceu aos quinze de dezembro de mil oitocentos e cincoenta e seis, e foi baptizado com os Santos oleos, na Matriz, a hum de janeiro seguinte, pelo Padre Francisco Rafael Fernandes, de minha licença; foram Padrinhos João Garcia Ferreira, com a mulher Delfina Maria da Conceição, moradôres nesta freguezia, de que para constar fiz este apsento, que apsigno. Pe. Francisco Justino Pereira de Brito."([7])

Primeira Pessoa Registrada

A certidão de nascimento obtida no 1° Cartório Judiciário de Jardim do Seridó consta o seguinte registro:

"MANOEL MARQUES DA SILVA, do sexo masculino, de cor (não consta), nascido aos 2 de janeiro de 1889, às 15:00 horas, em o sítio Humaitá deste termo, sendo filho de Antônio José da Silva e Jorgina Maria da Conceição. São seus avós paternos José Fortunato da Cunha e Josefa Maria da Conceição, e maternos Manoel Alves de Brito e Delmira da Conceição." (8)

Primeiro Casamento Religioso

Primeiro assento de casamento religioso realizado na Paróquia do Jardim do Seridó:

"Aos quinze dias do mez de janeiro de mil oitocentos e cinquenta e sete, pelas oito horas da manhã, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Azevêdo, tendo precedido dispensa de sangüinidade, as canonicas denunciações, sem impedimento, confipção, Comunhão, e exame de doutrina Christã em presença do Reverendo Manoel Teixeira da Fonsêca, de minha licença, e das testimunhas Thomaz de Aquino Pereira, e Pedro Avellino de Azevêdo, cazados, moradôres nesta mesma Freguezia se unirão em Matrimônio por palavras de prezentes, e recebêrão as Bençãos nupciaes os meos Paroquianos Miguel Soares de Vasconcellos, Maria Galdina da Conceição, naturaes e moradôres nesta Freguezia, filhos legítimos: elle, de Jozé Soares de Vasconcellos Junior, e de Joanna dos Reis de Jesus; ella de Jozé Galdino da Costa, já falecido, e de Jozefa Lima de Jesus. De que para constar fez o dito Padre Apsento, que apsignou com as Testimunhas, o qual me foi entregue,e por elle fiz este termo, que apsino, e. Francisco Justino Pereira de Brito." ([9])

(7) Livro n° 1, p. 1.

(8) Livro A, n° 1, p. Olv, sob 01.
O registro foi feito em data de 5 de janeiro *de* 1889, pelo então Escrivão de Paz, Manoel Bizerra da Silva, sendo declarante o pai do registrado, servin0 como testemunhas: José Barbosa Teixeira e Francisco Garcia de Araújo,

(9)Livro de Casamentos n° 1, p. 1.

Antigas Festas Religiosas

Jardim do Seridó, celebra anualmente três festas, de grande movimentação.

Antigamente, para os visitantes de Ouro Branco e São José do Seridó, então distritos de Jardim, assistirem o período festivo, armavam barracas nas margens do tio Cobra, para onde traziam roupas e comidas.

Quando a festa era celebrada na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, faziam-se grandes fogueiras para o povo descer no claro das mesmas. Para animar estas festas, sempre apareceram parques de diversos e outras atrações.

Ainda permanece na memória popular que os religiosos da zona rural, se deslocavam para a cidade, uns a pé, outros à cavalo, para ali chegarem ao anoitecer, e em seguida participarem ativamente das celebrações da festa. Essas pessoas traziam roupas e calçados novos na mão. Sabe-se ainda, que alguns deles antes de chegarem na cidade trocavam os calçados, deixando o anterior em local escondido, para na volta desfazer a troca. As suas vestes eram trajes de festa. As moças usavam vestidos longos cheios de babados, rendas, bicos. Participavam da novena, e, logo em seguida, as crianças e os adultos iam se divertir nos parques: roda gigante, aviões, canoas, carrosséis (estes em certa época eram empurrados por homem).

Uma boa parte rodava na praça, curtindo o som da amplificadora, onde as moças ofereciam músicas aos rapazes, ou vice-versa.

Também havia uma maior participação nas barracas, onde se encontravam: a banda tocando; o pastoril com os cordões azul e vermelho; as ciganinhas lendo as mãos dos rapazes; os rapazes sendo presos pelos soldados (representados por moças) que os levavam à delegacia (uma barraca ao lado) para pagarem a carceragem; sendo feito também os desfiles de bonecas. Todos estes festejos iam até altas horas da noite, há quem diga, até de manhã.

No dia da festa, última tarefa, pela manhã os bares voltavam a lotar de jardinenses e visitantes tomando cachaça. Outros entravam na igreja para assistir o leilão, com a presença da banda de música em frente à farmácia de João Vilar, que ao terminar se deslocavam para a igreja, onde seguia a procissão è assistiam à bênção do Santíssimo, concluindo, assim, o período festivo.

Jardim das Festas Antigas

Leitores não vos enfadês
Em lê a apreciação
Que sobre usos e costumes
Faço com toda atenção.
E dispois direi comigo
Que os usos dos tempos antigos
Bem diferentes de hoje são.

Sinto sodade seu moço
Do luá do meu sertão
Das festas de antigas datas
Do tempo da Conceição.
Onde os home vinha a pé
De parêa com a muier
E os sapatos na mão.

Me a lembro também seu moço
Do carrosser lá na praça
Muitas vezes empurrado
Por Pedro de Luminata.
Do juju puxado a mão
Da barraca do avião
E do jogo do vira-lata.

Sinto sodade também
Da farmácia e do leilão
Onde o povo se reunia
Prá ver a rematação.
Vendo as horas se passar
Prá dispois acompanhar
O Santo na procissão.

Não existia transporte
Naqueles tempos atrás
O povo vinha prá rua
Nas costas dos animais.
Andando sem tirá prosa
Sentindo o cheiro da rosa
Nascida nos matagás.([1])

Igrejas Evangélicas

O surgimento e expansão dos trabalhos da seita denominada "Protestantes" em Jardim do Seridó, desenvolveu-se pela curiosidade de alguns leigos uando da leitura das Sagradas Escrituras. Embora conhecidos como "Protestantantes" na realidade estas correntes religiosas têm seus registros oficiais como Igrejas Evangélicas, as quais se classificam em denominações ou missões, tendo assim sua própria identificação doutrinária e administrativa.

(1) Versos de Enicy Azevedo

Em Jardim do Siridó, temos atualmente três denominações estabelecidas com templos próprios. Estas três somam a representação evangélica nesta cidade. São elas: Igreja Presbiteriana do Brasil, Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, e Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Estas denominações estão representadas pelas respectivas congregações aqui localizadas. Cada congregação tem sua história, já que chegaram aqui em datas diferentes.

O surgimento do trabalho evangélico em Jardim do Seridó, não tem uma data exata, mas no início dos anos 40, os Srs. Vicente Graciano da Silva e Severino Desidero Meira, habitantes desta cidade, informados de algumas doutrinas evangélicas foram impulsionados à leitura das Sagradas Escrituras, havendo assim tomado a decisão de se tornarem "Crentes". Logo após, começaram a se reunir em um salão na Av. Dr. Ruy Mariz, onde receberam o apoio de outras pessoas que aderiram ao movimento, crescendo nos anos seguintes o número delas.

Até então o grupo não pertencia a qualquer cor denominacional, realizando suas atividades e pregando a sua doutrina como um grupo autônomo. Surgiu então o contato com uns "Irmãos" de Caicó, onde já havia igrejas evangélicas, e que de imediato deram todo apoio ao trabalho aqui iniciado.

O principal apoio da Igreja de Caicó, veio por intermédio de um americano chamado Dr. Smith, pertencente a uma missão estrangeira, que assiduamente assistiu ao trabalho aqui nos anos que se seguiram, embora estivesse domiciliado em Caicó, dando apoio pastoral e financeiro. Foi então com este apoio, que em 1948 se deu início à construção do templo da nova igreja, na Av. Dr. Ruy Mariz, sendo inaugurado em 1951 e recebendo o nome de Congregação Presbiteriana de Jardim do Seridó. f congregação ficou a partir de então, sob supervisão e apoio da Igreja P sbiteriana de Caicó e passou a receber o apoio pastoral do reverendo Erli crentes.

O trabalho evangélico em Jardim d eridó se estabelecia através da denominação Presbiteriana, que além de pioneira era também exclusiva. Estabelecido pelo seu governo denominacional em 12 de janeiro de 1971, a congregação foi desvinculada de Caicó e passou a Congregação Presbiterial, vinculada a Natal, continuando até hoje.

Desde o início, após a construção da igreja, sendo estabelecido o trabalho, surgia a necessidade de uma frequência integral de um líder espiritual, havendo a partir de então recebido apoio pastoral dos seguintes obreiros:

Rev. Erli Parentes,
Rev. Pedro Bezerra da Silva,
Sem. José Laércio Saldanha,
Rev. José Clóves,
Rev. Manoel Vieira,
Mis. (Sic) Ângela Maria da Silva.

Atualmente o trabalho conta com a participação de 29 membros, desenvolvendo suas atividades de ensinamento e pregação da Bíblia Sagrada em quase todos os dias da semana.

Nos anos 60, Jardim do Seridó recebeu o estabelecimento de mais uma denominação, desta feita de origem Pentecostal, através da visita do Pastor-Presidente em Natal da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, o Doutor e Pastor Aldo Rocha, que solenemente estabeleceu as atividades *de* sua denominação aqui.

Como no início da outra denominação, o novo grupo passou a se reunir em um salão alugado, até que uma doação do prefeito da época, Dr. Givaldo da Silva Medeiros, doou um terreno na Rua Dr. Medeiros, teve início a construção do templo, tendo sido inaugurado entre 1971 e 1973. Para a construção do seu templo, a congregação contou também com apoio financeiro externo, da missão que tem origem canadense.

Depois de organizada, a congregação teve como líder espiritual o Pastor João Pedro dos Santos, que também veio com o Pastor Aldo Rocha, nas primeiras visitas e é um dos fundadores do trabalho da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil aqui em Jardim do Seridó.

Depois do Pastor João Pedro, ainda deram assistência a esta congregação os seguintes obreiros:

Presb. Pedro Teixeira,
Presb. Francisco Januário,
Pastor Raimundo Pinheiro,
Diácono Vicente Graciano da Silva.

Atualmente a Missão Evangélica conta com o maior templo evangélico da cidade, além de uma casa pastoral e um grupo de participantes. Suas atividades são diárias com preka0o, ensinamento e edificação estruturados na Bíblia Sagrada.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, foi o último grupo evangélico a estabelecer suas atividades aqui. Também de origem pentecostal, a Igreja Assembleia de Deus iniciou suas atividades nos anos 70, através do Presbítero Manoel de "Nefim" que através dos trabalhos de pregação e visitação formou o novo grupo. Logo após, veio presbítero Antonio Avelino, que além de continuar o mesmo trabalho do antecessor, construiu o primeiro templo da congregação, hoje desativado.

Com o crescimento do grupo o' Pastor Antonio Wilson de Oliveira começou a construção de um novo templo, desta feita de maior dimensão e melhor estrutura, que até hoje não foi concluído, mas é onde funciona as atividades desta congregação.

Após o Presbítero Antônio Avelino, assistiram ao trabalho desta congregação os seguintes obreiros:

Presb. Francisco Aciole,
Pastor Antonio da Silva,
Pastor Pedro Cícero,

Pastor Antonio Wilson Oliveira,
Presb. Tietre Bezerra.

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus é regida por um sistema de liderança regional, dividida em campos, já que a congregação de Jardim está vinculada à igreja central em Natal, e recebe a supervisão do campo de Caicó.

Atualmente a congregação conta com 19 membros, tendo o Presbítero Tietre Bezerra nas funções pastorais, desenvolvendo atividades diárias de divulgação e ensinamentos da Bíblia Sagrada.(')

(1) Todo o texto foi produzido pelo Pastor Francisco Alves da Rocha, a partir de informações orais de participantes dos fatos aqui descritos.

3° CAPITULO

GEOGRAFIA DO MUNICIPIO E SUA EVOLUCAO ADMINISTRATIVA

O Município

Situado, nos primórdios, na ribeira do Seridó, os limites de Jardim eram assim definidos: a Leste, pelo Município de Picuí, no vizinho Estado da Paraíba; ao Norte, pelo de Acari; a Oeste, pelo de Caicó; e ao Sul, pelo de Santa Luzia, também do Estado da Paraíba.

As especificações dos limites deste município resultaram das Leis da Monarquia e da República e foram eles se modificando, segundo as criações e desmembramentos que o atingiram e aos seus vizinhos.

Com a Lei Provincial n° 250, de 23 de marco de 1852, erigiu-se o seu distrito de Paz, dando-lhe os seguintes limites: "Pelo lado do Acary no rio Acauhã da Pedra Grande, seguindo por elle acima ate a barra do Riacho Joazeiro, por este até a sua nascença, e deste ponto, em rumo direto ao Serrote do meio. No Rio Seridó começará a extrema da barra do Riacho do Meio, continuando pelo mesmo Rio acima de hum, e outro lado até o fim do Termo, compreendendo as águas do Rio Cobra. Pelo lado da Freguezia do Príncipe correrão os limites da barra do Riacho-Jardim, no Rio São Jozé, por este abaixo, com todas as suas águas até os Batentes no Rio "Seridó", edahi em linha recta a barra do rio Ipoeiras no Cupauha e por este, acima ate o fim do Termo."([1])

Quando da criação da freguesia, a Resolução Provincial n° 337, de 4 de setembro de 1856, deu-lhe os mesmos limites do Distrito de Paz.

Entretanto, a Lei Provincial n° 825, de 20 de dezembro de 1877 alterou, em parte, os limites entre as freguesias de Acari e Jardim do Seridó, determinando que eles fossem observados "da Barra do Riacho do Joazeiro", em linha reta, ao riacho "Logradouro", ou da "Timbaúba".

([1]) *Livro de Tombo n°* 1, p. 1, do Arquivo Paroquial.

No regime republicano, até o ano de 1926, não houve qualquer alteração nos limites de Jardim, até que, com a criação do Município de Parelhas, pela Lei n° 630, de 8 de novembro de 1926, e, consequente desmembramento do território e dois de seus distritos municipais, Parelhas e Equador (antigo Periquito), sofreu o município de Jardim sensível diminuição de seu território, uma vez que os seus limites com o novo município ficaram como segue: "Uma linha reta, que partindo das confrontações da serra da "Rajada", no ponto de encontro dos Municípios de Jardim e Acari, dirige-se ao "Serrote das Pedras Pretas", no rio da Cobra, Município de Jardim do Seridó, e que orientada pelo cordão de pedras que forma o referido Serrote das Pedras Pretas, chegue ao lugar em que este Serrote penetre no rio Seridó, de onde, divide igualmente o álveo deste rio, seguirá até a foz do rio "São Bento", no ponto exato em que ele desagua no rio Seridó, ficando o território do lado do nascente dessa linha pertencendo ao Município de Parelhas e o lado poente ao de Jardim do Seridó; da foz do rio São Bento, seguirá a linha divisora por este rio acima, até extremar-se com o Município de Santa Luzia do Estado da Paraíba, ficando este mesmo rio (São Bento), com todas as suas aguas pertencendo ao Município de Jardim do Seridó, que, nesta parte, limitar-se-á pelo DIVORTIUM AQUARUM do rio "São Bento" com o rio dos Quintos, que com todas as suas águas, ficará para o Município de Parelhas."([2])

Desmembrando o território que constituiu a nova comuna, do Município de Jardim do Seridó, ficando as suas dimensões sensivelmente reduzidas e os distritos, que eram então em número de cinco, baixaram para trêa: Santana, Ouro Branco e São Jose do Seridó.

Com o desmembramento do restante dos distritos, hoje, "Jardim está situado na mesorregião do oeste Potiguar e na microrregião do Seridó, com uma área de 520 km^2, é limitado ao norte pelos Municípios de São José do Seridó e Acari; ao sul pelos de Ouro Branco e Santana do Seridó; a leste, pelos de Carnaúba dos Dantas e Parelhas; e oeste, pelo de Caicó. A Sede Municipal, a 218m de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 6°35'04" de latitude sul, em sua interseção com o meridiano de 36°46'28", de longitude oeste. "([3])

(2) Informação adquirida no 1° Cartório Judiciário de Jardim do Seridó.

(3) Monografias Municipais do 1BGE-Série n° 221.

A Cidade

Não tardou, porém, que o lugar prosperasse e se impusesse a consideração do Governo Provincial, que, por "Lei n° 407, de 19 de setembro de 1858, desmembrou o município do de Acari"([4]), elevando-o a categoria de Vila com o nome de JARDIM, sede do município desse nome, então criado e instalado solenemente no dia 4 de julho de 1859, quando funcionou pela primeira vez, a Câmara Municipal, sob a presidência do Major José Barbosa Cordeiro.

Segundo reza uma lenda de certa tradição, o nome da Conceição do Azevedo foi mudado para Vila do Jardim, graças a um famoso jardim, aí cultivado pelo Capitão Miguel Rodrigues Viana, famoso artista de seu tempo.

Mas, observa Luiz da Câmara Cascudo(5), que "Consultei o meu velho e saudoso amigo Felinto Elísio de Oliveira Azevedo (1852-1944), que além de outros predicados de inteligência, memória, conhecimento, era bisneto de Antônio de Azevedo Maia e filho de uma irmã de Miguel Rodrigues Viana. Felinto, negou a lenda. O jardim de Miguel Viana datava entre 1862 a 1864, e a Vila já era do Jardim desde 1858. O jardim nascera quatro ou cinco anos depois de a Vila ter esse nome por lei. Diz ainda Câmara Cascudo -- Escrevia-me Felinto, deve ter lido a vaidosa circunstancia de se achar a Povoação ao lado de um verdadeiro jardim, ao sopé, frondoso coqueiral e magnificas bananeiras e canaviais, em longa extensão, onde produziam tudo na época."

"Todos os anos eram as fachadas dos prédios urbanos reparadas e pintadas, segundo uma postura municipal, que se cumpria escrupulosamente. A par desse cuidado material, concorriam a vegetação opulenta dos coqueiros, das margens e do leito do Seridó e Cobra, para dar à Cidade uma impressão de verdadeiro jardim florido e assim, justificar-lhe o nome oficialmente imposto."([6])

"A Lei n° 703 de 27 de agosto de 1874, deu a Vila do Jardim a categoria de cidade com o nome de JARDIM DO SERIDÓ, para se distinguir de Jardim de Angicos, no mesmo estado.

Continuou o seu distrito judiciário a pertencer a Comarca do Seridó, com sua sede na cidade de Caicó, antiga Vila do Príncipe.

Até o ano de 1873, o distrito de Jardim pertenceu a referida comarca do Seridó, da qual foi desanexado, com o de Acari, pela Lei n° 691, de 8 de agosto de 1873, para constituírem a comarca de Jardim, que foi instalada

(4) *Anuário Estatístico,* p. 32, 1982.

(5) *Nomes da Terra.*

(6) Informações adquiridas no 1° Cartório de J. do Seridó.

NOTA — Registra ainda Câmara Cascudo no Livro *Nomes da Terra* que o nome Seridó vem de Ceri-toh, sem folhagem, pouca folhagem, pouca sombra ou cobertura vegetal.

a 14 de novembro do dito ano, pelo Dr. Jose Rufino Pessoa de Melo, seu primeiro Juiz de Direito.

No regime republicano, foi a comarca suprimida pela Lei n° 12, de 12 de junho de 1892, sendo o distrito de Jardim anexado à sede da comarca de Acari para Jardim do Seridó, passando aquela a ser distrito desta. Por lei de 8 de agosto de 1898, tornou a ser suprimida a comarca de Jardim, que ficou sendo distrito da de Caicó, voltando, ainda, a pertencer à de Acari, por lei posterior.

Finalmente, a Lei n°453, de 27 de novembro de 1919, restaurou a comarca de Jardim do Seridó, que foi instalada a 8 de janeiro de 1920, com a posse do Dr. Manoel Benicio de Melo Filho, nenhuma alteração tendo sofrido, até o presente."([7])

Clima

"Clima tropical, megatérmico, muito quente e semi-árido. Sob o efeito da baixa latitude da região, as temperaturas diárias, geralmente variam de 25 a 29°C, em qualquer mês, significando que o clima é quente, durante todo o ano. Média das máximas, oscilando entre 31 a 35°C, tendo-se já registrado máximas absolutas de 39°C e, a média das mínimas entre 20 a 23°C. Chove cerca de 520 mm, em média ao longo do ano e, somente de fevereiro a abril chove razoavelmente.(...)

A umidade relativa do ar anual é em torno de 60%"([8]).

Solos

"Predominam solos minerais, pouco desenvolvidos, bastante suscetíveis à erosão e com restrições ao uso agrícola devido principalmente à pouca profundidade; associados a solos pouco profundos, geralmente bem drenados e com elevados teores de minerais primários, que são fontes de nutrientes para as plantas: (solos litóricos + bruno não cálcico)."([8])

Censo Demognifico

De conformidade com os dados fornecidos pelo IBGE, o que só foi possível a partir de 1940, segue o Censo Demográfico de Jardim do Seridó, que só ocorre de dez em dez anos.

(7) AZEVEDO, Antônio Antídio, Subsídios para a História de Jardim do Seridó, p. 8.
(8) Monografia do IBGE, Série nº 221, pp. 3 e 4.

NOTA — A diminuição nesses últimos anos foi por causa dos desmembramentos dos municípios: em 1953 o de Ouro Branco e em 1963 os de São Jose do Seridó e Santana.

— Consta no Livro de Tombo nº 1, p. 69 da paróquia, que em 1918 havia 630 pessoas residentes em Jardim do Seridó.

Ano	Homens	Mulheres	Totais
1940	**7.509**	**7.294**	**14.803**
1950	**7.985**	**8.062**	**16.047**
1960	**5.702**	**5.912**	**11.614**
1970	**4.366**	**4.540**	**8.906**
1980	**5.043**	**5.308**	**10.351**

Se dividirmos o número de habitantes em 1980 pelo número de quilômetros de nosso território, encontramos que em cada km^2 vivem 19,91 pessoas.

A média geométrica de crescimento anual, no ultimo decênio intercensitário, atingiu 1,51. Jardim do Seridó é o 7° município mais populoso entre os 22 da microrregião do Seridó, que integra.

Movimentação da População

De acordo com vários livros do 2° Cartório de Jardim do Seridó, foi possível registrar as ocorrências no que se refere a nascimento, casamento e óbito de seus habitantes de 1960 a 1984.

Ano	Nascimento	Casamento	Óbito
1960	509	114	190
1961	379	79	189
1962	417	89	169
1963	363	68	137
1964	498	122	149
1965	442	142	134
1966	347	38	108
1967	384	101	167
1968	461	79	87
1969	441	102	112
1970	494	129	122

51

Ano	Nascimento	Casamento	Óbito
1971	364	92	112
1972	406	142	73
1973	369	185	166
1974	395	230	100
1975	606	131	111
1976	443	116	89
1977	338	90	64
1978	388	100	96
1979	367	110	81
1980	442	151	87
1981	334	87	68
1982	332	99	74
1983	336	74	78
1984	307	93	111

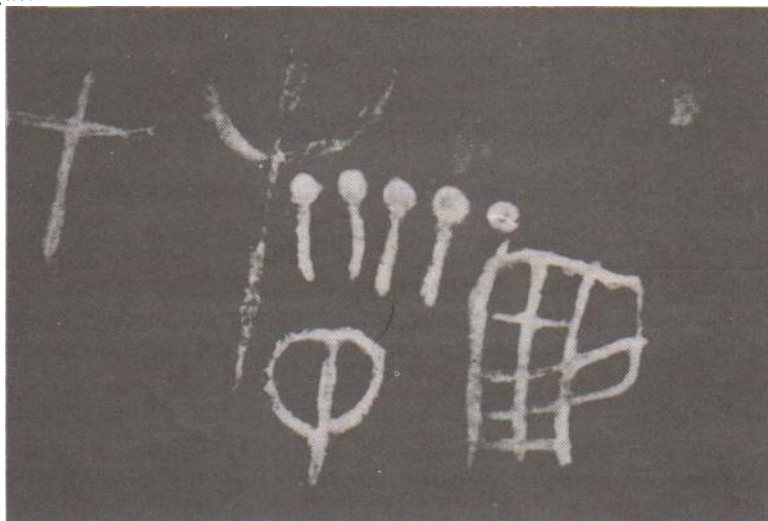
Calcula-se que, anualmente, de cem pessoas que nascem morrem 32.

Curiosidades Naturais

Em vários locais no Município de Jardim do Seridó, foram localizadas inscrições rupestres, como prova de que por aqui existiam homens primitivos, ou seja, índios Cariris.

"Pedra Lavrada! Existem à margem direita do rio Seridó, no lugar desse nome umas inscrições rupestres curiosas e que debalde se tem procurado decifrar. Dizem que o Imperador Pedro II, sabedor dessa curiosidade, incumbiu a um magistrado alagoano de procurar-lhe a explicação, mas esse erudito não acertou com o lugar das inscrições. A impressão é de que por aqui passaram pessoas pré-históricas, que deixaram inscritos naquelas pedras uns sinais dando a impressão de sua antiguidade muito afastada. Diferem muito essas inscrições das pinturas que se encontram noutras serras e serrotes do estado, feitas

a tintas indeléveis. Sobre o lajedo, onde se encontram essas inscrições, no rio Seridó, foi construída a ponte de cimento em 1927".[1]

No sítio Tanques, também foram localizadas várias inscrições, em rochas maciças.

Nesta mesma propriedade, porém, em outro local, existem muitas outras, como também uma pedra conhecida, desde muito tempo, como a Pedra do Frade. Isto porque se encontra nela um desenho a tinta apresentando um Frade.

"Um outro fato notável ocorrido nesse município foi o aparecimento de "Homens Macaco" aí nascidos até o ano de 1922.

Filhos de pessoas aparentemente normais, os "Fenômenos Teratológicos" apresentavam todas as características da espécie simiesca.

Residiam no lugar "Quipauá", quase nas fronteiras com o Município de Caicó. Eram dois irmãos, um dos quais morreu enforcado nos punhos de uma rede, o outro não se sabe a notícia do seu desaparecimento." [2]

Já no sítio Riacho Verde de propriedade de Celso Afonso, em 1956, então Município de Jardim do Seridó, foi encontrado um fóssil.

Este fato ocorreu quando esse proprietário tirou terra que se acumulou entre dois lajedos formando, assim, um enorme tanque que suportava cerca de 1.400m^3 d'água.

Para alguns pesquisadores, essa paleozoologia era de um rinoceronte, já para outros era de uma gigantesca tartaruga que existia na região do Seridó

(1) Informações adquiridas no Arquivo do 1° Cartório.
(2) Informações do 1° Cartório de Jardim do Seridó.

no período da Pré-história. **A** interpretação é de que esse animal desceu para tomar água, porém não conseguiu subir, aí morreu e se petrificou.

O informante, o proprietário, disse ainda que, para se ter a idéia do tamanho desse animal, o osso do patim pesa 3,800kg e um dente tem 30cm. Esse fóssil se encontra hoje no Museu em João Pessoa — PB.

Origem dos Nomes de Alguns Sítios

Sítio Angicos — Porque nessa propriedade havia muitas árvores de nome Angico.

Sítio Baeta — No vocabulário da língua portuguesa significa tecido felpudo de lã.

Sítio Belo Horizonte — Porque a casa dessa propriedade, pertencente a Dr. Medeiros, fica em um alto, descortinando um belo panorama.

Sítio Barra dos Morais — Surgiu porque "nessa propriedade acampou, em 1824, o Brigadeiro Morais, em fuga para o Ceará, após o fracasso da Revolução do Equador".

Sítio Bananeiro — Originou-se de um grande plantio de bananeiras, que o seu primeiro proprietário, Sr. Alexandre Medeiros, possuía.

Sítio Buriti — Surgiu porque essa propriedade foi comprada com o dinheiro de um boi de nome Buriti.(3)

Sítio Caraúnas — No vocabulário da língua portuguesa significa ave ribeirinha de longo bico encurvado e plumagem denegrida.

Sítio Camarinhas — No vocabulário da língua portuguesa significa aposento, quarto de dormir; esconderijo que os malfeitores faziam no mato e de onde só à noite saíam.

Sítio Currais Novos — Essa propriedade era o caminho dos boiadeiros passarem com o gado para o comércio de Campina Grande e Goiana, sempre parando com a boiada, onde existiam uns currais ali muito antigos. Manoel Martins de Medeiros, ali morador, fez novos currais, que os boiadeiros ao encontrarem essa novidade denominaram o então sítio de Currais Novos.

Sítio Cachoeira — Porque existia no riacho do meio, que banha essa propriedade, muitas cachoeiras.

Sítio Catururé — "Bom de todo, totalmente bom, terra fecunda para qualquer plantio".[4] Sabe-se que essa propriedade pertenceu ao primeiro Vigário de Jardim, Pe. Francisco Justino Pereira de Brito.

Sítio Cacimba Velha — Existia num riacho uma cacimba muito antiga de água boa, que mesmo os seus habitantes cavando uma outra no rio, não deixaram de tirar água na cacimba velha. Daí a origem do seu nome.[5] .

(3) Nota dada pelo Sr. Severino Alves.
(4) CASCUDO, Luis da Câmara, *Nomes da Terra,* p. 81
(5) Nota dada pelo Sr. Mamede Eduardo da Cunha.

Sítio Curu — Há notícia de que nessa propriedade existiam muitas urtigas, e que os primeiros habitantes faziam adornos com fibras dessas plantas. E esse trabalho significa Curu.

Sítio Logradouro — No vocabulário da língua portuguesa significa passagem pública de gado.

Sítio Mata — Porque os sítios anexos (Cabaceira e Buriti) foram explorados, ficando no meio uma terra sem ser explorada, ou seja, com muita mata, daí o seu nome.

Sítio Malhada da Areia — Existia uma areia onde o gado gostava de malhar. Então, o seu proprietário dizia: — "deixe o gado na malhada da areia".

Sítio Marcas — Originou-se em virtude de existir nessa propriedade uns currais velhos, que serviam de ponto certo de parada para os tropeiros, ou outros colocarem os animais para repousarem.

Sítio Mingote — "De minguado, miúdo, pequeno, insignificante, e o sufixo ote, pejorativo, humilhante: meninote, molecote, calote, boiote".[6]

Sítio Passagem — Era porque todos os habitantes residentes nos sítios para o lado do nascente passavam o rio da Cobra nessa propriedade quando vinham à cidade.

Sítio Petrópolis — *No* vocabulário da língua portuguesa significa bengalão grosso.

Sítio Pau-Furado — Surgiu porque existia ali um mulungu seco, muito grande, cheio de buracos, feitos pelos besouros. Essa propriedade pertenceu ao primeiro Vigário de Jardim, Pe. Francisco Justino Pereira de Brito.

Sítio Pedra Lavrada — Dizem que surgiu esse nome em virtude de suas pedras, no rio Seridó que banha esse sítio, serem lavradas.

Sítio Pedrês — No vocabulário da língua portuguesa significa salpicado de preto e branco.

Sítio Penedo — No vocabulário da língua portuguesa significa rocha, pedra grande.

Sítio Riacho do Meio — Devido ao riacho que passa nessa propriedade se encontrar no meio dos rios Seridó e Acauã.

Sítio São Pedro — A razão desse nome foi porque nessa propriedade passaram fazendeiros que vinham em retirada de gado e aí pararam para dar descanso, e, ao mesmo tempo, se arrancharem para dormir. E foi justamente na véspera de São Pedro, que isto aconteceu, daí o seu nome.[7]

Sítio São Paulo — Adotou-se este nome porque os fazendeiros, que iam com uma retirada de gado, encontraram nessa propriedade muito pasto, e aí ficaram. Por ser o dia de São Paulo, eles denominaram o sitio desse nome.[7]

(6) CASCUDO, Luís da Câmara, *Nomes da Terra, p.* 104.
(7) Informações de Mamede Eduardo da Cunha.

Sítio Sombrio — Nasceu de uma retirada de gado no ano de seca (o informante não sabe o ano). Durante esta retirada os homens se arrancharam na sombra de árvores muito frondosas. Então, viram que existiam muitas sombras, e um deles disse — "isso é um sombrio!", dando origem a seu nome. ([8])

Sítio Tapuio — No vocabulário da língua portuguesa significa designação antigamente dada pelos tupis aos gentios inimigos.

Sítio Tuiuiu — Teve essa origem porque encontraram em uma lagoa, nessa propriedade, um pato muito comprido de nome Tuiuiu, da família pernalta .([9])

Sítio Tanques — Sua origem se deve ao fato de existirem neste sítio vários tanques nas pedras.

Sítio Três Corações — Era chamada de Malhada da Areia, e quando Geraldo Hemetério a comprou, mudou para Três Corações se referindo aos seus três filhos.

Sítio Três Irmãos — Este sítio, a princípio, era chamado de apertado, pertencente ao Sr. Severino Alves Bila. Por motivo de sua morte ficou de herança para três filhos; daí passou a ser chamado de Sítio Três Irmãos.

Sítio Umari -- Porque existia neste sítio muita árvore com esse nome.

Sítio Volta — Em virtude da volta que o rio Seridó dá nesta propriedade.

Sítio Zangarelhas — No vocabulário da língua portuguesa significa tarrafa de arrastar, rede de um só pano para emalhar pescada.

Os Rios que Banham o Município

Seridó — é o principal rio que banha o município. ."Nasce a 90 Km de Jardim, na fazenda "Campos Novos", Serra dos Cariris, cordilheira da Borborema, no Estado da Paraíba, corta o Município de Jardim do Seridó de leste a oeste;" recebe as águas do rio Cobra, logo abaixo da cidade, e mais embaixo as do rio Acauã, vindo de Acari. Forma extenso e fertilíssimo vale agrícola.

Cobra — que tem sua nascente no lugar "Curuja" (limite com a Paraíba), tem 42 km, desce com as suas águas para o açude Zangarelhas, daí banha a cidade por todo lado norte e lança-se no rio Seridó, num extremo da cidade.

Retiro — nasce na fazenda Parede Vermelha, no Município de Santa, neste estado, entrando no Município de Jardim na Fazenda Umaitá, banha os sítios, Tapuio, Retiro, Angicos, recebe as águas do riacho do Cuité na fazenda Malhada da Areia, onde recebe também este nome, até o rio Barra Nova.

Esses rios não são perenes, ou seja, só enchem quando há boas chuvas.

(8) Nota fornecida pelo Sr. Mamede Eduardo da Cunha.
(9) Informação do arquivo do 1° Cartório.

Quando secam e as águas escasseiam, são abertas cacimbas onde o povo vai apanhar a água que nasce vagarosamente de veias preguiçosas. A escavação é feita de puro modo, que no centro existe um caixão onde flui a água. Além disso são feitas nos leitos dos rios plantações de batata-doce e feijão.

Os Riachos

Da Areia — nasce pelo lado norte da vázea do Serrote, no Município de Parelhas, descendo suas águas para o açude de Francisco de Azevêdo Medeiros, junta-se com o riacho da Cachoeirinha, despejando na Barragem de Manoel Moisés de Medeiros, daí para o açude Zangarelhas.

Do Angico — nasce perto da cidade, despeja suas águas no açude da Comissão, daí passa no centro da cidade e deságua no rio da Cobra.

Bananeiro — banha o sítio do mesmo nome, despeja as suas águas no açude de Orestes e este no açude Zangarelhas.

Das Barrocas — nasce nas mediações da cachoeira dos Estevão, despeja as águas no açude das Marcas.

Conceição — fica a uma légua a oeste da cidade.

Do Cuité — nasce na fazenda São Bento, Município de Santana do Seridó, entra no de Jardim na fazenda Logradouro, de Nelson Cândido de Macedo, banha a fazenda Sombrio, juntando-se ao rio Retiro na fazenda Malhada da Areia.

Da Cachoeirinha — nasce pelo lado do poente da vázea do Serrote, juntando-se com o riacho da Areia e despejando na barragem de Manoel Moisés de Medeiros, daí para o açude Zangarelhas.

Do Meio — banha os sítios: Cachoeira Preta, Tanques, Cachoeira dos Estevãos, Belo Horizonte, Baeta, sítio do mesmo nome e despeja no rio Seridó, no sítio São Francisco.

Manhoso — nasce no sítio Cabaceira, banha os sítios: Barra da Cabaceira, Passagem do Carro, Buriti, Manhoso de Cima e despeja suas águas na barragem dos gregórios e entra no Município de Caicó.

Das Marcas — nasce na serra do Marimbondo e despeja suas águas no riacho do Meio no sítio Marcas.

Pedra do Morcego ou da Usina — nasce próximo à cidade, banha-a pelo lado sul e norte da cidade, passando por dentro da firma Medeiros & Cia. e deságua no rio da Cobra.

Riachão — nasce na BR-427, no sítio do mesmo nome, despejando em dois açudes de Geraldo Hemetério, e daí para um açude e uma barragem de Dr. Paulo Gonçalves, depois despeja no rio Seridó.

Do Touro — nasce no alto da boa vista, descendo suas águas para o açude do Touro (Manoel Paulino); depois segue para o outro açude do Touro, mais em baixo, seguindo daí para o rio Seridó.

As Matas

A catingueira, a jurema, a faveleira, o xique-xique e outras plantas formam a vegetação típica das matas de Jardim do Seridó, que atravessam o ano em dois períodos assim caracterizados: o verde e o seco, variando de acordo com o inverno e o verão.

Nos meses verdes, logo após as primeiras chuvas, as árvores se revestem de um colorido verde, dando um aspecto mais alegre aos campos.

No período seco a vegetação começa a perder as folhas, ficando seus caules e galhos completamente desnudos, oferecendo a dolorosa impressão de coisa morta.

A seca é, na verdade, um grave problema para as pessoas que vivem da agricultura, pois acarreta sérios transtornos à nossa economia. A água dos rios evapora-se, os açudes secam, o gado não produz, os animais morrem e as pessoas são obrigadas a abandonar os lares em busca de melhores terras para sobreviver.

"A formação vegetal característica da área municipal é do tipo não florestal, semedicíduo, subxerófilo — caatinga arbórea aberta. Há culturas cíclicas, destacando-se o algodão "mocó", além do milho e feijão, que juntamente com a pecuária, vieram modificar a cobertura vegetal primitiva. "([10])

Os Animais

São encontradas as seguintes espécies animais no Município de Jardim do Seridó: camaleão, cobras, furão, guaxinim, gato maracajá, mocó, preá, raposa, tatu, tejo, ticaca, timbu.

Os Distritos

Parelhas, que fica localizada a leste de Jardim do Seridó, com uma distância de 19 km, a princípio foi um dos distritos de Jardim, sendo o primeiro a se emancipar politicamente.

A sua primeira feira foi criada no dia 7 de janeiro de 1867, na então administração municipal do Cel. José Tomaz de Aquino Pereira.([11])

Em 24 de agosto de 1924 foi instalada e inaugurada a luz elétrica (grupo gerador), por Dr. Heráclio Pires Fernandes, que funcionava das 17h30min às 23 horas.

"A freguesia de Parelhas foi criada a 8 de dezembro de 1920.Com a Lei n° 478, de 26 de novembro de 1920, elevou-se o povoado à categoria

(10) Coleção de *monografias municipais-IBGE,* série 221, p.13.
(11) Antes da criação da feira o povoado já a fazia, o que foi proibido por edital no dia 27 de outubro de 1866.

de Vila. A criação de município, porém, só se verificou seis anos depois, através da lei já citada, n° 630, de 8 de novembro de 1926. A Lei n° 656, de 22 de outubro de 1927, concedeu a Parelhas foros de cidade. O município foi constituído de dois distritos: Parelhas e Equador.[?,(12)]

Logo após a sua emancipação política, foi empossada a sua primeira administração direta.

Equador

Equador, antigo Povoado do Periquito, foi distrito de Jardim, juntamente com Parelhas até 1926.

A sua primeira feira foi realizada em 22 de abril de 1876.

A Lei n[9] 50, de 9 de maio de 1923, alterou a denominação do Povoado do Periquito, que tem o seguinte teor:

"*A Intendência Municipal de Jardim do Seridó, usando das atribuições que lhe confere a lei — decreta:*

Art. 1° Fica mudado a denominação de "Periquito" pela qual era conhecida a localidade sede do 4[9] distrito municipal de Jardim do Seridó, para a de Povoação do 'Equador' pela qual passará a denominar-se oficialmente. Heráclio Pires Fernandes".

Ouro Branco

Ouro Branco, antigo Povoado do Espírito Santo, com uma distância de 24 Km ao sul de Jardim do Seridó, foi inicialmente instalada pelo Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevedo, como Presidente da Intendência, no dia 16 de julho de 1905, quando aí se inaugurou a feira, que é realizada aos domingos.

E tal foi o seu progresso e crescimento que o Governo do Estado (Dec. n° 726, de 11 de setembro de 1934, do 5° Interventor Federal, Dr. Mário Câmara) elevou-a à categoria de distrito administrativo com subprefeito municipal.

Foi criada uma lei simples e clara, que mudou o nome de Espírito Santo para Ouro Branco, que está assim redigida:

"*Lei n° 43. A Intendência Municipal da cidade de Jardim do Seridó, usando das atribuições que lhe confere a lei decreta:*

Art. 1° Fica mudada a denominação de "Espírito Santo", pela qual era conhecida a séde do 3° Distrito Municipal, a qual passará a denominar-se Povoado de 'Ouro Branco', para todos os efeitos.

Art. 2° Revogam-se as disposições em contrário.

(12) *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, p.* 122.

Sala das Sessões da Intendência Municipal da cidade de Jardim do Seridó, em 10 de maio de 1920. Heráclio Pires Fernandes."

Em 30 de agosto de 1924 foi inaugurada a agência do Correio.

Com a Lei n° 907, de 21 de novembro de 1953, foi criado o Município de Ouro Branco, e instalado a 1° de janeiro de 1954, com o território de 198 Km^2, tendo por sede a vila do mesmo nome, que passou à categoria de cidade, quando a administração municipal de Jardim do Seridó estava a cargo de Antônio Antídio de Azevedo.

Santana do Seridó

O Distrito de Santana foi criado por Lei n° 58 da municipalidade, em 30 de maio de 1927, à margem do riacho da Raposa, tributário do rio São Bento. Fica localizada a 35Km ao sul de Jardim do Seridó.

Com a Lei n° 2.770, de 10 de maio de 1962, foi criado o Município de Santana do Seridó, ([13]) sendo o 4° município a se desmembrar do de Jardim, com uma área de 139 km^2.

Esta emancipação resultou de um projeto do então Deputado Estadual Ulisses Bezerra Potiguar.

Santana teve como seu primeiro Prefeito o Sr. Ozires Borges Vilar, que no momento exercia o cargo de vereador em Jardim do Seridó.

São José do Seridó

São José do Seridó, antiga "Bonita", fica à margem direita do rio São José, a 26Km a noroeste de Jardim do Seridó.

Foi fundada oficialmente no lugar "Bonita", no dia 4 de novembro de 1917.

Para este objetivo, Joaquim Loló de Medeiros doou 12 braças de terra de sua propriedade para serem construídas as primeiras casas. O plano da construção obedece à planta pré-estabelecida pela municipalidade e tem sido observado, até a data presente, no desenvolvimento da povoação. Possui grande e intensiva cultura do algodão mocó.

A sua primeira feira foi realizada quando da sua fundação, ou seja, em 1917, por determinações do Presidente da Intendência, Dr. Heráclio Pires Fernandes.

Por solicitação de diversos cidadãos residentes na povoação, a feira foi mudada para as sextas-feiras, ficando designado o dia 22 de janeiro de 1926.

(13) *Anuário Estatístico,* p. 32, 1982.

NOTA — Segundo algumas pessoas idosas, houve outras pessoas que fizeram doações de suas propriedades para edificação de São José do Seridó.

Em 27 de maio do mesmo ano, foi novamente solicitada a mudança, desta vez para os domingos (até hoje), pelo motivo de ser a mesma prejudicial aos comerciantes.[14]

Finalmente, com a Lei n° 2.793, de 11 de maio de 1962, da Assembléia Legislativa Estadual, foi criado o Município de São José do Seridó, com um território de 186 km^2. Esta emancipação se deve à iniciativa do Vereador Moisés Sátiro da Silva.

(14) Do Arquivo da Prefeitura Municipal de Jardim do Seridó.

4° CAPÍTULO

EVOLUÇÃO POLÍTICA DO MUNICÍPIO E SUA ADMINISTRAÇÃO: PREFEITOS E PRINCIPAIS LIDERANÇAS

Ata da Formação da Junta Qualificadora dos Votantes

Ata da formação da Junta Qualificadora dos Votantes da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Azevêdo.

"Aos treiz dias do mêz de junho de mil oitocentos e cinqüenta e oito tregezimo sétimo da Indepedência do Império, nesta povoação da Conceição do Azevêdo comarca do Assú Província do Rio Grande do Norte no consultório da Igreja Matriz da mesma Povoação compareceo o Juiz de Páz mais votado do Destricto desta Povoação comigo Escrivão do seu cargo para formação da mesa qualificadora, que tem de fazer a qualificação de votante do presente ano na conformidade da Lei n° 387 de dezenove de agosto de 1864, com as alterações de Decreto n° 1.812 de 23 de agosto de 1856, que contem instruções para execução do Decreto n° 842 de dezenove de setembro de 1855, determina o art. 2° do decreto já mencionado de 1856, e sendo presentes os oito cidadãos em mediatos com votos a o Juiz de Páz Presidente da mesa Francisco Xavier Cabral, José Quintino de Medeiros, Antônio da Cunha Lima, Manoel Martins de Medeiros, Reinaldo Gomes Meira, Manoel José da Cunha, José Alves Gameiro e Feliz Gomes do Nascimento, e procedendo-se a votação para formação da junta, forão convocados no primeiro escrutino, para representar na falta de eleitores Rodrigues de Medeiros Rocha com quatro votos, Antonio da Cunha Lima com treiz que foram declarados membros da Junta, Reinaldo Gomes Meira com hum voto, e procedendo-se da mesma maneira da votação para representar os suplentes, forão eleitos Manoel Paulino da Silva, com quatro votos, e prosseguidas as formalidades das leis supra mencionadas se ouve formada a mesa. Do que para constar lavrou-se esta Ata em que assignou o presente e membros da junta, e mais cidadãos

que concorrerão para formação da junta. Eu Manoel José da Cunha Junior Escrivão de Páz que Escrivi." **([1])**

Qualificação da Guarda Nacional

Como em todo Brasil, no século passado, por volta de 1863, existia a Guarda Nacional, composta de cidadãos da comunidade (da zona rural e da zona urbana), que se alistavam no Conselho de Qualificação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Azevêdo da Vila do Jardim, para a manutenção da ordem pública. Esses cidadãos adquiriam os títulos ou patentes de: Coronel, Capitão etc. Recebiam fardamento, espada e diploma.

Esses Coronéis tinham prestígio decorrentes, fundamentalmente, da estrutura agrária. Eram geralmente fazendeiros, que nessa época se beneficiavam na política, que tinha grande influência na vida econômica e social da cidade.

Os Coronéis que como chefes políticos, na época das eleições, conduziam os livros dos votantes, para o qual pediam aos eleitores que votassem no seu candidato. Esse voto era conhecido como "O Voto a Bico de Pena". ([2]) Os eleitores não conheciam nem sequer o candidato. Porém, em consideração ao Coronel assinava o livro, dando o voto.

Conforme livro de qualificação da Guarda Nacional, ainda existente no Arquivo Paroquial, ei-los os que adquiriram o título:

1° Quarteirão da Vila

Andre Curcino de Medeiros,
Antônio Soares de Vasconselos,
Severino Xaves Pequeno,
Thomaz d'Aquino Pereira,
Luiz de Magalhães Cime,
Dr. Bartholomeu Leopoldino Dantas,
Antônio da Cunha Lima,
Justino Pereira de Azevedo,
Joaquim Garcia de Azevedo,
Manoel Fernandes Vieira,
Caetano Lins Pereira,
Domingos Martins de Azevedo,
Estevão Severino Dantas,
Manoel Sátiro de Azevedo,
Thomaz Leite de Freitas,
Antônio Diniz Curujão.

(1) *Livro de Qualificação de Votantes* (1858), p. 1, Arquivo Paroquial.

(2) Nota de Durval Augusto de Medeiros.

2° Quarteirão da Cobra

Antônio de Mello Azevedo,
Bartholomeu Tavares dos Santos,
José Francisco de Azevedo,
Manoel José de Azevedo,
Sebastião Pereira de Mello.

3° Quarteirão da Crauna

Antônio de Araújo Teixeira,
Jeronimo Gomes de Mello,
João Ferreira Guedes.

4° Quarteirão de São Pedro

Francisco Suares da Silva,
João M. de Medeiros,
Manoel Barbosa Pimenta,
Manoel Furtunato Garcia,
Pacífico A. Pereira.

5° Quarteirão de São João

Joaquim Manoel de Oliveira,
João Batista de Avelar,
Joaquim José Ribeiro,
José Garcia de Morais,
Pedro Garcia de Araújo.

6° Quarteirão de São Paulo

Joaquim Garcia do Amaral,
José Pereira da Costa,
João Batista Pardo,
José Garcia do Amaral,
Lorenço José de Medeiros,
Rodrigo de Medeiros Rocha.

7° **Quarteirão do Riacho São José**

Antônio Vitorino de Medeiros,
André Curcino de Macedo,
Cosmo Damião de Medeiros,

Joaquim Felix de Lima,
Joaquim Belizário de Araújo,
Manoel Francisco de Oliveira.

8° Quarteirão do Espírito Santo

Joaquim Cândido de Macedo,
Luiz Ignácio de Oliveira,
Manoel Barbosa dos Santos,
Manoel Patrício dos Santos.

9° Quarteirão das Parelhas

Bonifácio José da Cruz,
Luiz Pedro de França,
Manoel Ancelmo de Maria,
Manoel Francisco do Nascimento.

10° Quarteirão do Buqueirão

Antônio Torres de Azevêdo,
Antônio Garcia dos Santos,
Francisco José de Santa Anna,
Luiz R. da Cunha Lucas,
Leôncio Lima,
Manoel Fernandes,
Manoel de Arruda Câmara,
Miguel de Azevedo Bezerra.

11° Quarteirão do Jardim

Antônio Pereira Cavalcante,
Antônio Baptista da Silva,
João Bernardo da Silva,
João Ignácio de Medeiros,
José Bento Casado,
Joaquim Moreira de Souza,
Manoel Cordeiro Numes,
Sipriano José de Oliveira.

12° Quarteirão da Boa Vista

Antônio Dinis,
Manoel Francisco,
Manoel de Souza Monteiro.

13° Quarteirão de Carneira

Bartholomeu Ferreira de Souza,
Felisberto Jose de Oliveira,
Joaquim Bezerra,
Joaquim Suares de Oliveira,
Joao Rodrigues de Oliveira,
Lourenco Rodrigues Bezerra,
Manoel Ancelmo dos Santos,
Pedro de Souza Lima,
Thomas Jose da Cruz.

14° Quarteirão de São Roque

Francisco Alves dos Santos,
Grigório Jose de Sá,
Joao Gualberto da Silva.

15° Quarteirão dos Angicos

Felisberto dos Santos,
Joaquim Jose dos Santos.

16° Quarteirão de Lages

Antônio Alves Casado,
Antônio Tavares da Costa,
Carras (?) Tavares da Costa,
Francisco Casado da Fonseca
Francisco Manoel do Val",_
Joaquim Teixeira de Oliveira
Joao Teixeira da Fonseca
Jose Casado da Fonseca
Manoel Barbosa da Fonseca
Manoel Pereira de Araújo

17° Quarteirão do Disterro

Antônio de Souto Silva,
Manoel Carneiro de Araújo,
Manoel Tavares da Costa,
Paulo, Tavares da Costa,
Rodrigo Marques de Souza.

PODER EXECUTIVO
Administração do Município

A administração municipal, de modo geral, tem sido confiada a cidadãos zelosos, que costumam primar pela crescente melhoria e embelezamento da cidade, tornando-a um modelo digno de ser imitado.

Desempenharam as funções de administradores do município, como Presidente da Intendência e Prefeito, os seguintes Senhores:

Na Monarquia

José Barbosa Cordeiro	1859
Pe. Targino de Souza Silva	1860-1861
José Thomaz de Aquino Pereira	1862-1868
Dr. Bartolomeu Leopoldino Dantas	1869-1872
Joaquim Araripe Dantas	1873-1876
Pe. João Avelino de Albuquerque Silva ,,,,,,,,,,,,,,,,...........	1877
Felinto Elísio de Oliveira Azevedo	1878-1880
Joaquim Araripe Dantas	1881-1882
Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo	1883-1884
Egídio Malalaél Fernandes	1885
Deodato Fernandes	1886
José Barbosa Teixeira	1887-1889

Na República

Remígio Álvares da Nóbrega	1890
José Thomaz de Aquino Pereira	1891-1893
Felinto Elísio de Oliveira Azevedo	1894-1896
Antônio da Cunha Lima	1896-1898
João Alves de Oliveira	1899-1901
Bernardino de Sena e Silva	1902-1904
Felinto Elísio de Oliveira Azevedo	1905-1907
	1908-1910
	1911-1913
	1914-1916
Dr. Heráclio Pires Fernandes ([1])	1917-1919
	1920-1922
	1923-1925
	1926-1928
	1929-1930

(1) Dr. Heráclio Pires foi deposto pela revolução, em 30 de outubro de 1930.

Pe. Luiz Carlos Wanderley 1930-1931
Ten. Antônio de Castro Bezerra 1931-1932
Ten. Manoel Umbelino de Brito 1932-1933
Dr. Gorgônio Artur da Nóbrega 1933
Pedro Isidro de Medeiros 1933-1934
Ten. Francisco Corréia de Queiróz 1934
Dr. Gorgônio Artur da Nóbrega 1935
Pedro Isidro de Medeiros 1935-1945
Justino Pereira Dantas 1945
Cap. Pedro Ceciliano Lustosa 1945-1946
Justino Pereira Dantas 1946
Manoel Paulino dos Santos Filhos.. 1946-1947
José do Patrocínio de Araújo 1947-1948
João Vilar da Cunha 1948-1953
Antônio Antídio de Azevedo 1953-1954
Manoel Paulino dos Santos Filho 1954-1958
Joaquim Alves da Silva.. 1958-1963
Edson da Cunha Medeiros 1963-1969
Givaldo da Silva Medeiros 1969-1973
Ozires Borges Vilar 1973-1977
Edson da Cunha Medeiros 1977-1983
Manoel Paulino dos Santos Filho .... 1983-1988.

PE. TARGINO DE SOUZA E SILVA

O Pe. Targino de Souza e Silva tinha sua linhagem descendente, em linha reta, da famosa família tronco da Fazenda Espírito Santo, hoje Ouro Branco.

O Pe. Targino era cooperador do Pe. Francisco Justino Pereira de Brito, o primeiro Vigário de Jardim do Seridó.

Governou o município de 1860 a 1861, sendo, portanto, o segundo Intendente (Prefeito) de Jardim do Seridó.

CEL. JOSÉ THOMÁZ

O Cel. José Thomáz de Aquino Pereira nasceu no Estado da Paraíba, em 1º de junho de 1839. Casou-se com D. Rita Maria Pereira de Jesus, conhecida popularmente por D. Ritinha de Zé Thomás. Residiu no sobrado, construído pelo mesmo, à Av. Dr. Fernandes n° 40, não chegaram a construir família.([1])

Era comerciante de tecido e grande fazendeiro, entre os sítios que possuía pode se destacar a Baeta e o São Gonçalo, onde criava muito gado.

Era homem simples e caridoso. Dizem que quando chegava uma pessoa com fome em sua residência, ele perguntava: — A velha do chapéu grande está chegando? Queria dizer: — "A fome está chegando". Se assim fosse mandava entrar na sala de hóspedes, e dava-lhe de comer.

Era também muito devoto. Quando se achou doente do coração, fez uma promessa, que se ficasse bom construiria a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, e assim, foi um grande baluarte na construção da mesma. Morreu porém, do coração. Também participava ativamente das festas religiosas, para as quais fazia doação de garrotes.

Como político, foi Intendente por duas vezes: na Monarquia de 1862 a 1868 e na República de 1891 a 1893, sempre procurando seguir o Governo.

Por volta de 1877, conseguiu do Imperador uma verba (comissão), como tinha capacidade, para construir o açude Comissão, quartel de Polícia e melhoramento no mercado público, pois esse ano foi seco, e queria tirar o povo da miséria.

Exerceu, ainda, a função de delegado de Polícia, porém, não gostava de castigar ninguém.

(1) Cel. José Thomaz, criou um rapaz conhecido por Zuzu e uma moça por Belinha.

NOTA — Não foi possível adquirir nenhuma informação a respeito do primeiro Prefeito de Jardim, José Barbosa Cordeiro.

Faleceu e foi sepultado em Jardim do Seridó, em 4 de fevereiro de 1912, deixando viúva D. Ritinha, que não sabendo administrar os seus bens, terminou seus dias o povo dando-lhe de comer.

Termo de Óbito

José Thomáz d'Aquino Pereira, casado, natural da Paraíba, filho de Thomaz d'Aquino Pereira, morava na cidade, de cor branca, morreu com enfermidade de coração no dia 4 de fevereiro de 1912.([2])

(3) *Livro de registro de óbitos* n⁹ 2, 3969, da Prefeitura.

DR. BARTOLOMEU LEOPOLDINO DANTAS

"Dr. Bartolomeu Leopoldino Dantas nasceu em Mamanguape no dia 25 de maio de 1836. Filho de Sebastião Francisco Dantas e de D. Josefa Maria do Sacramento. Casou-se no Município de Santa Luzia, em 27 de janeiro de 1866, com Maria Clemência da Nóbrega Dantas.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife, formado com a turma do ano de 1862.

Dr. Bartolomeu teve realce na vida política, registrando-se que, durante o período da Monarquia, foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial no período de 1864 a 1865 e reeleito em 1866 a 1867."([1])

Em Jardim do Seridó era Coronel da Guarda Nacional e exerceu a função de prefeito nos anos de 1869 a 1872. Foi também proprietário do sítio Riacho do Roçado.

(1) Nonato, Raimundo, Bacharéis de Olinda e Recife, **p.** 54.

PE. JOÃO AVELINO DE ALBUQUERQUE SILVA

"O Pe. João Avelino de Albuquerque Silva, pequeno, muito divertido, sendo um grande dançarino. Amigo de toda a rapaziada do seu tempo, onde era queridíssimo."(')

Aqui em Jardim exerceu a função de Prefeito Municipal no ano de 1877. Enfrentou esta responsabilidade com energia, num ano de seca, quando se encontrava muita gente com fome.

"Foi ainda cooperador do Pe. Francisco Justino Pereira de Brito.

Daqui, foi residir em Caicó—RN, onde ali exerceu a função de Vigário, de 1880 a 1885. Tinha grande influência no Município, onde só não fazia chover. Gostava de andar de calça e paletó, como era costume do tempo."

(1) Monteiro, Monsenhor Eymard L E *Caicó.* p. 66.
NOTA: Não foi possível adquirir nenhuma informação sobre o 5º Prefeito de Jardim, Joaquim Araripe Dantas, antecessor do Pe. João Avelino. Apenas, que além de prefeito nos anos de 1873 a 1876 e de 1881 a 1882, foi também músico.

CEL. FELINTO ELÍSIO

Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevedo nasceu na fazenda Sombrio, do Município de Jardim do Seridó, aos 29 de novembro de 1852, sendo filho do Tenente-Coronel Manuel Ildefonso de Oliveira Azevedo e de D. Tereza Florinda de Jesus. Foram seus avós paternos o Capitão Antônio de Azevedo Maia (3°) e D. Ursula de Oliveira Leite, e maternos, José Rodrigues Viana, não havendo conhecimento do nome da sua avó, sendo, portanto, bisneto de Antônio de Azevêdo Maia (2[9]) o fundador da povoação de "Conceição do Azevêdo". Casou-se duas vezes, em primeiras núpcias com Neomísia Amélia Cunha de Azevedo e, em segundas, com Verônica Cunha de Azevedo, esta irmã daquela. Ali permaneceu durante toda sua longa existência, à frente e a serviço de sua gente, que lhe dedicava admiração e respeito.

"Foi uma grande, robusta e sadia árvore que determinou a floresta família, espalhando sombra, flor e fruto (...). Felinto era o herdeiro natural das tradições locais pelo sangue, pela continuidade residencial, pela vivaz, pelo espírito de trabalho."([1])

Católico praticante, sendo devoto do Sagrado Coração de Jesus, rezava terços, com sua família e hóspedes, no oratório da fazenda, reunindo, para isso, os moradores vizinhos.

"Quando moço, Felinto era tido como um dos rapazes mais elegantes de sua terra. Sempre que se vestia para sair à cidade, costumava pedir uns objetos de oratório. Esse título ele dava a uma flor que usava na lapela (parte superior do casaco) do seu convívio social. Era homem que lia muito, tendo um vasto conhecimento na atualidade de então. Tinha uma agradável palestra e de palavras fáceis, porém, gago. Tornou-se, portanto, um homem

(1) Cascudo, Luiz da Câmara, *Uma História da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande*, p. 336.

ilustre, considerado grande sabedor da história política da província e do estado. Felinto Elisio foi nomeado Capitão da Guarda Nacional, a 2 de janeiro de 1877 e Coronel a 23 de janeiro de 1893, sendo este último título assinado pelo Marechal Floriano Peixoto, então Vice-Presidente da República em exercício ."(2)

Exercendo a função de Promotor Público da Comarca, revelou-se um grande conhecedor da lei, tomando parte em diversos debates e, apesar de não ser bacharel, enfrentava da tribuna advogados formados.(3)

Foi inegavelmente, Felinto Elisio, um homem público de indiscutível destaque, no seu município, no Seridó, e no próprio Estado do Rio Grande do Norte.

"Iniciou sua carreira política aos 18 anos de idade, quando seu pai passando a residir na cidade de Campina Grande, do Estado da Paraíba, lhe entregou a chefia do partido Conservador, na então Conceição do Azevedo."(4)

Durante sua vida pública, ocupou as mais diversas posições. Ao tempo da Monarquia, foi deputado provincial por duas vezes, vereador nos períodos de 1877 a 1878, 1881 a 1884, e prefeito de 1878 a 1880.

No tempo da República, exerceu o cargo de deputado por sete vezes, e de Conselheiro de Intendência no ano de 1890 e no período de 1902 a 1904; o de prefeito nos períodos de 1894 a 1896, 1905 a 1907, 1908 a 1910, 1911 a 1913 e de 1914 a 1916. Foi também governador interino do Rio Grande do Norte, sendo até agora o único governador filho de Jardim do Seridó. Várias vezes foi vice-presidente do Congresso Estadual e depois da Assembleia Legislativa.

Exerceu, também, a função de conselheiro da primeira Casa de Crédito, ou seja, da Cooperativa Agropecuária de Jardim do Seridó.

Cabe observar que o Cel. Felinto pertenceu ao partido popular, onde o seu irmão Jesuíno Ildefonso, Dr. Manoel Augusto de Medeiros, Pe. Inácio Cavalcanti, José do Patrocínio e muitos outros fizeram oposição por muitos anos.

Pode-se dizer, sem exagero que, por muitos decênios, Felinto Elisio participou como elemento de consulta e decisão de todos os fatos relevantes na vida política da terra potiguar.

A sua palavra foi sempre ouvida e o seu conselho, indefectivelmente prudente e patriótico, acatado e seguido.

Prestigioso, leal, digno na vida pública, irrepreensível na vida doméstica, foi bem um verdadeiro e legítimo patriarca seridoense.

(2) Azevedo, Antônio Antídio de, Um Patriarca do Seridó, p. 2.
(3) Em 1898, Cel. Felinto teve como advogado adversário o Dr. Manoel Augusto de Medeiros, médico e fluente orador.
(4) Azevedo, Antônio Antídio de, Um Patriarca do Seridó, p. 4.

"Já na extrema velhice, deu mostra de uma resistência moral bem rara, quando, no pleito de 1935, foi surpreendido com a vilania de esbirros policiais, que, a servido do ódio partidário, desrespeitara a sua nobre e austera figura (...).

Ao sentir o peso de sua longa existência, reconhecendo a necessidade de repouso, esquivava-se de exercer cargos de eleição, renunciando-os em favor dos seus amigos políticos de confiança."([5])

Contudo, faleceu de um edema pulmonar, na fazenda Sombrio, onde nasceu e sempre viveu, ao dia 11 de abril de 1944, com 92 anos de idade, mas inteiramente lúcido.

Foi sepultado em Jardim do Seridó e é privilégio da terra esperançosa de ter servido de berço a figura tão ilustre da historia jardinense.

Os Filhos

Do casal Felinto Elisio e Neomísia Amélia (1ª esposa), nasceram:

Avelino Cunha de Azevedo,
Adelaide de Azevedo Coutinho,
Nísia de Azevedo Pires,
Alice Cunha de Azevedo
Arlinda de Azevedo Cunha,
Adonias Augusto de Oliveira Azevedo,

Do casal Felinto Elísio e Verônica de Azevedo (2ª esposa), nasceram:

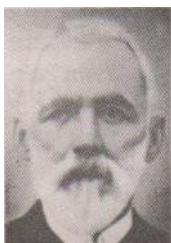
Alcebíades Mirabeau de Azevedo,
Ana Tereza de Azevedo Cunha,
Aristides Cunha de Azevedo,
Arnoud Cunha de Azevedo,
Alzina de Azevedo Nóbrega,
Alda de Azevedo Gurgel,
Verônica de Azevedo Santiago,
Felinto Elísio de Azevedo Filho,
Adélia Augusta de Azevedo,
Áurea Cunha de Azevedo.

Termo de óbito

"Aos onze de abril de mil novecentos e quarenta e quatro, no sítio Sombrio desta freguesia, faleceu Felinto Elísio de Oliveira Azevedo com 91 anos de idade; era viúvo de Verônica de Azevedo Cunha, não recebeu os sacramentos da Igreja por ter morrido repentinamente e seu corpo foi encomendado na matriz e sepultado no cemitério público desta cidade aos

(5) Azevedo, Antônio Antídio de, *ob. cit*, pp. 4 e 5.

doze do dito mês e ano. Do que para constar, mandei fazer este assento que vai assinado. Aloísio Rocha Barreto, com autorização da diocesana." (6)

(6) *Livro de óbitos* nº *5*, p. 8, do Arquivo Paroquial.

JESUÍNO AZEVÊDO

Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevêdo nasceu no sítio Sombrio, nesse município, em 4 de agosto de 1846. Filho do Tenente-Coronel Manuel Ildefonso de Oliveira Azevêdo e de D. Tereza Florinda de Jesus, irmão, portanto, do Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevêdo (Família tronco de Jardim). Foram seus avós paternos o Capitão Antônio de Azevêdo (3°) e D. Úrsula Leite de Oliveira, e materno José Rodrigues Viana, não havendo conhecimento do nome de sua avó. Sendo assim, bisneto de Antônio de Azevêdo Maia (2°), o fundador da povoação "Conceição do Azevêdo". Casou-se três vezes, em primeiras núpcias com Maria, em segundas, com Cristina Natália Cunha de Azevêdo e, em terceiras, com Veneranda Theresa de Jesus, esta prima daquela.

Jesuíno Azevêdo era proprietário do Sítio Volta, nesse município, onde era agricultor e criador.

Foi um grande defensor do Brasil na Guerra do Paraguai, com apenas 18 anos de idade.

Durante toda a sua vida, permaneceu na sua terra de origem, onde aqui deixou marco indelével, pelos relevantes serviços que prestou à educação jardinense, por tantos anos sustentara e guiara outrora centenas de jovens alunos, sendo um dos primeiros professores. Foi também, mais tarde, diretor da escola masculina.

Exerceu por muitos anos a função de escrivão da Câmara Municipal.

Na política, ocupou o cargo de vereador no período monárquico de 1873 a 1876 e de prefeito de 1883 a 1884.

Jesuíno Azevêdo fez 40 anos oposição ao seu irmão Cel. Felinto Elísio, então chefe político, juntamente com Dr. Manoel Augusto de Medeiros, José do Patrocínio e outros.

Faleceu em 21 de agosto de 1929 na cidade de sua origem, onde está sepultado.

Os filhos

Do casal Jesuíno Azevêdo e Maria (lª esposa), nasceram:

Crescência de Oliveira Azevêdo,
Felinto Elísio Azevêdo Sobrinho,
Maria Cândida de Azevêdo (Maroquinha)

Do casal Jesuíno Azevêdo e Cristina Natália (2ª esposa), nasceram:

João Batista de Azevêdo,
Júlia Cristina de Azevêdo,
Zumira Tarcísia de Azevêdo,
José Ildefonso de Azevêdo,
Tereza Cristina de Azevêdo.

Do casal Jesuíno Azevêdo e Veneranda Theresa de Jesus **(3⁴** esposa), nasceram:

Antônio Ildefonso de Oliveira Azevêdo,
Antonia Veneranda de Azevêdo,
Manoel Ildefonso de Azevêdo,
Celina de Azevêdo Cunha,
Olinolina de Azevêdo Pereira.

Termo de Óbito

"Aos vinte e um de agosto de mil novecentos e vinte e nove no cemitério público desta cidade sepultado em vulto preto o cadáver de Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevêdo com oitenta e quatro anos de idade casado que foi com Veneranda Thereza de Jesus, foi confessado ungido sacramentado e encommendado na forma do ritual. Do que para constar mandei fazer este assento que assigno. Pe. Luiz Wanderley."(1)

(1) Livro de óbitos n° 3, p.52, do Arquivo Paroquial.

EGÍDIO MALALAEL FERNANDES

Egídio Malalael Fernandes era Capitão da Guarda Nacional; descendente de famosa família de São Fernandes, irmão do Dr. Manoel José Fernandes, 5° Juiz de Direito de Jardim do Seridó.

Aqui em Jardim era proprietário das Fazendas Caatinga Grande e Apertado (hoje Três Irmãos), onde possuía um famoso engenho.

Como político, ocupou o cargo de Intendente (Prefeito), interinamente, em 1885.

Não há qualquer outra informação sobre a vida de Egídio.

JOSÉ BARBOSA TEIXEIRA

José Barbosa Teixeira era da Guarda Nacional. Casado com Mariana Ingracia Teixeira. Proprietário do sítio Timbaúba, hoje Município de Ouro Branco-RN, onde era grande fazendeiro e criador.

Há informações de que José Barbosa também exercia atividades de comerciante e comprador de algodão.

Tinha grande força política, pertenceu ao partido da oposição, ligado, portanto, a Dr. Manoel Augusto de Medeiros, então chefe político da época. Exerceu na Monarquia as funções de vereador no período de 1873 a 1876 e de prefeito de 1887 a 1889, sendo o último Prefeito da Monarquia.

No regime republicano, foi vereador por duas vezes, de 1894 a 1896 e de 1917 a 1919.

NOTA — Não obtivemos nenhuma informação a respeito do 11° Prefeito de Jardim, Deodato Fernandes, que governou interinamente em 1886.

REMÍGIO ÁLVARES DA NÓBREGA

Remígio Álvares da Nóbrega, casado com D. Flor, era filho de Gorgônio Pais de Bulhões e mãe desconhecida. Morava em sua fazenda Quebra Perna, hoje Mavioso, aonde exercia atividades voltadas para a criação e agricultura. Segundo o informante, Remígio tinha uma média de quarenta moradores.

Politicamente, pertenceu ao partido da oposição, ligado ao Dr. Manoel Augusto de Medeiros.

Na Monarquia, foi vereador por duas vezes: de 1881 a 1884 e 1887 a 1889. E na República, foi prefeito em 1890, sendo, então o primeiro do regime republicano. Nesse mesmo regime foi, ainda, vereador por três vezes, em 1894 a 1896, 1905 a 1907 e de 1917 a 1919.

Faleceu em 1925 em Jardim do Seridó a foi sepultado em Caicó.

OS FILHOS

Do casal Remígio Álvares e D. Flor, nasceram:

Inácio Nóbrega,
Remígio da Nóbrega Filho,
Narcisa Nóbrega,
Mariana Nóbrega,
João Damacena Nóbrega,
Maria Bezerra da Nóbrega.

ANTÔNIO DA CUNHA LIMA

Antônio da Cunha Lima (2°) nasceu em 1° de agosto de 1860, no sítio Bananeiro, no Município de Jardim do Seridó, onde foi agricultor. Filho de Antônio da Cunha Lima (1°) e de Januária Maria Benigna da Cunha. Era Coronel da Guarda Nacional.

Exerceu várias atividades no município, entre elas: Delegado de Polícia por muito tempo, em virtude de haver muito roubo e perversidade no município e maestro da Banda de Música Euterpe Jardinense no período de 1900 a 1905.

Foi grande incentivador da educação pública, pois admirava a cultura.

Tinha grande influência política em Jardim, onde chegou a ser Prefeito Municipal nos anos de 1896 a 1898. A figura inconfundível de Antônio da Cunha deixou um marco de sua administração; a construção do pontilhão antigo da Rua Francisco Procópio.

Ainda na política, exerceu a função de vereador de 1902 a 1904.

Não residiu propriamente na cidade, mas na fazenda Petrópolis, de sua propriedade.

Faleceu em 17 de setembro de 1932, na cidade de sua origem, onde está sepultado.

Os Filhos

Do casal Antônio da Cunha Lima e Maria Benigna, nasceram:

Juliêta da Cunha Fernandes,
Sandoval Cunha,
George Cunha,
Guicioli Cunha Silva,
Antônio da Cunha Filho.

Termo de óbito

"Aos dizecete dias do mêz de setembro de mil novecentos e trinta e dois no cemitério público desta cidade sepultou-se em volto preto o cadáver

de Antonio da Cunha Lima com setenta e dois anos de idade cazado que foi com Maria Benigna da Cunha, foi confessado ungido sacramentado e encommendado na forma do Ritual. Do que mandei fazer este assento que assigno. Ulisses Maranhão."(1)

(1) Livro de óbitos n° 4, p. 14 do Arquivo Paroquial.

JOÃO ALVES D'OLIVEIRA

João Alves d'Oliveira, conhecido popularmente por Major João Alves, nasceu em 11 de fevereiro de 1860, sendo descendente de Picuí, Estado da Paraíba. Casado com Francisca Paulina de Oliveira.

Era major da Guarda Nacional, havendo exercido o cargo de Delegado de Polícia em Jardim, onde era proprietário, criador, comerciante, comprador de algodão e, acima de tudo chefe político.

Na política, foi Prefeito Municipal no período de 1899 a 1901. Recebeu em sua residência a visita de Antônio Silvino e sua tropa.

O Major João Alves sempre demonstrou ser amigo de Jardim, de onde não saiu desde que aqui chegou.

Faleceu com problemas no coração no dia 28 de abril de 1912, com 52 anos de idade, em Jardim do Seridó, onde está sepultado.

Os Filhos

Do casal João Alves e Francisca Paulina, nasceram:

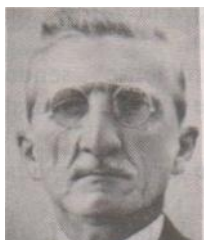
Francisco Auto de Oliveira,
Natália de Oliveira Dantas,
Alcides Alves de Oliveira,
Otília de Oliveira Cunha,
Francisca Paulina d'Oliveira Filha,
Olindina de Oliveira Dantas,
Acácio de Oliveira.

BERNARDINO DE SENA

Bernardino de Sena e Silva nasceu no sítio Cachoeira da Boa Vista, hoje Município de Parelhas, onde foi grande fazendeiro.

Na política se destacou, sendo o primeiro filho de Parelhas a ser eleito Presidente da Intendência (Prefeito) de Jardim do Seridó. Manteve-se em nível constante com a fama de chefe político regional, sendo muito respeitado pela serenidade e lealdade de que era possuidor.

Foi mediador entre Cel. Felinto Elísio e Antônio da Cunha Lima, que pretendiam o poder municipal. Com isto o elegeram prefeito no período de 1902 a 1904. Porém, antes foi vereador de 1896 a 1898 e de 1899 a 1901.

Não há qualquer outra informação a respeito de Bernardino.

DR. HERÁCLIO PIRES

Nasceu em 28 de junho de 1882, na fazenda Apertado, hoje Três Irmãos, no Município de Jardim do Seridó, propriedade do seu avó paterno Egídio Malalael Fernandes. Casou-se em 29 de novembro de 1905 com D. Anísia de Azevêdo Pires, filha do Cel. Felinto Elísio, um dos patriarcas do Seridó e de D. Neomísia Cunha de Azevedo, no período em que construiu o sobrado da Av. Dr. Fernandes n° 387 para sua residência.

Dr. Heráclio ainda moço perdeu o seu pai, por quem tinha verdadeira adoração. Com o falecimento deste, deu-se a vaga para o cargo de agente do Correio que, por ato do Juiz de Direito da Comarca, Dr. Manoel José Fernandes, seu tio, foi nomeado interinamente, nomeação esta que foi, posteriormente confirmada pela Administração Postal. Assim, aos 18 anos de idade recebeu o título legal e assumiu o exercício do cargo. Durante cinco anos dirigiu com rara eficiência aquele cargo.

Como estudante, em 24 de dezembro de 1923, Dr. Heráclio foi diplomado pela Escola de Farmácia do Recife, com grande sacrifício, pois ia a cavalo.

Logo em seguida, se estabeleceu em Jardim do Seridó com o comércio de farmácia (Farmácia Pires). Como havia poucos médicos no Seridó, principalmente em Jardim, onde apenas residia numa fazenda o Dr. Medeiros, desenvolvia seu trabalho como clínico improvisado, com o fito único de assistir seu povo. Fazia longas caminhadas a cavalo, de dia ou à noite, somente para atender alguém doente menos afortunado e nada recebia pela visita. Alguns anos depois vendeu a farmácia ao Sr. Fausto Vilar, e se estabelecendo novamente, com o ramo de fotografias, que era um dos seus robes preferidos, em que ficou famoso, com grande destaque profissional na região. Foi representante da Kodak para o Nordeste por muitos anos.

Dr. Heráclio Pires era também amante da boa música. Foi músico e maestro da Banda de Música Euterpe Jardinense, no período de 1906 a 1909, deixou algumas composições feitas na sua juventude.

Era um sertanejo forte fisicamente, inteligentíssimo e de grande cultura, mantinha contato com o mundo por intermédio de assinaturas de jornais e revistas.

Colaborava com a imprensa pernambucana, onde mantinha uma coluna assídua em o *Jornal do Comércio* do Recife, com o pseudônimo de Pedro Seridó.

Fundou e dirigiu com Antônio Antídio, o Jornal *O Município*, órgão independente e noticioso, que circulou, por algum tempo, em Jardim do Seridó, onde deixou traços de sua inteligência e amor à terra.

Fundou também o "Grêmio Literário e Recreativo Jardinense", sendo eleito seu presidente, associação que teve marcante utilidade social e cultural na época.

Não sendo católico praticante, mesmo assim gostava de ler sobre a vida de Jesus.

Dr. Heráclio foi em sua época o maior incentivador da famosa festa do Rosário. Os negros com seus trajes típicos, em gratidão, quando da passagem da procissão do Rosário, frente a sua residência, faziam uma parada rápida para dançarem ao som dos seus tambores e pífanos, em homenagem ao velho amigo e incentivador.

De 1896 a 1908 prestou também significativos serviços públicos ao seu município, como escrivão, mesário e presidente de eleições e trabalhos idênticos. Pela sua correção, dedicação e eficiência era pessoa destacada para as mais importantes missões que surgiam em Jardim do Seridó.

Na política, era homem ligado a seu sogro, Cel. Felinto Elísio. Foi prefeito várias vezes, de 1917 a 1919, 1920 a 1922, 1923 a 1925, 1926 a 1928 e de 1929 a 1930, sendo deposto pela Revolução, em 3 de outubro de 1930. Foi também vereador nos anos de 1948 a 1950. Como Prefeito, sua administração foi das mais operosas à frente dos destinos de Jardim do Seridó. Incontáveis foram os melhoramentos que trouxe para a sua cidade querida, entre elas: em 1919 construiu o açougue público (demolido), em 1925 iniciou a construção da ponte da Fazenda Pedra Lavrada, inaugurada no dia 13 de março de 1927, a cerimônia foi presidida pelo Exm° Sr. Presidente do Estado, Dr. Juvenal Lamartine. Esta ponte foi orçada em 60:000$000 (Sessenta contos de réis), sendo 30:000$000 por conta do município e 30:000$000 por conta do Estado. Por este motivo construiu a estrada que liga Jardim a Santa Luzia — PB. Para iluminação da cidade comprou um grupo de gerador ao Sr. Antônio Sabino, e logo em seguida fez contrato com Júlio Ramalho num motor gerador de maior capacidade. Construiu também o Grupo Escolar Antônio de Azevedo, o Coreto da Praça Dr. José Augusto, torneado em madeira, e outros.

"Vale salientar que Dr. Heráclio foi pioneiro na região do Seridó, em fazer calçamento com lajes e arborizar a cidade com fícus beijamim."(')

(1) Nota de João Nóbrega de Azevedo.

Em Ouro Branco construiu o mercado público e ajudou na construção da Capela.

Mudou os nomes dos seguintes distritos: de Periquito para Equador e Espírito Santo para Ouro Branco.

Por influência da família, vendeu todos os bens: a fazenda Apertado ao Sr. Severino Alves Vila, a fazenda Pedra Lavrada ao Sr. Francisco Seráfico Dantas e o sobrado a Antônio Sabino. Com isto foi residir em Natal, onde faleceu e foi sepultado, no dia 22 de março de 1958, com a idade de 75 anos.

Os Filhos

Do casal Dr. Heráclio Pires e Anísia, nasceram:

Manoel Heráclio Pires,
Paulo de Azevêdo Pires,
Heráclio Pires Fernandes Júnior,
Constantino de Azevêdo Pires,
Guiomar Pires Fernandes,
Natália Pires de Siqueira,
Ziza Pires Fernandes,
Maria Anísia Pires Lemos,
Albertina Pires Regalada Costa,
Terezinha Pires Fernandes,
Inês de Azevêdo Pires,
Virgínia Pires da Cunha,
Georgina Pires Fernandes.

PE. LUIZ WANDERLEY

"O Pe. Luiz Carlos dos Guimarães Wanderley nasceu em Natal, a 5 de março de 1903, sendo filho de Dr. Celestino Carlos Wanderlei.

O Pe. Luiz Wanderley passou praticamente toda sua vida dedicada à religião. Ingressando no seminário com apenas oito anos, chegando a se ordenar sacerdote em 8 de novembro de 1925. Celebrou, portanto, a primeira missa, em 15 do mesmo mês e ano, na Capela do Colégio da Conceição. Foi vigário em Angicos, Lages, Acari e em Jardim do Seridó, de abril de 1928 a junho de 1931.

Durante esta sua permanência em Jardim, exerceu também o cargo de prefeito municipal de 1930 a 1931. Logo após, foi residir na capital do estado.

Em 1958 assumiu a Capelania da Igreja do Rosário, onde permaneceu até 1971, quando sua saúde o obrigou a celebrar as missas em sua própria residência, em Natal.

Em 7 de outubro de 1976 foi nomeado Capelão de Honra do Santo Padre Paulo VI.

Aos 75 anos de idade era considerado um dos maiores oradores sacros da Igreja do Rio Grande do Norte.

Além das funções de Sacerdote foi professor de latim, durante trinta anos, no Colégio Estadual Atheneu, na capital.

Pe. Wanderley, como era popularmente conhecido, faleceu em Natal, vítima de pneumonia, no dia 20 de abril de 1978 com 75 anos de idade."(1)

(1) Informação do *Diário de Natal* do dia 21-4-78.

TEN. ANTÔNIO DE CASTRO

O Ten. Antônio de Castro Bezerra era oficial da Polícia.

Como político exerceu a função de prefeito, no Município de Jardim do Seridó, no período de 1931 a 1932. Ainda permanecem vivas algumas das suas realizações como a passarela da Praça Dr. José Augusto, com dois bancos, apenas. Governos posteriores fizeram mais bancos e sua ampliação.

Entregou o Governo ao Ten. Manoel Umbelino. O informante não sabe a origem do Ten. Antônio de Castro, sabe-se que reside atualmente em Natal.

TEN. MANOEL UMBELINO

O Ten. Manoel Umbelino de Brito Guerra nasceu na vizinha cidade de Caicó-RN, e era tenente do Exército.

Da sua cidade berço veio para Jardim do Seridó, a cavalo, a convite da família Nóbrega, que tinha grande influência na cidade. Esta sua vinda era para exercer a função de intendente (prefeito) o que se deu nos anos de 1932 a 1933, pois, com a Revolução, a cidade estava abandonada.

Ainda na política, foi durante todo tempo da oposição, ou seja, da Aliança Liberal. Por isso foi perseguido pelos seus adversários.

De Jardim volta para sua terra natal, cidade em que tinha grande influência política. ([1])

(1) Dados fornecidos por João Nóbrega de Azevedo.

DR. GORGÔNIO ARTUR

O Dr. Gorgônio Artur da Nóbrega era filho do Cel. José Gorgônio da Nóbrega e de D. Ana Floripes de Medeiros Barros. Casou-se com Maria Eulália, porém não constituíram família.

Era fazendeiro do sítio Timbaúba, hoje, Município de Ouro Branco-RN.

Homem simples e educado, formado em odontologia, que quando aqui chegou exerceu uma longa atividade profissional, alcançando renome e prestígio.

Na política, foi candidato a vice-prefeito ao lado de Álvaro Fragoso, sendo derrotado por Manoel Paulino dos Santos Filho. Pertenceu ao Partido Liberal, contrário ao Cel. Felinto Elísio, porém, quando da redemocratização, passou a pertencer ao PSD. Foi prefeito interinamente por duas vezes, em 1933 e em 1935, e também prefeito em São João do Sabugi.

Mais tarde, motivos outros deram ensejo a que Dr. Gorgônio emigrasse para Caicó, terra que através de longos anos desenvolveu intensos trabalhos de odontologia.

E foi justamente aí, em Caicó, que Dr. Gorgônio faleceu.

PEDRO ISIDRO

Pedro Isidro de Medeiros nasceu em Jardim do Seridó, no dia 1° de abril de 1895. Casou-se com Tereza Silva de Medeiros.

Na sua atividade profissional, era ligado à contabilidade. Foi gerente de Medeiros & Cia, daí passando para a cooperativa agropecuária de Jardim do Seridó, por ele fundada.

Na vida política foi conselheiro consultivo municipal (vereador) no período de 1931 a 1933, pedindo exoneração em 1933 para receber das mãos de Dr. Gorgônio Artur da Nóbrega, a administração municipal, pela primeira vez, de 1933 a 1934 e logo em seguida de 1935 a 1945, com a ajuda dos secretários Manoel Paulino dos Santos Filho, Adílio César de Oliveira e pelo tesoureiro Luiz de França Silva. Fez um trabalho constante em benefício da coletividade, com novos melhoramentos para o progresso e pelo desenvolvimento da cidade, com invulgar zelo, emprestando sua modesta colaboração.

Dentre os trabalhos realizados no decorrer das suas administrações, destacam-se: em Ouro Branco construiu o grupo escolar e o açougue, fez o revestimento no sangradouro do açude público; em São José do Seridó construiu um grupo escolar, ambos distritos de Jardim do Seridó. Conservação constante em regular qualidade de quilômetros de estradas de rodagem.

Em 1936 fez uma reforma geral da Praça Dr. José Augusto, dando um aspecto moderno e agradável. Foi responsável pela construção da maternidade Dr. Ruy Mariz. Construiu o sangradouro do Açude Comissão. Também conseguiu fios para instalação de uma rede telefônica, ligando a sede (Jardim) ao povoado de Ouro Branco. Manteve a banda de música "Euterpe Jardinense", da qual fazia parte quando jovem. Uma das principais obras do seu Governo foi a construção, em 1944, do atual prédio da Prefeitura Municipal de Jardim do Seridó.

Em 1949, Pedro Isidro de Medeiros mudou-se de Jardim, indo fixar residência em Natal, onde viveu longos anos.

Faleceu e foi sepultado nessa capital, no dia 30 de janeiro de 1971.

Os Filhos

Do casal Pedro Isidro e Tereza Silva nasceram:

Francisco da Silva Medeiros,
Givaldo da Silva Medeiros,
Orlando da Silva Medeiros,
Talvacy da Silva Medeiros.

TEN. FRANCISCO CORRÉIA

O Ten. Francisco Corréia de Queiróz, conhecido popularmente por Tenente Queiróz, era procedente do vizinho Estado da Paraíba, onde ativamente exercia naquele estado o cargo de delegado de polícia.

Casou-se em 1932 na cidade de Equador-RN, com Natália Bezerra da Nóbrega. Daí veio para Jardim do Seridó, por influência política e foi, na verdade, um político oposicionista, contrário ao Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevêdo. Nesta época exerceu o cargo de prefeito, interinamente, em 1934.

O Ten. Queiróz foi embora de Jardim do Seridó, em 1935, por conseqüência dos rumos da Revolução.

JUSTINO DANTAS

Justino Pereira Dantas nasceu no sítio Oiticica, no Município de Caicó-RN, no dia 12 de dezembro de 1878. Foram seus pais: José Calazâncio Dantas e Enedina Dantas. Tio do Mons. Waldredo Gurgel, ex-governador do Estado do Rio Grande do Norte. Casou-se em 1900 com Maria Fausta de Medeiros Dantas, advindo desse casamento numerosa prole.

Justino Dantas foi grande fazendeiro e criador, dono da fazenda "Bom Descanso", hoje Município de São José do Seridó, onde fazia excelente queijo do Seridó, conhecido como o "Queijo do Coração":

Como político era o grande chefe do PSD, no Município de São José. Foi amigo e ligado politicamente a José do Patrocínio, Dr. Heráclio Pires, Durval Augusto de Medeiros, Manoel Paulino, João Nóbrega, Vicente Ferreira Filho, Homero João de Azevedo e outros.

Em Jardim do Seridó exerceu o cargo de vereador por quatro vezes: de 1923 a 1925, 1926 a 1928, 1929 a 1930 e de 1937 a 1939. Foi também prefeito, interinamente, por duas vezes: em 1945 e 1946.

Entre outras realizações nesses pequenos espaços de mandato, conseguiu fazer limpeza no cemitério público e reforma no quartel de polícia.

"Justino Dantas foi exonerado do cargo de prefeito e o seu secretário João Nóbrega assumiu no período de 12 dias enquanto o Cap. Pedro Ceciliano fosse nomeado."[1]

Justino Dantas faleceu no dia 23 de julho de 1954, em São José do Seridó, onde está sepultado.

(1) Nota de João Nóbrega de Azevedo.

Os Filhos

Do casal Justino Dantas e Maria Fausta, nasceram:

Maria dos Anjos Dantas,
Enedina Dantas da Cunha,
Modesta de Medeiros Dantas,
Almira Dantas de Góis,
Alice Dantas Meira,
Severina de Medeiros Dantas,
Justino Dantas Filho,
José do Carmo Dantas,
Inácio Dantas,
Benedito Dantas,
Paulino Dantas,
Lilália Dantas de Medeiros,
Manoel Dantas.

CAP. PEDRO CECILIANO

O Cap. Pedro Ceciliano nasceu no Município de Parelhas — RN. Era alto, magro, alegre e com bastante senso de humor. Durante sua passagem por Jardim, como delegado de polícia, exerceu também o cargo de prefeito municipal nos anos de 1945 a 1946.

Politicamente pertenceu ao partido perrepista, ao lado do Cel. Felinto Elísio e depois à UDN.

Recebeu e entregou o mandato municipal ao Sr. Justino Pereira Dantas, que administrou por alguns meses.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

José do Patrocínio d'Araújo Fernandes nasceu em Jardim do Seridó no dia 8 de junho de 1887. Filho de Dr. Manoel José Fernandes, o 5° Juiz de Direito em Jardim do Seridó.

José do Patrocínio tinha grande interesse pela leitura, com especial pendor para o estudo das ciências ocultas. Gostava de tipos originais, de caçar e pescar, revelando uma capacidade extraordinária de convivência com os animais.

Foi comerciante estabelecido, por muitos anos, no ramo de tecido. Exerceu, também a função de delegado de polícia e maestro da Banda de Música "Euterpe Jardinense" no período de 1909 a 1912.

Na vida política, fez oposição, por muito tempo, ao Cel. Felinto Elísio, juntamente com Jesuíno Idefonso, Dr. Manoel Augusto e muitos outros.

Foi conselheiro consultivo no Município de Jardim, no período de 1931 a 1932, e vereador de 1937 a 1939. Durante este período exerceu as funções de vice-presidente, presidente e de escrivão da Câmara Municipal. Exerceu também o cargo de prefeito no período de 1947 a 1948, sendo indicado pelo então Prefeito Manoel Paulino dos Santos Filho.

José do Patrocínio era homem corretíssimo, pontual, que neste seu mandato não deixou de ser um grande defensor de sua terra.

Faleceu em Jardim do Seridó, onde está sepultado, no dia 18 de fevereiro de 1975.

Os Filhos

Do casal José do Patrocínio e Maria Manieta, nasceram:

Maria de Lourdes Medeiros Fernandes,
Maria José Fernandes,

Maria da Conceição Fernandes da Cunha,
Dr. José da Penha de Medeiros Fernandes,
José Geraldo de Medeiros Fernandes,
José Maria de Medeiros Fernandes.

JOÃO VILAR

João Vilar da Cunha nasceu na cidade de Taperuá — PB, aos 7 de setembro de 1902. Casou-se no dia 18 de fevereiro de 1925, com d. Fausta Dantas Vilar.

Chegando a Jardim em 1933, foi trabalhar na farmácia de Dr. Heráclio Pires Fernandes. No ano seguinte, ou seja, em 1934, foi residir em Ouro Branco, onde se estabeleceu com o Comércio de Farmácia. Em 1945, volta para Jardim do Seridó, comprando, desta vez, a farmácia do seu irmão Sr. Fausto Vilar, que fora de propriedade do Dr. Heráclio Pires Fernandes.

Foi o primeiro prefeito eleito pelo voto popular no Município de Jardim, para exercer o mandato no período de 1948 a 1953. Cavalheiro de fino trato e de real influência social e política no município, demonstrou grande capacidade administrativa, sendo o primeiro prefeito a calçar ruas com paralelepípedo. Fez a ampliação da Praça Dr. José Augusto, construiu o prédio nela existente e rebaixou as calçadas. Em 1951, comprou um motor gerador de 70HP, marca Blahstone, para melhorar a iluminação da cidade, e comprou outros para Ouro Branco, São José do Seridó e Santana, então distritos de Jardim. Construiu um grupo escolar em Santana e nos sítios: São Paulo, Viração e Retiro. Construiu também, o açude Touro neste município e introduziu grande melhoramento no edifício do Açougue Público.

João Vilar faleceu e sepultou-se em Jardim do Seridó, em 27 de novembro de 1974.

Os Filhos

Do casal João Vilar e d. Fausta Vilar, nasceram:

Delé Carlindo Vilar e
Marluce Vilar, falecida.

ANTÔNIO ANTÍDIO

Antônio Antídio de Azevedo, ou simplesmente Antídio de Azevedo, como era mais conhecido, nasceu em Jardim do Seridó — RN, aos 13 de junho de 1887, dia de Santo Antônio, daí o seu nome.

Era filho de Horácio Olímpio de Oliveira Azevedo e de Marcionila Cavalcanti de Azevedo, agricultores e criadores no sítio "Fazenda Nova", de que eram proprietários, localizado na zona rural do citado município.

Foi casado com uma prima, Alice Cunha de Azevedo, filha de Felinto Elísio de Oliveira Azevedo e Neomísia Amélia Cunha de Azevedo, estabelecidos na fazenda "Sombrio", vizinha ao sítio "Fazenda Nova".

Felinto Elísio, irmão de Horácio, era assim tio e sogro de Antídio.

Antídio, tendo vivido os primeiros anos de sua existência na zona rural, onde se dedicava a atividades agrícolas e pastoris, não teve nenhuma oportunidade de escolaridade regular. Por isso, aprendeu a ler com o próprio pai e com um primo, Felinto Ildefonso de Oliveira Azevedo. Posteriormente, já na cidade, estudou com o professor João de Souza Falcão.

Em Jardim do Seridó, fundou e dirigiu, com Heráclio Pires, o jornal *O Município,* semanário independente e noticioso.

Juntamente com Silvino Pires, fundou e manteve o *Jornal da Festa,* que circulava diariamente durante o novenário da Padroeira. Fundou e dirigiu o *Parafuso,* jornalzinho humorístico.

Foi intensamente dedicado à poesia, havendo pertencido ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, à Academia Potiguar de Letras, à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e à Academia de Trovas do Rio Grande do Norte.

Ainda em sua terra natal, além de ter exercido outras funções, como agente de rendas federais e adjunto de promotor público, foi Antídio escrivão

e tabelião durante dezenove anos, tendo substituído no cartório a Florentino de Azevedo Cunha, tio de sua esposa.

Por volta de 1937, foi removido para Natal, onde exerceu atividade no 4° Cartório, daí chegando a se aposentar. Depois desse evento, voltou à *sua cidade* natal para se candidatar à Prefeitura de Jardim. Sendo eleito, assumiu o cargo de prefeito constitucional do município em 1953. Vale salientar que venceu com uma significativa votação, tendo seu nome sufragado por cerca de mais de 90% do eleitorado jardinense.

Antônio Antídio correspondeu à expectativa de seus munícipes, mesmo assumindo a comuna jardinense num momento dos mais difíceis da história econômica do Seridó.

O dileto jardinense, além de outras, proporcionou assistência ao agricultor; aplicou mais de 80% da quota federal recebida, na conservação de estradas e na construção de açudes, como: um açude em São José do Seridó no local riacho do Melado; ampliou o Açude da Comissão, construiu mata-burros. *Deu* toda assistência à cooperativa local, para financiamento aos pequenos agricultores.

Em 9 de abril de 1954, Antídio encaminhou um ofício, solicitando concessão de licença para se afastar do município, pelo prazo de seis meses.

Por força do n° II do art. 45 da Lei *n*° 109, assumiu o cargo de prefeito o vice Sr. Manoel Paulino dos Santos Filho. .

Em 13 de outubro de 1954, Antídio encaminhou à Câmara um requerimento, solicitando uma prorrogação de mais seis meses de licença.

Ainda em 9 de abril de 1955, encaminhou outro requerimento, pedindo nova prorrogação por seis meses.

E em 11 de outubro de 1955 renunciou ao cargo de prefeito.

Antídio era homem simples, com autêntica vocação literária, tendo chegado a publicar livros e plaquetas, como: "Zelações", "Pirilampos", "Subsídios para a História de Jardim do Seridó", "Olavo Bilac", "Borboletas", "Cartas ao Malaquias", "Fagulhas", "Crônicas Esparsas", "Orações". Foi sempre um colaborador dedicado do desenvolvimento de Jardim do Seridó. E representou bem a sua terra no cenário da poesia norte-rio-grandense.

Faleceu e foi sepultado em Natal, aos 5 de novembro de 1975, com a idade de 88 anos.

Os Filhos

Do casal Antídio e Alice, nasceram:

Alínio Cunha de Azevedo,
Max Cunha de Azevedo,
Ednah Cunha de Azevedo.

Poemas

Homenagem a Jardim

Vamos homenagear nossa Jardim
Esta encantadora cidade.
Que é para todos os seus filhos
Encanto, paz, amor e liberdade.

Jardim, cheia de encantos mil
Hoje é, o coração do meu Brasil
Vale muito mais que ouro em pó.
Vive cheia de encantos e beleza
Guiada pela mão da natureza
Meu adorado Jardim do Seridó.

Minha Terra

Cidade assaz feiticeira
Do meu primeiro vagido,
De gente capaz e ordeira
No culto ao dever cumprido.
Sempre dando um passo à frente,
Nunca ficou impotente
O seu povo dedicado.

Um português patriarca
Deu-lhe forte descendência,
Que audaz e de boa marca,
Mostrando sã consciência.
Enfrentou o sacrifício,
Demonstrou logo de início
Seu valor e independência.

Veio Antônio de Azevêdo
Mostrando uma tradição,
Fundou em vasto balcedo
A fazenda Conceição.
Sua prole progrediu
E em pouco tempo surgiu
A famosa povoação.

Crescendo, se fez cidade,
Suas terras se povoaram
Num surto de atividade,

Suas forças aumentaram.
Pela extensão da planura
A criação e a agricultura
Bem de pronto se espalharam.

Daqui evoco os seus filhos
Que bastante a promoveram,
Que realçaram os seus filhos
E seu amor conceberam.
Citá-los é impossível:
Têm número indefinível
Os que tanto a engrandeceram.

Na zona do meu sertão
Em beleza ela está só.
Enfeita a vegetação
- Franja verde de filó -
Minha terra idolatrada,
Essa cidade encantada
- Meu Jardim do Seridó!

JOAQUIM ALVES

Joaquim Alves da Silva nasceu no Sítio Pedra Grande, no Município de Jardim do Seridó, no dia 6 de junho de 1901, sendo filho de João Alves da Silva e de Josefa Cristina de Maria. Casou-se com Adalgiza Brito da Silva.

Era homem pacato, trabalhador, simples, dotado de grande coragem pessoal e de fácil diálogo. Fez amigos em todas as camadas sociais, pelo seu bom coração. Homem que durante toda a sua existência foi um autêntico paladino da paz.

Como político, foi prefeito no período de 1958 a 1963; entregou-se ao estudo e solução dos problemas do povo; abdicou do direito, trabalhando sempre pelos interesses do município.

Durante sua permanência na administração municipal, suas realizações de maior destaque foram: a construção do abrigo dispensário; os prédios da Associação Rural, da Biblioteca Pública e da Liga contra a Tuberculose (posto de saúde). Vale salientar que para a construção destes prédios contou com a ajuda de Dr. Manoel de Medeiros Britto.

Construiu ainda os grupos escolares: Francisco Baltazar, Elvira Lins e José Luiz, ambos na cidade. Fez a ampliação do pontilhão da Rua Otávio Lamartine e construiu o da Rua Antônio da Cunha Lima no Riacho do Angico, que passa no centro da cidade. Construiu, também, o prédio da Banda de Música "Euterpe Jardinense", o prédio do Jardim de Infância (demolido); cercou o campo de aviação; comprou palhas para recuperar os tetos dos mocambos existentes no subúrbio da cidade.

Foi ainda deputado estadual de 1951 a 1954, sendo dinâmico parlamentar da bancada da União Democrática Nacional (UDN); articulava-se politicamente com o Cel. João Medeiros. Destacou-se na Assembléia Legislativa Estadual pelos seus dotes de hábil negociador em questões de alto interesse para o governo do estado.

Joaquim Alves faleceu em 1° de maio de 1972 em Caicó e foi sepultado em Jardim do Seridó.

Do casal Joaquim Alves e Adalgiza nasceu Maria Aparecida Silva de Amorim.

DR. GIVALDO DA SILVA

Dr. Givaldo da Silva Medeiros nasceu em Jardim do Seridó no dia 1^{9} de dezembro de 1930. Filho de Pedro Isidro de Medeiros, ex-prefeito, e de Tereza Silva de Medeiros. Casou-se em 22 de maio de 1953, em Natal, com Aurênia de Castro Medeiros.

Fez o curso primário no "Grupo Escolar Antônio de Azevedo", indo depois estudar no "Ginásio Diocesano Seridoense" em Caicó, onde concluiu o 1° ciclo. Em seguida foi para Natal, cursando o científico no Colégio Estadual ou Atheneu. Logo após, fez o vestibular para Farmácia, obtendo bons resultados. Havendo concluído o curso superior, na turma de 1952, voltou para sua terra natal.

Aqui em Jardim, Dr. Givaldo se estabeleceu com o ramo de farmácia (Farmácia Medeiros), de 1953 a 1964. Além disso, ampliou suas atividades como notário público do 2° Cartório e diretor do Hospital Dr. Ruy Mariz.

Como político, foi vice-prefeito na gestão de Edson da Cunha Medeiros, de 1963 a 1969, e logo em seguida foi eleito prefeito municipal, para exercer o mandato no período de 1969 a 1973. Durante sua administração conseguiu realizar uma série de melhoramentos no município, destacando-se: as residências do Juiz de Direito e a do delegado de Polícia; a ponte do rio Cobra que liga a cidade ao Bairro Bela Vista; a garagem, depósito e almoxarifado da prefeitura; os pedestais para os bustos do Dr. José Augusto e do Cel. Felinto Elísio; a Praça Cel. João Medeiros. Construiu também as seguintes escolas: Manoel Francisco, no sítio Cachoeira; Manoel Martiniano, no sítio São Paulo; Manoel Paulino, no sítio Pau Furado; Belarmino B. Cunha, no sítio Cacimba Velha; Manoel Regina, no sítio Quipauá e conseguiu mobiliário para todas as escolas municipais.

Pavimentou as Ruas Prof. Jesuíno; Justino Dantas, Antônio da Cunha Lima, Major João Alves, Pe. Justino, José Jerônimo, Vicente Ferreira, Dr.

Medeiros, Otávio Lamartine e construindo os canteiros nela existentes. Instalou a iluminação do Bairro Bela Vista e do Bairro São João.

Restaurou o prédio da prefeitura, o Esplanada Clube, a Biblioteca Pública, o prédio da Banda de Música e o Cemitério Público.

Instalou a casa do agricultor, recuperou a ambulância, concluiu e instalou o Centro de Abastecimento Municipal.

A pontualidade sempre foi a principal característica do Dr. Givaldo em sua administração, uma condição única, em seus tratos e compromissos. Não prometia para faltar, não negava aquilo que podia fazer, gostava do direito, doesse a quem doesse. Um espírito de elevada formação moral e de qualidade de caráter. Fez, portanto, uma excelente administração graças a sua excelente capacidade de organização.

Por isso foi convidado pelo Governador Cortez Pereira para exercer o cargo de coordenador de Assistência aos Municípios. Já no Governo de Tarcísio Maia foi diretor financeiro e administrativo do Bem-Estar Social.

Reside atualmente em Natal, onde exerce o cargo de diretor administrativo da firma Famosa S.A. Vale ainda salientar que Dr. Givaldo é um radioamador atuante.

Os Filhos

Do casal Dr. Givaldo da Silva e Aurênia de Castro, nasceram:

Ana Angélica de Castro Medeiros,
Pedro Isidro de Medeiros Neto.

OZIRES BORGES VILAR

Nasceu na vizinha cidade de Parelhas — RN, no dia 1º de fevereiro de 1929, sendo filho de Antônio Vilar da Cunha e de °tília Borges Vilar.

Da cidade de origem veio em 29 de agosto de 1945, ainda muito moço, residir em Jardim do Seridó, para trabalhar na farmácia de seu tio, João Vilar da Cunha.

Em 20 de maio de 1956 casou-se com Maria do Carmo Medeiros Vilar e associou-se ao povo jardinense, participando de nossa história.

Em 1962 se estabeleceu no ramo farmacêutico, onde revelou suas qualidades, recebendo sem distinção quantos o procuravam, com sua ação benéfica e dedicada. Desfrutou de merecido conceito entre seus concidadãos, pelos seus inegáveis dotes de bondade.

Exerceu várias atividades, havendo participado da primeira diretoria do Jardim Esporte Clube e depois foi presidente do mesmo clube.

Na política local era ligado aos Srs. Dr. Paulo Gonçalves de Medeiros, Edson da Cunha Medeiros, Manoel Paulino e outros. Foi secretário da Câmara Municipal e vereador nos períodos de 1959 a 1962 e de 1963 a 1966.

Em 1962 solicitou licença para se afastar por 180 dias da Câmara, em virtude de haver sido nomeado, por ato do governador, para exercer as funções de prefeito do Município de Santana, quando da sua emancipação política, sendo, assim, o primeiro prefeito daquele município.

Em 7 de agosto de 1972 recebeu da Câmara Municipal o título honorífico de Cidadão Jardinense.

Foi, ainda, Ozires, vice-prefeito de Jardim do Seridó no quadriênio 1969 a 1973, ao lado de Dr. Givaldo da Silva Medeiros e logo em seguida prefeito, no período de 1973 a 1977. Dentre suas realizações destaca-se a construção de vários grupos escolares na zona rural e restauração de outros. Instalou quatro postos de alfabetização na zona rural. Ampliou a rede elétrica. Calçou numerosas artérias. Instalou ainda uma central de medicamento com finalidade

de distribuir, gratuitamente, medicamentos à população carente de recursos. Desapropriou terreno do Sr. Joaquim Patrício para construção de casas. Deu total apoio à Banda de Música Euterpe Jardinense.

Ozires Borges Vilar faleceu no dia 3 de outubro de 1982, em Natal, e foi transladado para Jardim do Seridó, cidade que o considerava como filho, onde está sepultado.

Os jardinenses reverenciam sua memória e seus exemplos, como profissional e como edil, lutando pelo bem-estar do povo de sua terra.

Do casal Ozires e Maria do Carmo nasceram quatro filhos, sobrevivendo apenas uma: Ana Maria Medeiros Vilar.

EDSON DA CUNHA MEDEIROS

Edson Medeiros nasceu em Campina Grande — PB no dia 22 de março de 1935. Filho do Cel. João Medeiros e de D. Ana da Cunha Medeiros. Casou-se em 22 de março de 1957 com D. Maria José Lira Medeiros.

Seu pai era dedicado e esforçado. Possuía no então povoado de Jardim uma casa comercial, que se transformou mais tarde numa grande indústria. E foi principalmente com seu pai, logo cedo, que Edson aprendeu as primeiras lições da vida empresarial.

Fez curso primário no Grupo Escolar Antônio de Azevedo; depois foi estudar no Colégio Sete de Setembro, em Natal — RN, onde cursou o técnico.

Edson é um homem de larga visão e amor à terra. Em Jardim implantou várias indústrias, tendo sido um grande gerador de empregos para a força de trabalho de seus conterrâneos, projetando-se nos meios econômicos e sociais.

Pelos relevantes serviços prestados recebeu em 1972, da Câmara Municipal, o título honorífico de Cidadão Jardinense.

Recebeu de seu pai a chefia política de Jardim do Seridó. E durante toda sua vida política foi eleito por duas vezes para administrar o Município de Jardim, durante os anos de 1963 a 1969 e de 1977 a 1983. Em seus mandatos deixou uma destacada série de realizações:

Trouxe a energia de Paulo Afonso, a Telern e a Caem.

Construiu as Escolas: Malhada da Areia, no sítio do mesmo nome; Joaquim Alves, no sítio Riacho do Meio. Restaurou as escolas dos sítios: São Paulo, Cabaceira, Penedo, São Pedro, Currais Novos e Cacimba Velha. Restaurou ainda a Escola Prof. José Luiz, a sede da Divisão Municipal de Educação e Cultura; o quartel de Polícia e a casa de hóspedes da prefeitura.

Ampliou o Centro Educacional Felinto Elísio, o centro de saúde, a energia nos Bairros São João, Alto Bela Vista e Alto Baixo.

Criou o serviço municipal de alimentação escolar e o serviço municipal de saúde.

Iniciou as construções do Centro de Abastecimento e o matadouro público.

Deu assistência, com maior assiduidade, às estradas.

Foram implantadas, em convênio com a LBA, várias unidades do Projeto Casulo.

Construiu ainda em seu Governo o Clube das Mães, o Conceição Palace Hotel, o centro social urbano, o ginásio de esportes, quatro mini postos de saúde nos sítios Currais Novos, Cabaceira, São Paulo e São João.

Pavimentou várias ruas, sendo de vital importância a do alto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Por ocasião da pavimentação da Av. Dr. Ruy Mariz e a Rua Francisco Procópio, construiu um pontilhão e uma rede de canal de escoamento de águas pluviais e esgotos.

Também merece destaque o Natal da criança pobre, a fim de estimular a infância carente de nossa cidade.

Os últimos anos de sua administração foram abalados pelo longo período da estiagem, comum neste clima singular e típico do Seridó. Porém, essa anomalia não foi suficiente para abalar o Prefeito Edson Medeiros e deixar de trabalhar em prol do seu povo.

Todos lhe são gratos pelo muito que fez, como prefeito e como industrial, dando um exemplo às gerações futuras de dedicação ao desenvolvimento de Jardim do Seridó.

Os Filhos

Do casal Edson e Da Maria José, nasceram:

Edma Lira Medeiros,
Edmar Lira Medeiros,
Edna Silvana Lira Medeiros de Azevedo,
Ana Izaura Lira Medeiros.

MANOEL PAULINO

Manoel Paulino dos Santos Filho nasceu em Jardim do Seridó no dia 29 de novembro de 1918. Filho de Manoel Paulino dos Santos e de Dª Luzia Leopoldina dos Santos, casou-se em 12 de outubro de 1942 com Dª Olânia Caldas de Amorim Santos, na cidade de Acari — RN.

Durante a sua mocidade jogou futebol, sendo um dos primeiros jogadores do Jardim Esporte Clube. Foi também conselheiro da Cooperativa Agropecuária Ltda.; fez parte da primeira diretoria do Hospital Dr. Ruy Mariz, sendo atualmente presidente do Sindicato dos Proprietários Rurais.

Na vida estudantil fez o curso primário no Grupo Escolar Antônio de Azevedo. Quando da sua convocação para a Segunda Guerra Mundial, para servir no 16° RI de 1º de novembro de 1941 a 31 de julho de 1945, fez vários cursos, entre eles: de cabo, de sargento e de comandante de pelotão (oficial curso superior).

Foi secretário e tesoureiro do Prefeito Pedro Isidro de Medeiros e secretário da Câmara Municipal, com 17 anos, o grande passo para se integrar na vida política.

Na política foi conselheiro consultivo municipal, no período de 1935 a 1937; prefeito nos anos de 1946 a 1947; vice-prefeito ao lado de Antônio Antídio de Azevedo e, por motivo de renúncia deste, assume o cargo de prefeito para administrar de 1954 a 1958; eleito no pleito de 1982, assumiu a prefeitura em 31 de janeiro do ano seguinte, para governar o município num período de seis anos.

À frente da administração municipal, Manoel Paulino tem procurado reunir esforços no sentido de dar aos seus conterrâneos tudo aquilo que estiver ao seu alcance.

Tem dado um grande impulso ao desenvolvimento do município: construiu no sítio Currais Novos um grupo escolar (o antigo), onde hoje funciona o

Olaria Clube; um posto telefônico; instalou a energia elétrica e solicitou que fosse canalizada água; construiu também o açude Zangarelhas e inaugurou o açougue público, os edifícios da Câmara Municipal e do baixo meretrício, a estação rodoviária, um grupo escolar e a delegacia em Ouro Branco e ampliou um açude em São José do Seridó, então distritos de Jardim.

Construiu, em convênio com o Projeto Crescer, 110 casas e mais 140 pela prefeitura, todas doadas; celebrou outro convênio com o Ministério da Aeronáutica para a construção do campo de pouso, inclusive da estação de passageiros, e fez ainda convênio com o Hospital do Seridó para atendimento médico e cirúrgico à população, realização esta efetuada na gestão anterior.

Em 1955, indenizou as casas da Rua Felinto Elísio para o prolongamento da Rua Otávio Lamartine e urbanizou o Bairro do Esplanada Clube. Indenizou o terreno sul e sudeste da cidade, demoliu os morros e doou. Ampliou por duas vezes o açude Touro e o da Comissão.

Em 1957, conseguiu para esta cidade o Horto Florestal com uma área de 14.470m^2. Reconstruiu o quartel de Polícia e comprou um conjunto motriz completo dotado de um motor Rust de 102 HP e alternador de 80 Kng.

Fez grande remodelação no Grupo Escolar Antonio de Azevedo; patrocinou a limpeza interna e externa da Igreja Matriz; implantou várias creches de emergência nos bairros; manteve no seu governo o fornecimento de medicamento e transporte às populações carentes.

Concluiu a construção e fez ampliação do matadouro.

Pavimentou uma média de 40.000m^2 na zona urbana e suburbana da cidade, como também mais de 100.000m lineares de rede de esgotos.

Construiu o ponto-socorro municipal e ampliou a energia elétrica em vários bairros. Conseguiu várias viaturas para a prefeitura, inclusive a ambulância.

Vale ainda salientar que em 1946 Manoel Paulino foi o primeiro homem público no Brasil a doar bolsas de estudo.

Em sua política de atendimento às necessidades da população de baixa renda, promove, quinzenalmente, a doação em média de 1.300 feirinhas às mães pobres, o que pretende manter até o final do seu governo.

Manoel Paulino é grande conhecedor da vida política local, e está deixando uma história cheia de muita vivência, de muita luta e de muitas realizações.

Além de gozar de real conceito social e político, é integrante do alto comércio, cuja firma tem-se expandido extraordinariamente e exerce atividades industriais.

Os Filhos

Do casal Manoel Paulino e Da Olânia nasceram:

Carlos Alberto de Amorim Santos,
Carmen Lúcia de Amorim Santos,
Célia Márcia de Amorim Santos,

Cynthia Cenira de Amorim Santos,
Dr. Cláudio Manoel de Amorim Santos,
Calpúrnia de Amorim Neta.

Os Deputados Jardinenses

Segue a relação das personalidades políticas, filhos de Jardim do Seridó, que exerceram mandatos de deputado estadual:

Bel. Avelino Ildefonso de O. Azevedo 1874-1875
Cel. Felinto Elísio de O. Azevedo 1876-1877
1882-1883
1907-1909
1913-1915
1918-1920
1924-1926 (1)
1927-1929
1930-1932
1934-1939
Joaquim Alves da Silva 1951-1954
Manoel de Medeiros Brito 1956-1959
1959-1963

Outras Personalidades Marcantes na Vida do Município

Não têm sido poucos os filhos de Jardim do Seridó e outros municípios, tanto no passado, como no presente, que se projetaram na vida econômica, política, cultural e social do estado.

Além daqueles que exerceram a administração municipal, citamos mais alguns.

(1) De 29 de julho a 1º de setembro de 1925, Cel. Felinto Elísio exerceu o cargo de Governador do Estado do Rio Grande do Norte, sendo, portanto, o único filho de Jardim do Seridó, até agora, a exercer, mesmo interinamente, a primeira magistratura do estado.

AVELINO ILDEFONSO

Avelino Ildefonso de Oliveira Azevedo, seridoense, natural da antiga Conceição do Azevêdo, tendo nascido na fazenda "Sombrio", sendo filho do Cel. Manoel Ildefonso de Oliveira Azevedo e de DP Teresa Florinda de Jesus, portanto, irmão do Cel. Felinto Elísio, do prof. Jesuíno Azevedo, do Dr. Manoel Ildefonso, entre outros.

"Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1873.

Manoel Ferreira dos Santos Pequeno, que exerceu, em Jardim do Seridó, durante mais de quarenta anos, as funções de Oficial de Justiça, contava quando o Dr. Avelino se formou, no Recife, veio para Natal de barco, donde seguiu para Macaíba em uma lancha, daí para Jardim do Seridó, onde foi recebido festivamente.

Homem de caráter ilibado. Possuía tendências literárias e era pesquisador das riquezas da língua de Camões, ensinando o vernáculo a muitos jovens daquela época.

O bacharel Avelino Azevedo foi promotor da Comarca de Mossoró, onde deixou a tradição da sua energia, capacidade de trabalho, decisão e independência de atitude.

Chegou Avelino ainda a advogar em Jardim do Seridó, a favor de Manoel Marinho, fazendeiro e pessoa de destaque no município, que fora acusado da morte de uma moça. Porém, como bom orador, fez uma bonita defesa, sendo o réu absolvido.

Foi ainda deputado federal no Estado do Rio Grande do Norte de 1874 a 1875.

Dr. Avelino Azevedo faleceu em Natal, ainda muito moço, quando ocupava as funções de Diretor da Educação." ([1])

(1) Nonato, Raimundo, *Bacharéis de Olinda e Recife, p. 73*

JOÃO MEDEIROS

João Medeiros nasceu no dia 27 de março de 1888, na fazenda Passagem de São João, neste município. Casou-se em 1926 com Ana da Cunha Medeiros, companheira inseparável durante 44 anos.

João Medeiros, menino ainda, criado na escola do trabalho, iniciou-se na atividade agropecuária e também curtindo couro, na fazenda de sua origem. Porém, de largo tirocínio para atividade comercial e industrial, onde se estabeleceu na região do Seridó com o comércio de couro; daí, em 1912 comprou uma mercearia das mais sortidas, iniciando desse modo, sua vida comercial na cidade de Jardim e começando a participar das suas atividades sociais e políticas.

Nos primeiros anos da década de 30 comprou a fazenda Seridó. Em 12 de dezembro de 1936 fundou a Firma "Medeiros & Cia." cuja atividade principal era a compra e beneficiamento de algodão. A expansão de seu comércio algodoeiro levou-o a instalar uma fábrica de óleo de caroço do algodão, surgindo, assim, os óleos comestíveis Mavioso e Algol.

Além de sua importância como industrial foi, também, figura de projeção social e política no Município de Jardim do Seridó, no estado, onde chefiou a União Democrática Nacional (UDN). Mais tarde foi o presidente regional desse partido, tendo como colaboradores os seus amigos Joaquim Alves da Silva, João Vilar da Cunha, Pedro Isidro e outros.

Foi homem de prestígio no estado, colaborando decisivamente para a vitória dos seus candidatos de seu partido. Foi ainda membro do Conselho Administrativo do estado. Exerceu também a função de conselheiro da intendência nos anos de 1920 a 1922, 1923 a 1925, 1926 a 1928 e de 1929 a 1930.

Amigo dedicado e leal do Cel. Felinto Elísio, por morte deste em 1944, João Medeiros o substituiu na liderança política local, sucedido mais tarde por seu filho Edson da Cunha Medeiros.

Assim, inscreveu-se em nossa história, marcado de tantos êxitos em sua vida de político e empresário. Seu exemplo edificante é seguido por seus filhos; seus conterrâneos, num gesto de reconhecimento pelo que muito realizou por sua terra, fizeram erguer uni monumento na praça que tem o seu nome.

Em 19 de novembro de 1970, faleceu o Cel. João Medeiros, como era conhecido, em Natal, onde está sepultado.

Os filhos

Do casal João Medeiros e Dª Ana da Cunha nasceram:

Yvete da Cunha Medeiros, falecida,
Dagmar da Cunha Medeiros Aquino,
Djalma da Cunha Medeiros,
Edson da Cunha Medeiros,
Edmundo da Cunha Medeiros,
Garibalde da Cunha Medeiros,
Genival da Cunha Medeiros,
Neide da Cunha Medeiros Maciel.

DR. MANOEL AUGUSTO

Dr. Manoel Augusto de Medeiros (Dr. Medeiros), nasceu em 30 de abril de 1854, no sítio Umari, no Município de Caicó—RN. Filho de Francisco Antônio de Medeiros e de Ana Vieira Mimosa. Foram seus avós paternos João Damasceno e Maria Joaquina dos Prazeres, naturais da Freguesia de Patos-PB, e, maternos, o Capitão Cosmo Pereira da Costa, do Umari e Maria Theresa de Jesus, ambos moradores nesta Freguesia do Seridó. Casou-se três vezes; em primeiras núpcias, com Brasília da Motta Medeiros, e em segundas com Francisca da Motta Medeiros, esta irmã daquela, filha do Dr. Belmiro Pereira da Motta e Carolina Ramalho da Luz, e em terceiras com Maria Rachel de Medeiros, filha de Clemente de Brito e Maria Raquel de Medeiros, naturais do Seridó.

Iniciou seus estudos em Caicó, indo posteriormente para um convento em Olinda—PE; daí seguiu para a Universidade da Bahia. Ao concluir o seu curso superior (Medicina), em 13 de dezembro de 1884, com trinta anos de idade. já havia contraído há dois anos o seu primeiro matrimônio.

Assim sendo, depois de formado, veio residir em Jardim do Seridó, onde exerceu suas atividades profissionais, clinicando e hospedando, ao mesmo tempo, os pacientes que batessem em sua porta. E pelas curas que fez, nesses tempos de outrora, sendo o primeiro médico a clinicar em Jardim, foi o que recebeu maiores glórias.

Depois de alguns anos, Dr. Medeiros e sua família, retornou à Bahia, onde Brasília de Motta Medeiros, sua primeira esposa, teve um parto de duas crianças, causando-lhe a morte. Porém, Dr. Medeiros não se conservou viúvo por muito tempo; casou-se a segunda vez com sua cunhada Francisca da Motta Medeiros que, em seguida, veio morar em Natal. Durante sua permanência na capital, ocupou os cargos de deputado e médico do Exército, havendo, por questões pessoais e políticas, pedido exoneração dos cargos

que exercia naquela capital, e veio morar mais uma vez no Município de Jardim, no sítio Belo Horizonte de sua propriedade.

"Foi deputado à Constituinte estadual de 1891 e político dos mais combativos nos sertões potiguares, ocupando sempre destacada posição nas fileiras oposicionistas".(')

Há informações de que, na vida política em Jardim do Seridó, fez oposição por muito tempo ao Cel. Felinto Elísio, juntamente com Jesuíno Azevedo, Pe. Inácio Cavalcante, José de Patrocínio e muitos outros.

Em 1910 enviuvou pela segunda vez, casando-se novamente no ano seguinte com sua conterrânea Maria Rachel de Medeiros, que faleceu em 1° de agosto de 1922, ficando assim Dr. Medeiros mais uma vez viúvo.

Depois de três meses e vinte dias do falecimento de sua última esposa, falece o Dr. Manoel Augusto de Medeiros, no dia 21 de novembro de 1922, em Jardim do Seridó, onde foi sepultado.

Os Filhos

Do casal Dr. Medeiros e Brasília nasceram cinco filhos e lhes sobreviveram quatro:

Dalila Augusta de Medeiros,
Delminda Augusta de Medeiros,
Dulcardo Augusto de Medeiros,
Maria Augusta de Medeiros.

Do casal Dr. Medeiros e Francisca nasceram 14 filhos e lhes sobreviveram nove:

Dulce Augusta de Medeiros,
Divaldo Augusto de Medeiros,
Durval Augusto de Medeiros,
Delzira Augusta de Medeiros,
Deilda Augusta de Medeiros,
Dulcina Augusta de Medeiros,
Dorgival Augusto de Medeiros,
Durcila Augusta de Medeiros,
Discíola Augusta de Medeiros.

Do casal Dr. Medeiros e Maria Raquel nasceram sete filhos e lhes sobreviveram quatro:

Dulcardo Augusto de Medeiros,
Dorila Augusto de Medeiros,
Diomedes Augusto de Medeiros,
Jeovah Augusto de Medeiros. (2)

(1) Medeiros, José Augusto de, Seridó, p. 94.
(2) Dados de seu filho Dorgival Augusto de Medeiros.

Termo de Óbito

"Manoel Augusto de Medeiros, viúvo, filho de Francisco Antônio de Medeiros, morador no Belo Horizonte, de cor branca, faleceu com enfermidade de congestão do fígado no dia 21 de novembro de 1922." (3)

(3) Livro de óbito n° 1, p. 99, do arquivo da paróquia.

DR. MANOEL DE MEDEIROS BRITO

Nasceu na cidade de Jardim do Seridó, no dia 6 de julho de 1928. Filho de José de Medeiros Brito e de Francisca de Medeiros Brito.

Fez o curso primário no "Grupo Escolar Antônio de Azevedo". Freqüentou como seminarista durante dois anos o "Seminário de São Pedro". Já em 1943 estava no "Ginásio Diocesano Seridoense" em Caicó. Em seguida volta a Natal, para concluir o Ginásio no "Colégio Sete de Setembro". Depois, faz o curso clássico no velho "Atheneu", ocasião em que conseguiu seu primeiro emprego, na imprensa oficial do estado e também como professor particular. Ao concluir o 2° grau, seguiu para o Ri o de Janeiro, onde foi continuar os estudos.

Fez vestibular para a "Faculdade de Direito" do Rio de Janeiro, obtendo-bons resultados. Então, foi residir no Engenho de Dentro em companhia do seu primo Giovani (Calá).

Foi justamente nesta época que Manoel de Medeiros Brito começou a participar da vida política. Conseguiu trabalhar como Secretário do então Deputado Federal Aluízio Alves, na Câmara Federal, para depois afastar-se, em virtude de assumir o cargo de procurador do Estado do Rio Grande do Norte, no Governo de Silvio Piza Pedrosa.

Em 1954 casa-se com D' Yedda de Carvalho Brito. Por volta de 1954, se candidata ao cargo de deputado estadual pela legenda da antiga UDN, sendo eleito com expressiva votação.

Em 1958 foi reeleito deputado estadual com uma votação superior à primeira eleição, mercê do trabalho que executou no primeiro mandato.

Durante sua trajetória na Assembléia Legislativa, prestou relevantes serviços, não apenas a Jardim do Seridó, mas também a diversos municípios da região do Seridó, havendo conseguido subvenções federais e estaduais para a construção e manutenção a várias entidades, aqui assinaladas:

Em Ouro Branco, Cruzeta e São José do Seridó, Postos de Saúde.

Em Carnaúba dos Dantas, Biblioteca, Posto de Saúde e Posto Florestal.

Em Jardim do Seridó, Abrigo Dispensário, Jardim de Infância Marcelina Santos, Associação Rural, Associação Educadora, mantenedora do Esplanada Clube, Horto Florestal, Sede da Banda de Música, Biblioteca Pública, Liga

Jardim do Seridó contra a Tuberculose. Além disso, obteve numerosas bolsas de estudo para os estudantes pobres.

Em 1959 rompe com o governo estadual e passa para a oposição, integrando o bloco dissidente da UDN, que apoiava o Dr. Aluízio Alves ao governo do Rio Grande do Norte.

Em 1963 é convidado pelo governador citado para assumir o cargo de ministro do egrégio Tribunal de Contas do Estado, renunciando ao mandato de deputado estadual.

No último ano do Governo Aluízio Alves foi nomeado secretário de estado sem pasta.

Nesse governo conseguiu para Jardim: instalação da Incar, hoje Emater. Posto da Celern (pioneiro); inauguração do Hospital-Maternidade "Dr. Ruy Mariz", devidamente equipado, com a presença do então Ministro da Saúde Dr. Raymundo Britto; instalação da Casa do Agricultor e eletrificação da cidade, com a chegada da energia de Paulo Afonso.

Em 1966, no Governo de Monsenhor Walfredo Gurgel, foi designado chefe da Casa Civil, permanecendo nesse posto até 30-10-69 quando, por lei, teve que voltar ao Tribunal de Contas do Estado, onde exerceu as mais diversas funções, entre elas, a de presidente, no Governo Tarcísio Maia.

No Governo de Monsenhor conseguiu para Jardim: construção do serviço de abastecimento d'água da cidáde, pelo DNOCS, posteriormente, entregue à Caern em 1968; construção e instalação do Clube das Mães, inaugurado em 1967; instalação da rede telefônica urbana, inaugurada em 1967; construção do novo prédio do Grupo Escolar Antônio de Azevedo, na Rua Otávio Lamartine, em 1968; construção das pontes sobre os rios Seridó e Cobra, inaugurados em 1969.

Em 1979 foi convocado pelo Governador Lavoisier Maia para Secretário de Interior e Justiça do Estado, quando conseguiu para Jardim: a restauração do prédio da antiga intendência e cadeia pública; ampliação da rede de energia elétrica e do sistema de abastecimento dágua da cidade; construção do Centro Social Urbano Joaquim Alves, inaugurado em 1982; construção do Ginásio de Esportes "Governador Lavoisier Maia", inaugurado em 1983; restauração da antiga casa paroquial, hoje sede da Secretaria de Educação do Município; construção do conjunto da COHAB; construção do Conceição Palace Hotel, inaugurado em 1983.

Em 1983 foi novamente convidado, desta vez pelo Governador José Agripino Maia, para permanecer na função que exercia no governo anterior, que ainda conseguiu para Jardim: a pavimentação da rodovia Jardim do Seridó — Ouro Branco; construção do edifício-sede da Câmara Municipal, denominada Miquelina Santos; construção da estação de passageiros do Aeroporto Santos Filho e construção do matadouro municipal.(1)

(1) Dados fornecidos por Jurandir Brito, irmão de Manoel de Brito.

DR. PAULO GONÇALVES

Dr. Paulo Gonçalves de Medeiros nasceu em Acari—RN, no dia 25 de fevereiro de 1921, sendo filho de Mário Gonçalves de Medeiros e de Porfíria E. Pires de Medeiros.

Ainda muito moço foi estudar em Recife—PE, onde terminou o curso de Medicina em 1947. Formado, encaminhou-se para Jardim do Seridó, onde fixou residência, sendo hoje destacado fazendeiro e pecuarista. E aí casou-se com a jardinense, Maria dos Milagres Medeiros. Exerceu a profissão de médico, em contato direto com o sofrimento do povo, com o drama das populações pobres, numa região sofrida como o Seridó, procurando atender e clinicar a quantos o procurassem, numa época em que tudo era escasso. Essa frente de luta lhe despertou o interesse pela política.

Ingressou na política como Prefeito de Acari, sua terra natal, onde conseguiu realizar obras importantes como a pavimentação de 50% da cidade e construção de praças. Daí partiu para a Assembléia Legislativa, como representante do Seridó, com destacada folha de serviços. Dr. Paulo conseguiu cinco vezes consecutivas a cadeira de Deputado Estadual: de 1963 a 1967, de 1967 a 1971, de 1971 a 1976, de 1976 a 1980 e de 1980 a 1984, tendo sido eleito Primeiro Vice-Presidente da Assembléia.

Sua efetiva liderança é atribuída, primeiro a seu prestígio alicerçado em trabalho como médico; segundo ao apoio que sempre recebeu de lideranças expressivas, como o Deputado Federal Ulisses Bezerra Potiguar e a família Medeiros; e pelo seu trabalho parlamentar, que tem sido dos mais sérios na abordagem de problemas fundamentais em nosso Estado, numa vigorosa afirmação de atitudes a serviço de grandes campanhas, às quais se entregava com ardor.

O Deputado Paulo Gonçalves, durante seus mandatos na Assembléia, sempre atuou com o máximo de eficiência e serenidade. Seus pronunciamentos

Atraíam a atenção do plenário e da imprensa porque se prendiam a temas ligados aos problemas econômicos e sociais, principalmente, os ligados à pecuária e ao algodão.

Vale salientar que o homem do campo em nosso Estado, tem no Dr. Paulo, uma voz em defesa dos seus interesses e na busca permanente de soluções, dando sugestões ao Governo de como enfrentar suas dificuldades. Como deputado, fez parte de várias comissões, como as relativas ao crédito rural, à saúde e aos problemas advindos da estiagem.

Cabe destacar de sua marcante atividade em nossa vida intelectual e cultural, sua atuação como professor na antiga Escola Normal Regional e, sobretudo o generoso e efetivo apoio dado à Festa dos Negros do Rosário. Ressalta-se ainda que Dr. Paulo possui talvez a mais completa e valiosa coleção de Arte Sacra do Seridó.

Em 7 de agosto de 1972 recebeu da Câmara Municipal o título honorífico de "Cidadão Jardinense".

Atualmente exerce o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Norte.

Os Filhos

Do casal Dr. Paulo e Maria dos Milagres nasceram:

Drª Fabíola Gonçalves de Medeiros,
Drª Patrícia Gonçalves de Medeiros,
Paulo Gonçalves de Medeiros.
Sérgio Gonçalves de Medeiros.

5° CAPÍTULO

A CÂMARA MUNICIPAL E SEUS INTEGRANTES

Ata da Posse da Câmara Municipal

A Vila do Jardim se emancipou politicamente no dia 1° de setembro de 1858, porém só foi instalada solenemente no dia 4 de julho de 1859, quando funcionou pela primeira vez a Câmara Municipal. Eis o teor da ata da 1ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal da Vila do Jardim:

"Aos 4 dias do mês de julho de 1859 às 12 horas do dia na Sacristia da Matriz da mesma Villa achando-se empossada a Câmara Municipal e aberta a Sessão deu o Sr. Presidente para a ordem dos seus primeiros trabalhos officiar se ao Exm° Sr. Presidente desta província remetendo-lhe por cópia a ata da instalação desta Vila e sua posse, e completadas as horas levantou o Sr. Presidente a Sessão e deu para a ordem o que ocorresse, e para constar se lavrou esta ata com que assignarão, Snr. Manoel Januário de Medeiros Secretário Interino e Vereador o escrevi."(1)

A Câmara Municipal funcionou na Igreja Matriz até fevereiro de 1880, quando foi construída a Casa da Câmara.

A princípio, ou seja, por volta do período da Monarquia, o Vereador que faltasse a sessão e não justificasse a causa seria multado.

Os Vereadores

Foi conseguido através de vários livros do arquivo da Prefeitura, todos aqueles que exerceram o cargo de Intendente, Conselheiro Consultivo e Vereador. Vale salientar que a expressão Intendente equivale hoje a Vereador e o Presidente da Intendência a Prefeito.

(1) Livro de Atas nº 1, da Prefeitura Municipal.

NA MONARQUIA

Em 1859

Antônio Pereira da Fonseca,
Estevão Severino Dantas,
José Ribeiro d'Araújo,
Manoel Januário de Medeiros,
Pedro Teixeira de Araújo.

de 1860 a 1861

Antônio Fernandes de Azevedo,
Antônio Frederico Borges de Miranda,
Antônio Garcia Meira,
Antônio Santiago de Medeiros,
Gorgônio Paz de Bulhões,
Rodrigo Brasileiro de Medeiros,
Roque Teixeira da Fonseca.

de 1862 a 1864

Alexandre José de Medeiros,
Antônio Gomes da Fonseca,
Félix Gomes Pereira,
Roque Teixeira da Fonseca,
Francisco Fernandes,
Francisco Gomes de Medeiros.

de 1865 a 1868

José Clementino de Medeiros,
José Jerônymo de Azevedo,
Manoel Marinho do Nascimento,
Rodrigo de Medeiros Rocha,
Salustiano Cláudio de Azevedo,
Thomáz Freires de Araújo.(*)

de 1869 a 1872

Álfares Antônio Fernandes de Araújo,
Antônio Jacob Liberalino,
Cel. Manoel Ildefonso de O. Azevedo,
Estevão Oliveira Dantas,

Em 1986 assumiu a Câmara os suplentes: Marinho Guarita, Cláudio de Azevedo e Pedro Alves de Oliveira.

Miguel Maria de Araújo,
Pedro Teixeira da Fonseca.

de 1873 a 1876

José Barbosa Teixeira,
José Chispiniano de Oliveira,
José Jeronymo de Azevedo,
Jesuíno Ildefonso de O. Azevedo,
Manoel Alves de Farias,
Manoel Sebastião de Azevedo.

de 1877 a 1880

Bellarmino Pereira da Nóbrega,
Cel. Felinto Elísio de O. Azevedo, (1)
Deodato Agrepino de Oliveira,
José Barbosa Pimenta,
José Bethamio de Maria Nóbrega,
Manoel Ignácio de Medeiros,
Manoel José da Cunha Pucunino.

de 1881 a 1884

Cel. Felinto Elísio de O. Azevedo,
ClarindoVillar da Silva Santos,
João Francisco Martins,
Manoel Bento Maria de Medeiros,
Pedro Paulo de Azevedo,
Remígio Álvares da Nóbrega,
Thomás Freire de Araújo.

Em 1885

Canuto José da Fonseca,
Deodato Agrepino de Oliveira,
Francisco Dias de Araújo,
José Martiniano de Azevedo,
João Rodrigues da C. Mamede Filho,
Justino Augusto da Nóbrega.

Em 1886

Egídio Malalaél Fernandes,
Francisco Dias de Araújo,
João Rodrigues da C. Mamede Filho,

(1) Pe. João Avelino Substituiu o Cel. Filinto Elísio.

José Martiniano de Azevêdo,
José Eufrázio Baptista,
Justino Augusto da Nóbrega.

de 1887 a 1889

Francisco Garcia de Araújo,
João Francisco Martins,
José Isaias de Medeiros,
Manoel Francisco dos Santos,
Remígio Álvares da Nóbrega,
Simão Pereira de Castro.

NA REPÚBLICA

"Por Decreto-Lei n° 9, de 18 de janeiro de 1890, foi dissolvida a Câmara Municipal e criado o "Conselho de Intendência", ou seja, deixa de ser vereador para ser intendente." (2)

Em 1890

Antônio Santiago de Medeiros,
Cel. Felinto Elísio de O. Azevedo,
José Alves Gamiro,
Justino Augusto da Nóbrega.

de 1891 a 1893

Joaquim Pereira de Medeiros,
José Alves Gamiro,
Justino Augusto da Nóbrega,
Sérvulo Assis d'Oliveira.

de 1894 a 1896

Antônio Manoel do Nascimento,
João Francisco Martins,
José Barbosa Teixeira,
José Isaias de Medeiros,
Manoel Francisco de Azevedo,
Miguel Avelino Pereira,
Remígio Álvares da Nóbrega,
Simão Pereira de Castro.

(2) Livro de Atas nº 2, p. 86, Câmara Municipal.

de 1896 a 1898

Bernardino de Sena e Silva,
Joaquim Jeronymo de Azevedo,
José Gorgônio da Nóbrega,
Manoel Lúcio d'Araújo,
Pedro Coutinho da Costa,
Raymundo Dias de Araújo.

de 1899 a 1901

Ambrósio Florentino de Medeiros,
Bellarmino Pereira da Nóbrega,
Bernardino de Sena e Silva,
Manoel Lúcio d'Araújo,
Severino Fernandes de Britto.

de 1902 a 1904

Antônio da Cunha Lima,
Cel. Felinto Elísio de O. Azevedo,
Joaquim Jeronymo de Azevedo,
Luiz Francisco de Medeiros,
Manoel Cândido de Macêdo Filho,
Ramiro Bezerra da Trindade.

de 1905 a 1907

Carlos Borromeu d'Araújo Fernandes,
Celso Cândido de Oliveira,
João Francisco Martins,
Manoel Lúcio de Araújo,
Orestes de Araújo Cunha,
Remígio Álvares da Nóbrega.

de 1908 a 1910

Aprigio Antônio d'Azevedo,
Joaquim Jeronymo d'Azevedo,
José Aprigio Baptista,
Lúcio Pereira Dantas,
Manoel Cândido de Macêdo Filho,
Manoel Lúcio d'Araújo.

de 1911 a 1913

João Alves Correia,
José Gorgônio da Nóbrega,
Lúcio Pereira Dantas,

Justino Pereira Dantas,
Lauurentino Bezerra Netto.

Em 1° de janeiro de 1929, de acordo com o art. 35, e seus parágrafos, da Lei n ° 365, passou a ser "Prefeitura e Intendente", pois desde 18 de janeiro de 1890, foi criado o Conselho de Intendência.

de 1929 a 1930

Adalberto Pereira da Nóbrega,
Antonio José da Silva,
Cyrillo de Souza Filho,
Francisco Cunha,
João Medeiros,
José da Costa Cirne,
Justino Pereira Dantas.

Por Decreto n° 20.348, de 29 de agosto de 1931, foi dissolvido Intendente e criado o "Conselho Consultivo Municipal", que era composto por três elementos.

de 1931 a 1933

José Nunes de Figuerêdo,
José do Patrocínio de A. Fernandes, (3)
Pedro Isidro de Medeiros. (4)

de 1933 a 1935

Higino Jeremio de Azevedo,
Joaquim Pereira dos Anjos,
José Nunes de Fiquerêdo.

de 1937 a 1939

Cícero Patrício de Medeiros,
Cyrillo de Souza Filho,
José do Patrocínio de A. Fernandes,
Justino Pereira Dantas,
Manoel Cândido de Macêdo Filho,
Manoel Moisés de Medeiros,
Virgílio Alfredo Baptista.

(3) José do Patrocínio pediu exoneração em 30-9-1932, assumindo Joaquim Pereira dos Anjos. (4) Pedro Isidro pediu exoneração em 15-3-1933, assumindo Higino Jerônimo de Azevedo.
Em 1937 foi instalada a Câmara Municipal.

No período de 1939 a 1948, com a implantação do Estado Novo, a fase de governo pessoal, ditatorial (concentração dos poderes nas mãos de um só homem) de Vargas, que dissolveu o Congresso e na mesma data outorgou a Carta de 1937, a Câmara de Vereadores deixou de funcionar.

de 1948 a 1950

Azemir Ramos de Medeiros,
Francisco Procópio da Costa Neto,
Heráclito Pires Fernandes,
Homero João de Azevedo,
João Nóbrega de Azevedo,
José Francisco da Silva,
José Matias Pereira,
Manoel Orago da Cunha,
Martinho Gomes de Oliveira,
Melquiades Alves Chianca,
Pedro da Costa Cirne,
Raul de Medeiros Dantas.

de 1951 a 1954

Francisco Aprígio Batista,
Francisco Procópio da Costa Neto,
Geraldo Dias de Azevedo,
Homero João de Azevedo,
João Nóbrega de Azevedo,
Justino Aprígio de Lucena,
Martinho Gomes de Oliveira,
Manoel Modesto Dantas,
Miquelina dos Santos Medeiros,
Raul de Medeiros Dantas,
Severino Dantas da Cunha,
Severino Ramos da Costa.

de 1955 a 1959

Alcides Batista de Azevêdo, (5)
Francisco Aprígio Batista, (6)
Franscisco de Azevedo Medeiros,
Francisco Procópio da Costa Neto,
Geraldo Dias de Azevedo,
João Nóbrega de Azevedo, (7)

(5) Geraldo Zeferino da Cunha substituiu Alcides Batista.
(6) Maria Lins substituiu Francisco Aprígio Batista.
(7) Homero João de Azevedo substituiu por 6 meses João Nóbrega.

José Alves da Costa
Manoel Modesto Dantas,
Melquiades Alves Chianca,
Miquelina dos Santos Medeiros,
Omides Ferreira

de 1959 a 1962

Adailton Cavalcanti,
Francisco Aprígio Batista, (8)
Francisco Procópio da Costa Neto,
José Alves da Costa, (9)
Manoel Aristides da Cunha,
Manoel Modesto Dantas,
Manoel Moisés de Medeiros,
Maria Adélia Lins,
Omides Ferreira,
Ozires Borges Vilar,
Raul de Medeiros Dantas.

de 1963 a 1966

André Medeiros,
Carlos Alberto de Amorim Santos,
Esmerino Modesto Dantas,
Francisco Aprígio Batista,
Francisco das Chagas dos Santos,
Francisco Procópio da Costa Neto,
José Alves da Costa,
Manoel Artistides da Cunha,
Martinho Ferreira de Morais,
Manoel José Cirne,
Omides Ferreira,
Ozires Borges Vilar. (1°)

de 1967 a 1971

André Medeiros,
Antonio Alves da Silva Filho,
Antonio Basilio da Costa
Carlos Alberto de Amorim Santos,
Esmerino Modesto Dantas,

(8) Melquiades Alves Chianca substituiu Francisco Aprígio Batista.
(9) Manoel Augusto dos Santos substituiu José Alves da Costa.
(10) Manoel Sabino Filho, substituiu por 180 dias, Ozires Borges Vilar.

Manoel Aristides da Cunha,
Omides Ferreira.

de 1971 a 1973

Gilson Cunha de Oliveira,
José Aparecido Dantas,
Joaquim Baltazar da Costa Filho,
Omides Ferreira.
Enicy Azevedo,
Esmerino Modesto Dantas.

de 1973 a 1977

Alcindo Martins de Medeiros,
Esmerino Modesto Dantas,
Geraldo Hemetério de Azevedo,
Gilson Cunha de Oliveira,
Jonas de Oliveira Azevêdo Neto, (11)
Manoel Saturnino da Fonseca Sobrinho,
Severino Belarmino de Araújo.

de 1977 a 1983

Alcindo Martins de Medeiros,
Antonio Macena de Medeiros Filho,
Francisco Medeiros de Araújo,
Geraldo Alves da Fonseca,
Geraldo Dias de Azevedo, (12)
Gilson Cunha de Oliveira,
Joaci Costa de Araújo.

NOTA: Em 7 de agosto de 1972 a Câmara Municipal entregou os títulos "honoríficos de Cidadão Jardinense" aos Senhores:
Edson da Cunha Medeiros,
Ozires da Cunha Medeiros,
Carlito Batista de Araújo,
Pe. Ernesto da Silva Espínola,
Sebastião Guilherme Caldas,
João Vilar da Cunha,
Osman Borges Vilar,
Dr. Paulo Gonçalves de Medeiros,
Dr. João Medeiros Filho,
Dr. Darlan Barbosa da Cunha,
Dr. Iron Lucas de Oliveira

(11) Jose Barbosa de Medeiros, substituiu por 8 meses, Jonas de Oliveira Azevêdo.
(12) Esmerino Modesto Dantas substituiu Geraldo Dias de Azevedo.

de 1983 a 1988

Antonio Basílio da Costa,
Antonio Macena de Medeiros Filho,
Eleide Lopes de Araújo,
Hesmerino Modesto Dantas,
Geraldo Dias de Azevedo, (13)
Gilson Cunha de Oliveira,
Omides Ferreira Filho.

(13)Adjuto Araújo de Azevedo substituiu por 4 meses Geraldo Dias de Azevedo

Ministério Público

Lista dos Promotores Públicos que desempenharam suas funções na Comarca de Jardim do Seridó:

(Na Monarquia)

Dr. Francisco Alves da Nóbrega 1873
Dr. Álvaro Fragoso de Albuquerque 1875
Dr. Epaminondas Bandeira de Melo................................... 1875
Dr. Basílio da Silva Caldas.. 1878
Dr. Francisco Aprígio Brandão................................... 1878 -1881
Dr. José Herculano D. de Lima.................................. 1881-1885
Dr. Joaquim Maurício Vanderlei................................ 1885-1886
Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevedo.......................... 1886-1890

(Na República)

Acadêmico Manoel Gomes de Medeiros....,................. 1890-1891
Dr. João Batista de Miranda,,,.,,,,,,,,,.,,,,,,,,,,..,.,,,,,,,,,,,,,,,, 1891
Dr. Arnaldo Gomes Melo.. 1920-1925
Dr. João Dantas de Azevedo...................................... 1925-1926
Dr. Oscar Homem de Siqueira............................1926-1928 e 1932
Dr. João Agripino Filho 1938
Dr. Manoel Augusto Bezerra...................................... 1938-1941
Dr. Hilarino Amâncio Pereira... 1941
Dr. Raimundo Soares de Souza.................................. 1941-1942
Dr. José Ariston Filho... 1943-1945
Dr. Rodolfo Pereira de Araújo... 1946
Dr. Mário Nóbrega de Araújo... 1947
Dra Vandeci Abanez F. Veras..................................... 1951-1956
Dr. Sipião Gomes Diniz... 1961-1971
Dr. José Emanuel Alves Afonso................................. 1981-1983
Dr Maria Célia de A. D'Andreia................................. 1984-1987
Dr. Arly de Brito.. 1987

Os Escrivãos

Lista dos escrivãos que desempenharam suas funções em Jardim do Seridó:

(Primeiro Cartório)

Luiz de Magalhães Cirne 1860-1865
José Tomaz de Aquino Pereira 1865-1866

Antonio da Cunha Lima 1866-1876
Florentino de Azevedo Cunha.. 1876-1919
Antônio Antídio de Azevedo 1919-1938
Sebastião Guilherme A. Caldas.. 1938-1969
Moacyr Guilherme A. Caldas 1969

(Segundo Cartório)

Newton Caldas de Amorim.. 1949-1954
Adalgisa de Oliveira... 1954-1955
Givaldo da Silva Medeiros 1955-1980
Josefa de Araújo Lima.. 1981
Margarida de Jesus Carvalho... 1982
Francisco Xavier de Oliveira 1983-1987

7° CAPÍTULO

PRINCIPAIS SERVIÇOS PÚBLICOS

Construção de Casas

Na sessão do dia 25 de abril de 1863 a Câmara Municipal criou uma postura, que expedia o regulamento para construção de casas na cidade.

Isto só ocorreu depois da construção da Igreja Matriz que foi o chamamento para os fazendeiros fazerem suas casas perto da mesma que oferecia alguns atos litúrgicos.

Eis o regulamento: "art. 24 — As ruas desta vila não deverão ter de largura de uma a outra menos de quarenta palmos, e os becos, menos de vinte palmos, sob um décimo mil reis de multa de cada casa que se edificar sem esta regularidade, para as despesas deste conselho e ser obrigado o dono do edifício a demoli-lo.

Art. 25. Todo aquele que edificar casas nesta vila, e dentro do prazo de onze meses não tiverem prontas as frentes de suas casas com calçadas, e as frentes caiadas pagará a multa de cinco mil reis."(1)

As primeiras ruas

No dia 17 de janeiro de 1880 se reuniu a Câmara Municipal de Jardim, para dar os nomes às primeiras ruas desta cidade, que foram assim definidas:

"Que as ruas desta cidade sejão denominadas do modo seguinte: A antiga Rua do meio, que conserva atualmente a denominação a Rua do Comércio, se denominará dora em diante — Rua da Conceição; e a Rua da Viração, outrora Rua de Baixo, se denominará — Rua da Cadeia; as Ruas da Aurora, e da Matriz, conservarão a mesma denominação; a rua em cujo quadro ou alinhamento está situado o mercado público, se denominará — Rua do Comércio; e a Rua de Quartos, de propriedade do Capitão José Tomaz, se denominará — Travessa do Comércio. "(2)

(1) Livro de atas, n, 1, pág. 53 da Câmara Municipal.
(2) Nesta época o Escrivão da Câmara Municipal era o Prof. Jesuíno Azevedo.

A Casa da Caridade

Esta casa foi construída pelo Pe. Francisco Justino Pereira de Brito, primeiro Vigário da Paróquia, para funcionar como um hospital, conforme consta em seu testamento. Com o passar dos tempos, esta Casa serviu de abrigo aos doentes e pobres da comunidade, como também aos peregrinos que por ali passassem. Para estes, fazia-se coletas de alimentos na comunidade.

“Em 2 de março de 1903 o então Vigário desta freguesia Pe. Marcelino Rogério dos Santos Freire se achava autorizado pelo Excelentíssimo Senhor Bispo desta Diocese a vender a Casa do Patrimônio da Fábrica da Matriz desta cidade, sita ao sul do Cemitéiro Público, desta mesma cidade. Casa que vem servindo de hospital de caridade e de asilo aos indigentes acometidos de moléstia contagiosa; deliberou o conselho encarregar ao Sr. Presidente (3) de fazer aquisição da referida casa, entendendo-se para isso com o referido vigário, e assinando a respectiva escritura, de acordo com as leis em vigor, ficando desde já acertado que, adquirido pelo conselho o referido prédio, continuará ele a servir de hospital de caridade."(4)

Passaram-se porém, os tempos, hoje, essa casa não existe mais.

Depois apareceu a Casa dos Vicentinos que era uma associação de São Vicente de Paula, que funcionava nas imediações da Rua Dr. Medeiros com a Presidente Kennedy, casa esta doada pelo Sr. Pedro Isidro de Medeiros. Esta associação tinha por objetivo angariar recursos para a manutenção da casa, que tinha as mesmas finalidades da casa da caridade, ou seja, abrigar doentes, peregrinos e desvalidos. Com o correr dos tempos esta casa foi se deteriorando até ser demolida.

Cemitério Público

O cemitério público teve iniciada sua construção em 6 de outubro de 1856 e terminada no ano seguinte, sob a administração do Município.

Segundo informações de pessoas idosas, o cemitério de Jardim foi construído pelo mestre de obras Caetano Dantas de Azevêdo, filho de Antônio de Azevêdo Maia (2°) e de Micaela Dantas Pereira. Recebeu a ajuda de seus filhos e algumas pessoas da comunidade.

"Em 6 de outubro de 1877, o Pe. Isidoro Gomes de Souza pediu que a Câmara atestasse o Cemitério desta cidade foi edificado com dinheiro e serviços de fiéis desta freguesia, ou da municipalidade. A Câmara atestou que o cemitério foi edificado com o dinheiro e serviços somente de particulares."(5)

(3) O presidente a que se refere era o prefeito, pois nesta época chamavam o prefeito de presidente da intendência e os vereadores de intendentes.

(4) *Livro de atas nº 3*, pág. 50, do arquivo da prefeitura.

(5) Livro de atas nº 1, pág. 165, do arquivo da prefeitura.

Finalmente, quando o Sr. Joaquim Alves assumiu a prefeitura fez um ampliação no referido cemitério, já que estava com estrutura pequena para atender às necessidades da comunidade.

O Casarão

Há informações de que o casarão, como era conhecido na época, estava situado na Rua Luiz Magalhães Cirne n° 15, onde funciona, há muitos anos o Jardim Hotel. Este casarão pertenceu ao fazendeiro, conhecido por "Quincó da Ramada", grande latifundiário deste município. E certo, porém, que nesse casarão residiu também o Pe. Inácio Cavalcanti, o 12° Vigário da Paróquia.

Foi justamente aí que Tetê de Joaquim Pequeno vinha fazer pães durante os períàdos festivos, pois na época não existia padaria em Jardim.

Entre vários visitantes que por ali passaram, registra-se no dia 15 de agosto de 1911, a visita do Cangaceiro Antonio Silvino e sua tropa, que estava de passagem por esta cidade.

Também se registra a passagem do então deputado Café Filho em 1946, por ocasião da campanha eleitoral de Floriano Cavalcanti, como candidato da UDN e do PSP ao governo do estado. Café Filho vindo com Dinarte Mariz de Caicó, tomou o café da manhã do Jardim Hotel.

Quartel de Polícia

A princípio, muito se lutou para a construção de um presídio em Jardim do Seridó. A Câmara Municipal, no dia 3 de outubro de 1861, expediu um ofício ao governo solicitando a construção da cadeia pública, mas não foi atendida. Sabe-se que só foi construída em 1877, tendo à frente o Cel. José Tomaz de Aquino Pereira.

Neste prédio funcionou a prefeitura municipal, que na época não possuía prédio próprio. Serviu ainda de local de danças, tudo isto em seu primeiro andar.

Segundo o informante, por volta de 1926 este presídio serviu de abrigo para doze presos, sendo que alguns trabalhavam na limpeza das ruas ganhando dinheiro do Estado.

Durante a Semana Santa havia celebração de missa para a Páscoa desses detentos.

Os Delegados

Não foi possível conseguir os nomes dos primeiros delegados porque não existe arquivo na delegacia, mas através de idosos foram obtidos os seguintes:

Sebastião Francisco Dantas,
Estevão Severino Dantas,

Francisco Marcelino Bezerra,
Alberto Gomes de Souza.
Antero Federico Borges de Miranda,
Thomaz Freire d'Oliveira,
Joaquim Manoel Teixeira de Moura,
Heráclio Vilar Ribeiro Dantas,
Cel. José Thomaz d'Aquino Pereira,
Antônio da Cunha Lima,
José do Patrocínio d'Araújo Fernandes,
João Alves d'Oliveira,
Glicério Cícero de Andrade,
José Marchado,
Silvino Pires,
Francisco Auto de Oliveira,
Agrepino Antônio de Lima,
José Rosa,
José Bezerra e Moisés,
José Gomes de Souza Basto,
Raimundo Miranda Filho,
Malfado Guerra,
Francisco Efraim e Teixeira,
Luiz Gonçalves de Araújo,
Manoel Julião,
Cap. Pedro Ceciliano,
Alcebiades,
José Alves da Costa,
Júlio Pinheiro,
José Reinaldo,
José Antônio,
Manoel Joaquim de Queiróz,
Sebastião Medeiros de Aguiar,
Durval Barbosa de Siqueira,
Francisco Revorêdo,
Juvenal Andelino de Souza,
Antônio Josino da Silva,
Pedro Damasceno Lima,
Manoel Nozinho de Carvalho,
Ivo Carlos Pinheiro,
José Martins,
José Gurgel Pereira Pinto,
Antônio Paulino da Silva,
Segundo Francisco da Rocha,
Manoel Anísio da Silva,
Pedro Joaquim da Costa,

José de Moura Cavalcante,
Ionaldo Pereira,
Manoel Brito da Silva,
Lauro Barros de Oliveira,
Francisco Assis dos Santos,
Francisco Freire Filho.

Os Suplentes de Delegados

Vicente Ferreira Filho,
Antônio Sabino
Miguel da Costa Cirne,
José Mamede de Azevedo,
Geraldo de Azevedo Dantas,
Homero João de Azevedo,
Francisco Emílio da Fonseca,
Sebastião Fonseca,
Tietre Bezerra.

Antiga Iluminação da Cidade

A primeira iluminação da cidade era feita em morrões de barro, contendo um espigão de ferro exposto, de preferência nas casas comerciais. Estes morrões consumiam azeite de mamona.

Mais tarde apareceu o lampião de forma oitavada, que por sua vez consumia querosene.

Mas, com a idéia de melhorar a iluminação, fizeram aparecer a luz de carbureto, construindo-se um depósito de flandres com a forma de funil. Aí colocavam água de carbureto, para assim produzir a chama.

Há informações de que, nessa época, nas casas residenciais, eram usados candeeiros. E, assim, prosseguiu até o aparecimento do motor.

Motores da Luz

O primeiro motor que apareceu em Jardim do Seridó, era uma Caldeira do tipo locomóvel de 12 cavalos nominais de força, de propriedade do Sr. Antônio Sabino, que funcionava a carvão. Este motor foi comprado a fim de descaroçar algodão. Porém, foi feita uma pequena iluminação (claridade muito fraca) no centro da cidade.

Em maio de 1925, o então Intendente Heráclio Pires Fernandes comprou-o, fazendo logo em seguida o prédio. Este motor (caldeira) foi vendido em 26 de dezembro de 1928 ao Sr. Severino Guerra por 50% do seu valor.

Em 18 de junho de 1925, ou seja, um mês depois do Intendente ter comprado o motor do Sr. Antônio Sabino, apareceu o Sr. Júlio Ramalho

com um motor de maior capacidade, que consumia gás pobre. Este grupo gerador era de sua propriedade. Fez, então, um contrato com a prefeitura por 30 anos, de acordo com as seguintes cláusulas:

1° A Intendência cede ao contratante Júlio Ramalho, todo o espólio da antiga empresa de luz elétrica desta cidade, que pertenceu ao Sr. Antônio Sabino e que foi adquirido por esta Intendência, pela quantia de 16:000$000 (dezesseis contos de réis), com o abatimento de 50% sobre esta importância, compreendendo dínamo, quadro, postes, fios, etc., tudo no estado em que se achar.

2° A importância líquida desta venda poderá ser paga em amortizações mensais descontadas nas mensalidades da luz pública.

3° O contratante obriga-se a comprar à Intendência todo o material elétrico de que esta dispõe pelo preço da fatura, devendo ser o pagamento à vista.

4° O contratante obriga-se a favorecer a luz pública e particular, das 17 às 24 horas no mínimo, diariamente, observando a hora oficial, ficando a Intendência com a finalidade de prolongar a iluminação pública nos dias que lhe convier pagando o excedente à razão de 10$000 para cada 1.000 velas de luz.

5° A Intendência compromete-se a instalar, no mínimo, 5.333 velas de luz pública, pagando 150 (cento e cincoenta réis) por cada vela.

6° A Intendência, pagará, com dinheiro, mensalmente, sempre que o permita a sua situação financeira.

7° Liquidado o débito do contratante para com a municipalidade, a Intendência compromete-se a continuar com a luz pública.

8º O contrato a ser celebrado entre a Intendência e o Sr. Júlio Ramalho, será pelo prazo de 30 anos, terminado o qual, os postes, fios e pertences da iluminação pública, passarão a propriedade da Intendência.

9° A Intendência compromete-se a ceder ao contratante uma casa de sua propriedade para instalação de usina elétrica.

10° O prédio da usina será entregue ladrilhado.

11° O contratante obriga-se a fornecer a luz particular aos preços baseados na de Macaíba — RN.

12° Os particulares terão direito a instalar medidores nas suas instalações, pagando 1$500 por K.W. de luz consumida mensalmente ficando na obrigação de pagar o mínimo de 20$000 mensais.

13° O contratante compromete-se a fazer uma boa montagem e instalação da usina elétrica, iluminação pública e particulares, com reserva de energia e capacidade para atender satisfatoriamente às necessidades da cidade, bem como a fornecer a luz pública e particulares com a voltagem normal, de modo a atingir, cada lâmpada, ao seu verdadeiro valor iluminativo.

Em 1951 o Sr. João Vilar, então Prefeito Municipal, comprou um motor e gerador maiores, de 70 HP, marca Blakstone da firma Raimundo Luz e Cia, em Campina Grande no Estado da Paraíba.

Mas, quando Manoel Paulino assumiu a Prefeitura, achou que a máquina produtora de energia (blakstone), estava impotente para arrastar o enorme peso de consumo e comprou , no dia 23 de fevereiro de 1957, à Prefeitura de Itabaiana, no Estado da Paraíba, um conjunto motriz completo, dotado de um motor Rust de 102 HP e alternador de 80 Kng.

Estes motores funcionaram até a instalação da energia de Paulo Afonso, que foi inaugurada em 16 de janeiro de 1 966, na administração de Edson da Cunha Medeiros.

Os Transportes

Desde o início do povoamento, ou seja, desde o tempo em que não existiam as estradas de automóveis, o burro foi o meio de transporte mais primitivo, pois era o animal que suportava melhor as dificuldades do caminho e o peso da carga. O nosso tropeiro, que dormia ao relento, atravessando rios, corajoso e forte, foi sem dúvida nos tempos mais remotos um traço de união entre Jardim do Seridó e o Brejo, onde se ia buscar os alimentos de primeira necessidade.

Conforme o gênero da carga, variava o tipo de seu condicionamento para o transporte. Assim, a carga podia ser levada em sacos, fardos, bruacas ou em caçuás.

Em certos pontos, a tropa, ou o burro isolado, foram empregados nos trabalhos das fazendas, como também nas grandes construções, entre elas, os açudes.

O burro teve, também, preferência nos transportes dos homens. De acordo com o que consta em livro do arquivo da Prefeitura Municipal, por volta de 1933, a Prefeitura pagou ao Sr. Manoel Florentino de Medeiros (alugador de burros) a importância de 20$000 (vinte mil réis), proveniente do aluguel de 4 (quatro) burros para transporte de soldados a São José do Seridó, em serviço de policiamento naquele povoamento. A informação prolongava-se com outras viagens para Ouro Branco e Santana.

O cavalo foi, também, outro meio de transporte, porém, mais usado por pessoas de maior destaque, servindo de correio.

Vale salientar que para estes havia os silões, espécie de selas, atualmente desaparecidas; possuíam grande bico recurvado, para montaria das damas.

Depois apareceu, merecendo preferência de muitos, o carro de boi, que serviu às casas de engenho, por sua vez há bastante tempo extintas.

Era, portanto o meio de transporte nos tempos de outrora. Embora rústico, mas satisfatório.

Hoje, ainda se vêem pessoas com predileção por burros e cavalos; já outros, em melhores condições, partiram para os automóveis.

Com o aparecimento dos automóveis, foram sensivelmente desaparecendo as tropas para darem preferência à sopa (ônibus) e aos caminhões.

Assim, com o aparecimento desse tansporte e o crescimento das rodovias, expandiu-se o progresso da cidade.

Segundo informações de idosos, o primeiro automóvel que apareceu em Jardim do Seridó foi no ano de 1923, de marca "Oveland", pertencente ao Sr. João Correia.

Os Açudes Públicos — Açude da Comissão

O açude da Comissão foi construído no ano de 1877, sendo, portanto, o mais velho. A princípio era de estrutura pequena. Seu início se deu no ano de seca que assolava toda a região. E para que o homem de então não morresse de fome, o Cel. José Tomaz, atento representante da cidade, conseguiu do Imperador uma verba (comissão) no sentido de construir o citado açude e ajudar nosso povo. Essa comissão, que deu origem ao nome, equivale atualmente à emergência. Quando Antônio Antídio de Azevedo assumiu a Prefeitura Municipal no ano de 1953, fez sua ampliação.

Açude Touro: a construção do açude Touro, conhecido por "Dizx-sept Rosado", foi iniciada no dia 28 de maio de 1951, na administração do Governador Dix-sept Rosado e concluído a 20 de janeiro de 1952, na administração do Governo Sílvio Piza Pedrosa e o prefeito do município era o Sr. João Vilar da Cunha. Na responsabilidade da chefia de obras estava o Sr. João Nóbrega.

Açude Zangarelhas: os dados relativos ao açude Zangarelhas, de acordo com o que consta no arquivo da Prefeitura Municipal, remontam a 1915; "o então Intendente Cel. Felinto Elísio e as autoridades e diversas pessoas do município expõem ao Governo do Estado as circunstâncias angustiosas em que se debate a população em face da terrível seca que atormenta o sertão, na qual representação se solicita a construção do açude Zangarelhas a três quilômetros da cidade." (6) Mas não foi realizado o desejo, não se sabe o motivo.

Somente em 1° de julho de 1954 é que foi iniciada a sua construção na administração Municipal de Manoel Paulino dos Santos Filho. Era Presidente da República o Dr. Juscelino Kubitschek.

No mesmo ano do seu início, não suportou o volume d'água, pois não estava concluído, e num ano bom de inverno, o açude Zangarelhas arrombou. Contudo, em 28 de fevereiro de 1957, foi concluído ainda na administração de Manoel Paulino, com capacidade para 7.916.250m3, o maior do município, que abastece a cidade através da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte.

(6) Livro de Atas nº 3, pág. 112.

8° CAPÍTULO

A VIDA ECONÔMICA

A economia: a principal cultura do município é o algodão Mocó, sendo o fator de maior renda da região, além das culturas de batata doce, feijão, milho e arroz, em menor escala.

A pecuária é representada principalmente por bovinos, ovinos, caprinos e suínos. Na indústria, se destacam o grupo Medeiros & Cia. e o Café Ida.

A Feira Livre

"No dia 19 de julho de 1861, a Câmara Municipal, dois anos depois de sua instalação, se reuniu para que fosse criada uma Feira na Vila, onde pudessem ser vendidos e colocados no mercado os gêneros e objetos vendáveis sob condições e bases que fossem mais acessíveis ao público.

A Câmara, porém, animada do propósito de bem servir ao município, reconhecendo a grande vantagem que resulta a criação da dita feira, e competentemente autorizada pelo art. 66, § 10, da lei de 1° de outubro de 1828, deliberou unanimemente que se criasse a referida feira, mediante as condições estabelecidas nos artigos que seguem:

Art. 1° Fica o dia — domingo — por ser nesta a maior concorrência dos povos, e se ter pedido a necessária vênia ao Poder Eclesiástico.

Art. 2° Esta feira será dentro das ruas desta vila, em um lugar conveniente, onde a Câmara mandará construir uma latada de ramos, com as proporções e comandos precisos.

Art. 3° Para esta feira serão trazidos, e ali vendidos, todos os gêneros, e objetos vendíveis, independente de qualquer taxa, ou tributo, imposto por esta Câmara.

Art. 4º Não serão atacados em grosso os gêneros alimentícios, antes das duas horas da tarde.

Art. 5° Ninguém poderá vender ou marcar qualquer gênero por peso, ou medidas, sem estarem estes aferidos, em conformidade com o padrão

do município; os que infligirem este artigo incorrerão na multa de quatro mil réis para as despesas deste conselho, e na falta da moeda, prisão correspondente a mil réis por dia. Na mesma multa correrão os que forem de encontro aos mais artigos."(1)

"Em 11 de janeiro de 1873 foi mudada para os sábados, a pedido do Pe. Izidoro Gomes de Souza."(2)

Essas feiras eram realizadas em frente ao quartel de polícia. E era justamente aí, onde havia muitas casas comerciais.

Em 28 de fevereiro de 1863 a Câmara comunicou que era proibido o uso de armas, como: pistola, bacamarte, clavinote, espingarda, facas de ponta, punhal, canivete, suvela etc.

Em 25 de outubro de 1873 foi proibida a venda de aguardente na feira; aquele que desobedecesse a lei seria multado.

Em 25 de novembro de 1874, o então Prefeito Joaquim Araripe, a pedido da comunidade, construiu um prédio público (mercado) deslocando-se os feirantes daquele lugar para este, sendo que as transações eram realizadas no pátio, e na atual Rua Otávio Lamartine. A partir de então passaram a existir barracas, com as suas armações provisórias (instalação durante a feira), enquanto outros espalhavam pelo chão esteiras, panos, onde se acumulavam as mercadorias diversas. Também se via cavaletes com lastro para tabuleiros.

Há informações de que 1924 foi um ano de muito inverno, em que os rios Seridó e Cobra não deram passagem aos feirantes e nem tampouco existia ponte; por esse motivo, tiveram que fazer as suas feiras, por três vezes consecutivas, do outro lado dos rios.

A feira sempre teve uma importância fundamental. É o local em que o homem do campo tem a oportunidade de oferecer os seus produtos, e ao mesmo tempo adquirir outros. Cada qual oferecendo amostras embora restritas, das riquezas da terra, em suas diferentes atividades.

Finalmente, esses homens tinham objetivos diversificados. Ao virem à cidade, a maior parte procurava o comércio, para comprar ou vender; uma boa parte vinha só para se distrair ou o prazer de ver o movimento da rua, uns de boa fé iam à Igreja; outros para as casas de jogos; já outros se juntavam para conversar e beber cachaça.

Mercado Público

O mercado público, como já foi dito, foi construído por Joaquim Araripe, então prefeito municipal, em 25 de novembro de 1874. Porém, de estrutura muito pequena, no local onde hoje é a praça Cel. João Medeiros.

(1) Livro de Atas, n° 1, p. 34, do arquivo da prefeitura. (2) Ibid., p. 137.

Em 1877, Cel. José Tomaz d'Aquino Pereira, fez a reconstrução, com a mesma verba que tinha recebido para construção do açude da comissão. Mas, por volta de 1920, o Dr. Heráclio Pires, prefeito, o ampliou, fazendo do pequeno mercado um verdadeiro centro comercial. (3)

Com o continuar dos tempos, o mercado foi ficando pequeno pela expansão do número de comerciantes.

Finalmente, em 22 de maio de 1965 foi iniciada a construção do Centro de Abastecimento, pelo Prefeito Edson da Cunha Medeiros, sendo concluído em 21 de agosto de 1971, na administração do Prefeito Dr. Givaldo da Silva Medeiros, e inaugurado em 4 de dezembro de 1971.

O Centro de Abastecimento Municipal é o maior prédio de área coberta existente, até hoje, em Jardim do Seridó, contendo: 24 boxes externos, 48 divisões para comercialização, dois salões sanitários e uma sala para diretoria.

Os Primeiros Profissionais

De acordo com informações de pessoas idosas, que sempre diziam — "ouvi dizer" — seguem as profissões com os primeiros profissionais:

Acessório para automóveis:
- Targino Virgolino.

Advogados:
- Dr. José Brandão,
- Dr. Renato Dantas.

Agricultores e criadores:
- Antônio de Azevêdo Maia,
- Cel. José Thomaz D'Aquino Pereira,
- José de Góis Limoeiro,
- Antônio Soares de Vasconcelos,
- Francisco Justino Pereira de Brito,
- Severino Xavier Pequeno,
- Horácio Olímpio de Oliveira Azevedo,
- José Garcia do Amaral,
- Manoel Ildefonso de Oliveira Azevedo,
- Cel. Felinto Elísio de Oliveira Azevedo,
- Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo,
- João Alves de Oliveira,
- Augusto de Medeiros,
- Raimundo Dias de Araújo,
- Manoel Salviano Meira,
- Antônio Alves de Oliveira Casado,
- Justino Pereira Dantas,

(3) Informações de diversas pessoas idosas.

José da Costa Cirne,
Manoel Paulino dos Santos,
Juvêncio de Azevedo Cunha,
Bartolomeu Cândido de Araújo,
Antônio Vitorino Dantas,
Manoel Martiniano de Medeiros,
Antônio Galdino de Azevêdo,
Martinho Gomes de Oliveira,
Francisco Athanázio de Medeiros,
Jonas de Oliveira Azevedo,
Plácido Deocleciano de Azevedo,
Tomaz Pereira de Araújo,
Pedro Jeremias da Cunha,
Cel. João Medeiros,
José Moisés de Medeiros,
Arcênio Augusto da Nóbrega,
Inácio Solano da Nóbrega,
Francisco Anastácio de Medeiros,
Oreste Aristides da Cunha,
Teotonho José da Cunha,
João de Oliveira Azevedo,
Egídio Malalael Fernandes,
Elias Uchou de Azevedo,
João Batista de Melo,
José Jerônymo de Azevedo,
Alexandre Doroteia de Medeiros,
Remígio Álvares da Nóbrega,
Joaquim Melquiades Alves Chianca,
Juvenal de Oliveira Azevedo,
José Barbosa Teixeira,
Luiz Rodrigues da Cunha,
Justino Augusto da Nóbrega,
Joaquim Jerônimo de Azevedo,
Ambrósio Florentino de Medeiros,
Luiz Francisco de Medeiros,
José Aprígio Batista,
Manoel Cândido de Macêdo Filho,
Higino Jerônimo de Azevedo.

Alfaiates:

Marsal,
Antônio Polegada.

Barbeiros:

José Guedes,
Manoel Cesário,

João Borges,
João Francisco de Azevedo.

Bares e cafés:
Agrícola Nunes de Figueirêdo,
Antônio Alexandre de Oliveira.

Bacharel, filho de Jardim:
Dr. Raimundo Morais Filho.

Carpinteiros e marceneiros:
Avelino Vieira,
José Guilherme,
Mamede Francisco de Azevedo,
Mestre João de Manoel Joaquim.

Comerciantes:
João Rodrigues da Costa M. Filho,
Horácio Olímpio d'Oliveira Azevedo,
Cel. José Thomaz de Aquino Pereira,
Zuza Fernandes,
Raimundo de Azevedo Morais,
Francisco Pedro Dantas,
Manoel Paulino dos Santos.

Cabeceiro:
Sebastião Pé de Quenga..

Compradores de algodão:
José Barbosa Teixeira,
Manoel Martiniano de Medeiros,
João Medeiros,
Pedro Jeremias da Cunha,
Antonio Sabino de Azevedo,
João Alves d'Oliveira.

Casas de jogos:
Joca de Tonho do Umari,
José de Medeiros Brito.

Curtumes:
Manoel Furtunato Garcia,
João Medeiros,
Francisco R. de Medeiros,
Manoel Branco.

Coveiros:
José Fausto Nogueira,
Manoel Galdino,
João Tavares.

Escrivão:
Luiz de Magalhães Cirne.

Farmacêutico:
Dr. Heráclio Pires Fernandes.
Ferragens:
João Paulino,
Joaquim dos Anjos.
Ferreiros:
Luiz Cyrilo,
José Paulo,
Antônio Benício.
Flandreleiro:
Dulino Alves.
Fogueteiros:
Manoel Alves.
Manoel Antonio.
Hotéis:
Joaquim Oliveira,
José de Medeiros Brito,
Joana Izabel da Conceição,
Arnaldo Cipriano de Medeiros.
Industrial:
João Medeiros.
Juiz:
Dr. José Rufino Pessôa de Melo.
Marchantes:
Nicodemos Azevedo,
Floriano Marciel de Azevedo,
Francisco André,
João Modesto Dantas,
José Silvestre de Araújo,
João Nicodemos,
José Nicodemos.
Mecânico:
Antônio Ernesto da Cunha.
Motoristas:
Fraga,
João Corréia,
Manoel Pereira,
Manoel Preto,
Francisco Emílio da Fonseca,
Antonio Ernesto da Cunha.
Médico:
Dr. Manoel Augusto de Medeiros.
Odontológicos:
Dr. Severino Cabóclo.

Dr. Anatólio Cândido
de Medeiros.

Ourives:
Thomas d'Aquino Pereira,
Mamede Francisco de Azevedo.

Parteiras:
Elvira Lins,
Josefa Cristina de Maria.

Padre:
Francisco Justino Pereira de Brito.

Professores:
André Corsínio de Medeiros,
Antônio Justino Dantas,
Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo,
Maria Marcelina S. Santos,
Calpúrnia Caldas de Amorim.

Pedreiros:
Caetano Dantas,
Manoel Joaquim, Manoel Pequeno,
Antônio Avelino de Azevedo.

Postos de gasolina:
João Medeiros,
Joaquim Baltazar.
Padarias:
Francisco Paulino de Oliveira,
Francisco Pedro Dantas,
Pedro Pereira.

Promotor:
Dr. Francisco Alves da Nóbrega.

Relojoeiro:
Inácio Freire.

Sapateiros:
Elias de Oliveira,
Antônio Tibúcio.

Torrador de café:
Severino Evangelista dos Santos (Biró Preto).

MANOEL FELIPE

Manoel Felipe da Costa Filho, nasceu em Jardim do Seridó, sendo filho de Manoel Felipe da Costa e de Clementina Maria da Costa (Dona Lidônia). Casou-se três vezes; em primeiras núpcias, com Maria Beatriz da Costa; em segundas, com Tereza Maria da Costa e em terceiras, com Adília Costa, porém, não constituíram família.

Manoel Felipe era grande comerciante, no ramo de tecido, sendo um dos maiores capitalistas do município.

A Primeira Casa de Crédito

A primeira casa de crédito criada na cidade, foi a Cooperativa Agropecuária de Jardim do Seridó Ltda., no dia 30 de junho de 1940. Teve como participantes da primeira diretoria:

Presidente: Cícero Patrício de Medeiros,
Conselheiros: Manoel Paulino dos Santos Filho,
Pedro Isidro de Medeiros,
Felinto Elísio de Oliveira Azevedo,
Olavo Freire de Amorim.

9° CAPÍTULO

A VIDA SÓCIO-CULTURAL

Florentino de Azevedo Cunha

Nasceu em Jardim do Seridó, no dia 20 de novembro de 1854. Filho de Manoel José da Cunha Pucunino e de Ana Tereza de Oliveira Azevêdo Cunha, filha de Antônio de Azevêdo Maia (3°) e de Ursula Leite de Oliveira Azevêdo. Casou-se com a sua prima Olinta Etelvina da Cunha, filha de Antônio da Cunha Lima (1°) e de Januária Maria Bezerra da Cunha.

Na vida profissional de Florentino Cunha, registra-se o fato de que, foi Escrivão em Jardim do Seridó durante 43 anos, de 1876 a 1919, sendo, portanto, grande conhecedor da lei.

Homem sincero e honesto em suas atividades, o que dizia ficava dito. Como católico praticante, participava ativamente das festividades da padroeira.

Ainda aqui no município de sua origem, foi fazendeiro no sítio Passagem.

Florentino Cunha faleceu em Jardim do Seridó, no dia 27 de setembro de 1931.

Os Filhos

Do casal Florentino Cunha e Olinta Etelvina, nasceram:

Hermilo de Azevêdo Cunha,
Heronides de Azevêdo Cunha,
Ana Tereza Cunha Melo,
Francisco Cunha,
Laudinir de Azevêdo Cunha.

Termo de Óbito

"Aos vinte e oito de setembro de mil novecentos e trinta e um, no cemitério público desta cidade, sepultou-se em vulto prêto o cadaver de Floren-

tino de Azevêdo Cunha com setenta e sete anos de idade. Casado que foi com Olintha Etelvina da Cunha, foi confessado, ungido, sacramentado e encomendado na forma do ritual. Do que para constar, mandei fazer este assento que assigno. Ulisses Maranhão."(1)

(1) Livro de Óbito n° 3, p. 91, da Paróquia.

MANOEL ILDEFONSO

"Manoel Ildefonso de Oliveira Azevedo Filho era natural de Jardim de Seridó, tendo nascido na fazenda "Sombrio", aos 18 de fevereiro de 1862, sendo filho do Cel. Manoel Ildefonso de Oliveira Azevedo e de D. Tereza Florinda de Jesus, irmão, portanto, do Cel. Felinto Elísio, Jesuíno Azevedo, Avelino Ildefonso e outros.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1889.

Após a sua formatura exerceu advocacia e o Ministério Público, no Estado da Paraíba e, entrando para a Magistratura, foi Juiz de Direito das Comarcas de Lagoa do Monteiro, Campina Grande e João Pessoa. Por sua imparcialidade e critério, lhe foram confiadas pelo Governo do Estado diversas e espinhosas comissões da Magistratura da Paraíba, de todas se desempenhando com absoluta lisura.

Elevado a desembargador, no Governo João Suassuna, ocupou as funções com inteireza de caráter, até quando foi atingido pela compulsória.

Faleceu em João Pessoa, aos 19 de maio de 1952."(1)

(1) Nonato, Raimundo, Bacharéis de Olinda e Recife, p. 124.

DR. MANOEL JOSÉ FERNANDES

Nasceu na cidade de Caicó — RN, a 11 de dezembro de 1834, sendo filho de Cosme Damião Fernandes e de Izabel de Araújo Fernandes. Casou-se duas vezes. De sua primeira esposa não foi possível adquirir nenhum dado, a segunda foi Maria Ementa de Araújo Fernandes. Desse segundo casamento construíram uma numerosa prole.

Formado em Direito pela Universidade da Bahia, na turma de 1861. Em 10 de fevereiro de 1883 recebeu o cargo de Juiz, ficando pelo Seridó, onde exerceu suas atividades nas comarcas de Jardim do Seridó, Caicó e Acari. Foi grande conhecedor da lei, por isso recebeu o título de Patriarca da Justiça do Seridó.

Dr. Fernandes, como era conhecido popularmente, recebeu um ofício do Presidente do Superior Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, sua nomeação como desembargador. Era o Juiz mais antigo. Porém, o Juiz Dr. Fernandes não quis ser desembargador, agradeceu. Queria continuar sendo Juiz de Direito no interior. A razão da recusa se baseava na dificuldade de sua adaptação à vida em Natal. Precisaria ambientar-se, abandonando o que construíra com amor e tenacidade. Na verdade não queria deixar Jardim do Seridó, terra em que morou por tanto tempo e amava.

Dr. Fernandes não via compensação na permuta das togas, ambas honradas de compostura e dignidade em muitos anos de judicatura veneranda.

Em Jardim do Seridó, além de ter sido o 5° Juiz de Direito (1892-1898), adquirira uma pequena propriedade que denominara "São Cristovão", transformando-a, com paciência e carinho, num aprazível pomar. Desfrutava de grande popularidade e amplo círculo de amigos, entre eles intelectuais do estado como Pedro Velho, o senador poderoso.

Aqui em Jardim viveu, sereno, cultivando a terra e os corações familiares que o enalteciam, vindo a falecer numa quinta-feira maior, 28 de março de 1907. Sepultou-se no dia seguinte, sexta-feira da Paixão.

Os Filhos

De Dr. Fernandes com a sua 1° esposa, nasceram:

Felipe de Araújo Fernandes,

Firmino Fernandes,
José P. de Araújo Fernandes.

Do casal Dr. Fernandes e Maria Ementa, nasceram:

Carlos Borromeu Fernandes,
Antônio Bezerra Fernandes,
José do Patrocínio D'Araújo Ferbandes,
Izabel de Araújo Fernandes,
Domina de Araújo Fernandes,
Tereza de Araújo Fernandes,
Cândida de Araújo Fernandes,
Maria Emerita Fernandes,
Celsa de Araújo Fernandes,
Ana Fernandes Pessoa,
Verônica Fernandes de Araújo,
Maria Izabel Fernandes

Termo de Óbito

"Dr. Manoel José Fernandes faleceu com 72 anos, casado, natural do Rio Grande do Norte, filho de Cosme Damião Fernandes, morava na cidade, de cor branca, faleceu de paralisia senil. Enterrado no dia 29 de março de 1907."(1)

(1) Livro de Óbitos, p. 39, registro n° 3.505, da prefeitura.

DR. RUY MARIZ

Dr. Ruy de Medeiros Mariz nasceu em Serra Negra, na fazenda Solidão. Em 16 de abril de 1917. Filho do casal Manoel Pereira Mariz Filho e Cândida de Medeiros Mariz, figuras da maior projeção no Seridó. Ruy foi o penúltimo dos 14 irmãos que deixou, todos com o maior conceito na sociedade, inclusive o velho Senador Dinarte Mariz.

Formou-se em Medicina pela faculdade da Bahia, em 5 de dezembro de 1938, quando contava apenas 21 anos de idade. Iniciou suas atividades como médico na cidade de Jardim do Seridó, onde, pela abnegação que devotada aos clientes, principalmente entre os menos afortunados, se tornou um ídolo. Prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite, atendia com carinho seus clientes, e quase sempre nunca cobrava. Era, talvez, um dos últimos remanescentes daqueles médicos de cidade pobre do interior, cujo lema maior era servir.

Em Jardim do Seridó Dr. Ruy participava de todo o movimento desenvolvimentista do município, tendo sido o responsável maior pela implantação da nova maternidade local e que hoje tem o seu nome como patrono. Para isto, fez uma movimentadíssima campanha do Garrote, que recebeu o apoio de toda a comunidade. Até o cigano Belizário lhe ofereceu garrotes para esta campanha.

E assim, construiu a maternidade no propósito de ajudar as mães da comunidade, conforme seu desejo, prestando-lhes adequada assistência. Funcionou por muito tempo no local onde hoje é a Escola Cenecista de 1° Grau Prof. Jesuíno Azevedo.

Como político em Jardim, acompanhou sempre o Cel. João Medeiros. Ruy era homem de temperamento conciliador e de fácil relacionamento, e por isto mesmo conseguiu harmonizar sempre as facções políticas que se desentendiam na época.

A sua conduta ímpar, quer como cidadão, quer como profissional e pela simpatia constante que irradiava onde estivesse, o credenciava a ser um líder autêntico para o estado. Era um cidadão de fino trato, de rara inteligência, muito retraído e sensato. Uma grande figura humana e sabia como fazer amigos. Com a doença e falecimento do seu cunhado, Jose Bernardo, que gerenciava a Exportadora de Algodão Dinarte Mariz, Dr. Ruy ingressou naquela firma, trabalhando seguidamente como gerente em Caicó, Natal e no Rio de Janeiro.

Em 1952 foi eleito Prefeito de Caicó, onde fez uma magnífica gestão.

Faleceu quando desenvolvia o segundo ano de mandato como Prefeito do Caicó, em 26 de setembro de 1954, com apenas 36 anos de idade, deixando uma imensa saudade aos amigos e centenas de pessoas humildes que assistiu em Jardim do Seridó, Caicó e toda a região do Seridó.

DR. JANDUY FINIZOLA

Dr. Janduy Finizola da Cunha nasceu em Jardim do Seridó, a 22 de abril de 1931, filho de Manoel Orago da Cunha e de Maria Finizola da Cunha (Lilia). Neto materno do italiano Braz Finizola.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Antônio de Azevedo, na cidade de seu nascimento, continuando os estudos no Ginásio Diocesano Seridoense, em Caicó. Cursou, em seguida, o científico, no velho Ateneu, em Natal. Finalmente partiu para Recife, Pernambuco, onde se formou em Medicina.

Além de médico, Janduy que sempre teve pendores para a literatura, é poeta e compositor de música popular, havendo trabalhado com o "Quinteto Violado". É de sua autoria o magnífico texto da "Missa do Vaqueiro".

Reside atualmente em Caruaru — PE, onde desfruta de merecido prestígio, exercendo a sua tarefa profissional e fazendeiro dos sítios Nossa Senhora da Conceição e Pataca.

Eventos Nacionais e suas Repercussões no Município

"Na história do Rio Grande do Norte, ou melhor, no culto das liberdades civis, o povo de Jardim tem tido sempre uma atuação eficiente:

Quer acolhendo fraternalmente o grande Frei Caneca e seus companheiros de jornada, na Revolução do Equador, a 23 de outubro de 1824, por mão de D. Maria José de Santana, senhora de admiráveis virtudes morais, e de José Hipólito da Costa Lins;

Quer repelindo a aventura do célebre Caudilho Joaquim Pinto Madeira, em 1832, para o que organizou resistência, sob a direção de Tomaz Pereira de Araújo, Oficial de Cavalaria Miliciana, que saiu com as suas forças em perseguição daquele revoltoso, até dar-lhe combate no lugar "Torão", hoje do Município de Patu;

Quer ainda promovendo a libertação dos escravos existentes na cidade, antes que a lei de 13 de maio de 1988 viesse extinguir a escravidão do Brasil, devido, sobretudo, aos esforços do Pe. Luiz Inácio de Moura e demais membros da comissão local da libertadora: Ten. Cel. José Tomaz de Aquino Pereira, Capitão Ambrosio Florentino de Medeiros, Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo, Pe. José Antônio da Silva Pinto, Vigário e José Clemente Barbosa.

No quadro de honra do "Boletim da Libertadora", em 23 de janeiro de 1888, via-se já entre as cidades livres da Província a de Jardim do Seridó.
Mas havia, a 13 de maio de 1888, 71 escravos a libertar nas fazendas e sítios."(1 e 2)

Com isso, podemos analisar que a escravidão em Jardim não foi como em todo Brasil, o desrespeito a pessoa humana. Pois não tinha uma conjuntura burguesa, como consta no próprio inventário de Antônio de Azevêdo Maia.

"No Jardim, a República foi recebida com vibrantes aclamações e o seu povo soube praticá-la com verdadeiro civismo."(1)

Futebol

O futebol foi introduzido em Jardim do Seridó no ano de 1927, quando Derossio Conegundes dos Santos, caicoense, que trabalhava na Prefeitura de Jardim como fiscal, conseguiu uma bola com a finalidade de promover uma pelada.

Para isto, várias pessoas da comunidade se agruparam no sentido de desmatar o terreno, hoje, Estádio Ruy Medeiros. As pessoas foram: Derossio Conegundes, Inácio Henrique, Severino Henrique, José Paulo, Walter Nóbrega, Miguel da Costa Cirne, Padre Luiz Wanderley, Esmerino Modesto Dantas, Dr. Gilberto Cavalcante de Lima e outros.

Outrossim, informam os mais velhos que o Dr. Gilberto foi o primeiro Presidente do Jardim Esporte Clube, antes de formar a sua diretoria. Foi um grande baluarte, não deixando o clube passar por necessidades financeiras. Nessa época, conseguiu trazer para jogar aqui, em Jardim, o América Futebol Clube da Capital.

Os primeiros jogadores, foram:

Eliazar Pereira das Neves,
Arnaldo Cavalcante de Albuquerque,
Inácio Henrique,
Braz Finizola da Nóbrega,
Derossio Conegundes,
Severino Henrique,
José Paulino da Silva,
Manoel Paulino dos Santos Filho,
José Severiano,
Manoel Augusto dos Santos,
Zoroastro Gomes da Silva,
Paulo Pires,
José da Penha.

(1) Informações adquiridas no P Cartório.
(2) Câmara Cascudo afirma, no livro Rio Grande do Norte, que menos de quatro anos antes, em 30-6-1884, o quadro de escravos em Jardim era de 432.

O primeiro Juiz: José Bezerra, de Currais Novos.

Com o crescimento natural e a boa vontade dos jogadores foi criada, em 17 de janeiro de 1954, uma diretoria, que recebeu ajuda do prefeito na época, Sr. Manoel Paulino dos Santos Filho.

A primeira diretoria do Jardim Esporte Clube, era composta:

Presidente: Luiz Eugênio Fernandes,
Vice-Presidente: Manoel Modesto Dantas,
Diretor Técnico: Arnaldo Cavalcanti,
Aux. Diretor Técnico: Ciro Alves da Silva,
1° Secretário: Ivan Alves da Costa,
2° Secretário: Francisco Assis de Medeiros,
Tesoureiro: Ozires Borges Vilar,
Cobrador: Ademar Dantas da Cunha,
Roupeiro/Zelador: Izaac Petronilo de Oliveira.

O estatuto do Jardim Esporte Clube foi publicado no Diário Oficial de 25 de maio de 1954.

A Banda de Música

A Banda Euterpe Jardinense foi fundada no ano de 1859, com o nome de Sociedade Musical da Vila da Conceição, que teve como primeiro mestre, o Sr. Joaquim Etelvino. O certo, porém, é que desde a sua criação até hoje, passaram muitos mestres, deixando seu marco de esforço e dedicação.

Sem dúvida, no ano de 1971, quando o oficial reformado do Exército, Jaime de Medeiros Britto assumiu o comando da banda, muitos jovens se sentiram motivados a fazer parte da mesma. Mais tarde, nos anos de 1975 a 1978, graças ao trabalho da escolinha de música, a banda chegou a reunir um elenco de 43 músicos, a maior até então.

Foi justamente nessa época, que a banda partiu para se apresentar em diversas cidades do País, sabendo honrar nossa terra.

O Ten. Jaime Britto sempre imprimiu à banda um elevado espírito de ordem e disciplina.

Em sua dinâmica administração conseguiu do então Secretário de Educação, prof. João Faustino, com a interveniência do prof. Eurico Guilherme, quarenta cadeiras, uma máquina de escrever e um mimeógrafo. Além disso, organizou a caixa dos músicos para comprar um refrigerador, um bilhar, jogos de salão, um armário estante e outros objetos de menor valor.

Visando proporcionar aos músicos algum conforto, conseguiu ainda um fogão a gás e um conjunto estofado.

Além da direção musical, Jaime se revelou excelente administrador e organizador. Dirigiu numerosos espetáculos e concertos, com êxito popular.

Jaime criou um expressivo repertório, cabendo destacar:

Marcha Grave — Cônego Ambrózio, N.S. da Conceição, Chiquinha Brito, Padre Ernesto, Fefa Caldas, Mestre Felinto e Dr. Rênio Ricardo.

Dobrado — João Vilar, Hindemburg Nunes, Capitão William, Saudades de Zuza, Cidade do Jardim, Maonel Brito, Velhos Amigos e Renan Roberto.

Valsa — Anita Costa, Adeus até um dia e Renaissa.

Frevo — Aristóteles no Frevo, Segura os Dragões, Voando prá Fernando Noronha, Renan no Frevo, Esplanada Clube, Gilmar no Frevo, Babado e Pilão.

Além de seu notável trabalho na direção da banda, reservou ainda um pedaço de seu tempo na elaboração do estatuto.

Para ilustrar sua organização, segue na íntegra o histórico deixado pelo citado mestre:

"A Banda Musical Euterpe Jardinense, não possuindo assentamentos históricos sobre sua fundação, tivemos que partir para o único meio viável de descobri-lo: a pesquisa.

Depois de um trabalho árduo, que durou vários meses, chegamos à conclusão que, segundo informação precisa de Homero João de Azevedo, a Euterpe foi fundada no ano de 1859, com o nome de "Sociedade Musical da Vila Conceição do Azevedo", pelo Ten. Cel. Manoel Ildefonso de Oliveira Azevedo, da Guarda Nacional, irmão do Cel. Felinto Elísio, fato esse que deixa a banda com mais de um século de existência.

Em 1906, já na gestão do maestro Heráclito Pires_Fernandes, seu nome mudou para: Banda Musical Euterpe Jardinense, passando a pertencer, desde

então, à Prefeitura Municipal de Jardim do Seridó, vez que a Vila Conceição do Azevedo, havia sido elevada à categoria de cidade, com o nome de Jardim. Essa nova denominação dada à banda é conservada até hoje.

Em outubro de 1937 participou das solenidades do Congresso Eucarístico, realizado na cidade de Currais Novos – RN, tendo destacada *performance*.

Por Decreto n° 7, de 15 de maio de 1940, foi aprovado o 1° regulamento da Banda Euterpe, o qual foi elaborado em 18 de agosto de 1939 e aprovado pelo então Prefeito Pedro Isidro de Medeiros, ex-músico da banda.

Em 1962, na administração do Prefeito Joaquim Alves da Silva, foi construída a sede própria da banda, com recursos do Governo da União, conseguidos pelo então Deputado Estadual Manoel de Medeiros Britto, em atenção a um pedido do seu irmão Jaime, que servia ao Exército brasileiro. Por este motivo, o idealizador do projeto compôs um dobrado com o nome de Manoel Britto, em reconhecimento pelo interesse demonstrado ao atender seu pedido.

Em novembro de 1971 assume o comando da banda o Ten. da Reserva do Exército Nacional, Jaime de Medeiros Britto.

Em 1972, sob a regência do contra-mestre Severino Ramos de Azevedo, vez que o titular se encontrava ausente, a Euterpe participou do I Festival de Bandas de Música, realizado em Natal — RN, sob os auspícios do Governo do Estado, obtendo um honroso 3[9] lugar e recebendo, na oportunidade, uma linda taça das mãos do Gov. do estado do Rio Grande do Norte.

Após esse concurso, a banda entrou em fase de transição, melhorando acentuadamente a sua eficiência e aumentando o número de integrantes. Foi nesse período que ela visitou diversas cidades do nosso estado, contratada que foi para abrilhantar as festividades dos padroeiros locais e comemorações cívicas. Sendo estas as comunas visitadas, nas quais a banda foi ovacionada delirantemente pelas populações lá existentes, em face da sua disciplina e o seu sentido harmônico: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Itaú, Jardim de Piranhas, Natal, Ouro Branco, Parelhas, Pedro Avelino e São José do Seridó, viram a banda sob a regência do maestro Jaime de Medeiros Britto.

Participou, em agosto de 1975, do I Encontro Estadual de Bandas de Música, realizado na cidade de Acari, deste estado, sob o patrocínio do Mobral, ganhando, como prêmio, vários instrumentos musicais.

Em 1976 foi indicada pelo Mobral, para representar o Estado do Rio Grande do Norte no I Campeonato Nacional de Bandas de Músicas, graças à brilhante atuação demonstrada no Encontro Estadual, antes mencionado, tendo o certame sido adiado, e somente no ano de 1977 é que foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, com promoção do Instituto Nacional de Música — FUNARTE e apoio da Rede Globo de Televisão, sendo premiada pelo seu diretor, o maestro Marlos Nobre, entregando ao maestro Jaime, um trompete dourado, pela participação no citado conclave.

Em 1976, na gestão do Prefeito Ozires Borges Vilar, a sede da banda foi restaurada e ampliada, tendo sido confeccionadas as novas estantes porta-músicas, do modelo do Batalhão de Guardas Presidencial e organizado uma sala de jogos, sala de visitas, considerada uma das melhores sedes do País.

No ensejo da inauguração desses melhoramentos efetuados, foi apresentado pela primeira vez o uniforme de gala, com o qual a banda se apresentaria no I Campeonato Nacional de Bandas de Músicas.

Em julho de 1977 se fez presente a um Recital de Músicas Regionais, no Auditório do Sesc em Natal — RN, alojando-se no Quartel do 79 BE Combate. O recital foi promovido pela Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, sendo a banda ovacionada e aplaudida calorosamente pelos assistentes que lotaram completamente as dependências daquele sodalício. Na ocasião, o maestro Jaime foi agraciado com uma placa comemorativa, pelo prof. João Faustino, Secretário de Educação.

Ainda em julho de 1977 participa das festividades da padroeira da cidade de Currais Novos, sendo bem recebida, tratada com carinho e gentileza, obtendo do público verdadeira consagração.

Depois, no citado mês e ano, a Euterpe tomou parte no festival de cultura realizado na cidade de Caicó, no Circo de Cultura e, posteriormente, executou uma missa cantada na Igreja do Colégio Diocesano com a presença do Governador Tarcísio Maia.

Em agosto de 1977 realiza-se, em Natal o 1° Encontro Estadual da Cultura, sob os auspícios do Mobral, tendo a Euterpe se apresentado com galhardia, saindo, deste modo, vencedora do certame.

Em 7 de setembro de 1977 a banda volta a Currais Novos para abrilhantar, com sua presença, as comemorações do dia da Pátria ficando hospedada, na oportunidade, no Tungstênio Hotel.

Em julho de 1978 representa mais uma vez o Estado do Rio Grande do Norte, no II Campeonato Nacional de Bandas de Músicas, promovido pela FUNARTE — Instituto Nacional de Música e Rede Globo de Televisão, ao lado das melhores bandas do País, o qual foi realizado na cidade de Recife, apresentando-se condignamente aos jurados e assistentes que se alojavam no ginásio de esportes, obtendo o grau 7,5, juntamente com a Banda de Campina Grande — PB, e recebendo do Maestro Marlos Nobre, diretor da Funarte, um rico troféu.

Em agosto de 1978, a Euterpe tomou parte do desfile do 2° Encontro Estadual da Cultura, na capital do Estado do Rio Grande do Norte, ao lado de diversas bandas municipais e das corporações musicais da Marinha de Guerra do Brasil e Polícia Militar do estado, sediadas em Natal. Coube à Euterpe a tarefa de encerrar a solenidade no Forte dos Reis Magos, designada que foi pelo Mobral, juntamente à Banda da Polícia Militar do estado, recebendo inúmeros elogios, não só do público, mas também dos músicos daquela briosa corporação militar.

Como todos sabem, a Banda Euterpe Jardinense é quem anima as festas tradicionais cívico-religiosas de Jardim do Seridó, para orgulho e satisfação da sua gente."

Os Primeiros Músicos

Antônio Padre,
Francisco Apolinário,
Joaquim Araripe,
Joaquim Etelvino,
José Rodrigues Viana,
José Punaré,
Manoel Araripe,
Manoel José da Cunha,
Miguel Mãozinha.

Os Maestros que Dirigiram a Banda Euterpe Jardinense

Joaquim Etelvino	1859
João Aprígio	1860-1870
Manoel Lourenço Bernardino (Patu)	1895-1900
Antônio da Cunha Lima	1900-1905
Carlos Borromeu d'Araújo Fernandes	1905-1906
Dr. Heráclito Pires Fernandes	1906-1909
José do Patrocínio d'AraújoFernandes........................	1909-1912
João Aprígio Pereira Filho	1912-1918
Pedro Lúcio Dantas	1919-1920
Honório Maciel	1921-1922
Tôta Azevedo	1923-1924
João Midubim de Azevedo	1925-1927
Severino Nunes de Figueiredo	1928-1929
Felinto Lúcio Dantas	1930-1931
Severino Nunes de Figueiredo	1933
Minervino de Oliveira e Silva	1934-1935
Severino Ramos de Azevedo	1936-1937
Sebastião Gonçalves de Lima	1937-1939
Artur Aprígio	1939-1941
Sebastião Gonçalves de Lima	1941-1942
Jaime de Medeiros Britto	1943-1944
Severino Ramos de Azevedo	1945-1948
Sebastião Gonçalves de Lima	1949-1951
José Costa dos Santos	1953-1955
Vicente Gomes da Silva	1955-1957

Ronald Moreira de Castro 1957-1958
Severino Ramos de Azevedo 1958-1959
Ronald Moreira de Castro 1960-1961
João Anastácio de Lucena 1964
Severino Ramos de Azevedo 1965
Jaime de Medeiros Britto 1971-1979
Valdemar Antônio de Souza 1979-1984
José de Oliveira Meira 1984

Sindicato dos Trabalhadores Rurais

O sindicato foi fundado no dia 16 de outubro de 1971 e reconhecido oficialmente no ano de 1974.

É certo, porém, que para se alcançar este evento, muito se deve ao Pe. Ernesto da Silva Espínola, que não mediu esforços no sentido de incentivar, sempre participando das reuniões, informando sobre assuntos da mais alta importância. No início, o Pe. Ernesto cedeu uma parte da Escola Rural para se fazerem as reuniões.

Na presença de 78 associados foi eleita a primeira diretoria, que era composta dos seguintes elementos:

Presidente: João Batista Filho
Secretário: Ramalho Pereira dos Reis
Tesoureiro: Augusto Valentim Dantas
Suplentes: Ary de Azevedo Fonsêca
Severino Barbosa
José Manoel de Araújo
Conselheiros/Fiscais: João Leal do Nascimento
Cornélio Dias de Araújo
Inácio José do Patrocínio

As informações dadas, pelo órgão, são de que só os seguintes profissionais podem fazer parte do Sindicato: meeiros, rendeiros, assalariados, comodatários e pequenos proprietários. Esses, por sua vez, contribuem com 1% do salário mínimo, como mensalidade.

No ano de 1974 houve nova eleição (realizada de três em três anos), para nova diretoria, sendo eleito para Presidente o Sr. Francisco José de Azevedo (Chico de Zeca), reelegendo-se mais quatro vezes consecutivas. Durante todo seu mandato teve boa atuação à frente dos destinos do Sindicato pondo todos a par de suas realizações. Conhecedor da legislação chegou a destacar-se em reuniões sindicais no estado, se batendo, com tenacidade, pelo incremento do sindicalismo em nosso meio. Com esforço e dedicação, conseguiu construir, aos poucos, com a ajuda dos associados, um dos melhores prédios sindicais do estado.

Depois de 13 anos de luta à frente do Sindicato conseguiu, também, aumentar, progressivamente, de 78 para 1.951 o número de associados.

Atualmente, o Sindicato conta com quatro delegacias no Município de Jardim do Seridó: Sftio Currais Novos, Sítio Cacimba Velha, Sítio Passagem do Carro e Sítio Quipauá.

Sindicato Rural

O Sindicato Rural foi criado em Jardim do Seridó no dia 24 de novembro de 1973, com o nome de "Sindicato Patronal Rural de Jardim do Seridó."

Para este objetivo compareceram 39 proprietários rurais interessados na fundação desse Órgão de defesa e representação da classe ruralista.

Entre esses, destacaram-se como principais organizadores e interessados os senhores:

Cipriano José de Medeiros
Denizio Alves Chianca
Severino Alves de Azevedo

As informações adquiridas nesse órgão são de que, no mesmo ano da criação, foi encaminhado o estatuto a Brasília para ser reconhecido oficialmente, tendo sido aprovado no dia 16 de maio de 1975. Mas, antes de sua aprovação o então Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, determinou a mudança do nome de "Sindicato Patronal Rural de Jardim do Seridó" para "Sindicato Rural".

Em 10 de julho de 1976, na presença de vários associados, foi eleita e tomou posse a primeira diretoria, que era composta dos seguintes elementos:

Presidente: Manoel Patíbulo dos Santos Filho
Secretário: Belmiro da Mota Medeiros
Tesoureiro: Severino Dantas da Cunha

Vale salientar que Manoel Paulino e Belmiro continuaram por muito tempo nos cargos iniciais integrados na luta à frente do aludido Sindicato, conseguindo ampliar o quadro de associados de 39 para 100.

De acordo com os regulamentos, as eleições são realizadas de três em três anos. Fazem parte do Sindicato como associados os "proprietários rurais" que contribuem com uma mensalidade. Estes por sua vez recebem do órgão sindical assistência médica, odontológica e jurídica.

10° CAPÍTULO

A VIDA EDUCACIONAL

Os Primeiros Diretores

Logo no início das atividades do ensino em Jardim do Seridó, no tempo da palmatória, os alunos eram separados por sexo: havia a classe do masculino e a do feminino.

"O diretor da classe masculina era o prof. Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo, e a da classe feminina era D. Isabel Vieira de Maria Tones."(1)

Os Primeiros Professores

André Corsínio de Medeiros
Antônio Justino Dantas
D. Francelina Raquel de O. e Silva
D. Isabel Vieira de Maria Torres
Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo
D. Tereza Benigna da Cunha. ([2])

Os Primeiros Alunos

Constam no arquivo da Prefeitura Municipal as primeiras matrículas dos alunos da Aula de Instrução da Vila do Jardim em 1868, que vale a pena transcrevê-las.

Severino Alves de Maria Nóbrega
Maximiano Xavier Cavalcanti
Agostinho Alves dos Santos
Manoel Francisco de Assis
Adevito Cosme de Melo

(1) *Livro Escolar* n° 5, da Prefeitura Municipal.
(2) Informações do 1° Cartório.

Possidonio Theodoro de Mello
Francisco de Aquino Pereira
Alidon Casado de Oliveira'
José Balbino Monte Zumba
Olympio de Oliveira Azevedo
Antônio Aprígio de Azevedo
Joaquim Gomes de Mello
Luiz de França Oliveira Cunha
Manoel Bezerra de Oliveira Cunha
José Martiniano de Azevedo,
José Theotonio dos Santos
Boninato Alves dos Santos. ([3])

Grupo Escolar Antônio de Azevedo

"O Grupo Escolar Antônio de Azevedo foi criado pelo Decreto n° 225, de 8 de julho de 1910 e inaugurado festivamente a 12 de fevereiro de 1912, no Governo de Dr. Alberto Maranhão. Funcionava em um prédio de antiga construção, situado à margem do riacho da usina e dentro do perímetro urbano, mas, tanto se deteriorou que não mais puderam continuar as aulas. O presidente da Intendência, Dr. Heráclio Pires Fernandes, com o auxílio do Governo do Estado, na presidência José Augusto, empreendeu (1927) a construção do novo e elegante edifício escolar, em que passaram a funcionar as aulas oficiais, ficando pronto e inaugurado no dia 1° de abril de 1929." ([4])

O grupo escolar funcionou até 1974, quando da criação do Centro Educacional Felinto Elísio.

Os Diretores do Grupo Escolar Antônio de Azevedo

1— João de Souza Falcão 1912-1924
2 — José Saturnino de Paiva 1925-1930
3 — Maria Marcelina Sampaio Santos 1931-1937
4 — João Juvenal Guerra 1938-1939
5 — Edilzeta de Ataíde Melo 1939
6 — Maria Marcelina Sampaio Santos 1941-1942
7 — Luiz Paulo da Silva 1943
8 — Neusa Martins de Oliveira 1944
9 — Calpúrnia Caldas de Amorim 1944
10 — Zenóbia Henrique da Costa 1944-1945
11 — Maria do Céu M. Albuquerque 1945-1948

(3) *Livro Escolar* n° 4, p.1, da Prefeitura Municipal.
(4) Informação do 1° Cartório de Jardim do Seridó.

12 — Calpúrnia Caldas de Amorim 1948-1950
13 — Maria do Céu M. Albuquerque 1950-1969
14 — Maria Olga de A. Costa 1969-1974

Os Primeiros Professores do Grupo Escolar

Quando da criação do Grupo Escolar Antônio de Azevedo, exerceram a função docente, os professores:

João de Sousa Falcão
D. Elvira Lins
Gilberto da Cunha Pinheiro Aprígio
Soares da Câmara Maria da Penha
Furtado de Mendonça
Leonor Leonilda de Vasconcelos
Zenóbia Henrique da Costa
Calpúrnia Caldas de Amorim
Fenelon Francisco Pinheiro da Câmara
José Saturnino de Paiva
Alzira Nunes de Queiroz
Maria Alexandrina Sampaio
Maria Marcelina Sampaio Santos
Carmem da Cunha Fernandes
Edilzeta de Ataíde de Melo
Maria da Cunha Fernandes
Beatriz Mirtes de Araújo

Curso Normal Regional

O Curso Normal Regional foi criado pela Lei n° 873, de 31 de dezembro de 1952, sendo instalado no dia 5 de maio de 1953, e tendo início o seu funcionamento em 11 de maio do mesmo ano, visando a atender os alunos de 1ª a 4ª série do curso médio.

Durante o seu funcionamento até 1974, quando da criação do Centro Educacional Felinto Elísio, existiram outras denominações, como: Escola Normal Regional, Ginásio Normal e finalmente Ginásio Estadual de Jardim do Seridó.

Os Diretores

1— Maria do Céu M. Albuquerque 1953-1954
2 — Concessa Cunha Figuerêdo 1955-1961
3 — Therezinha de Azevedo Costa 1961-1964
4 — Eurico Guilherme de Amorim Caldas 1965-1975

Centro Educacional

O Centro Educacional Felinto Elísio foi criado pelo Decreto n° 6.632, de 26 de março de 1975. Absorveu o Grupo Escolar Antônio de Azevedo, o Ginásio Estadual e passou a ministrar, também, o ensino de 2° grau.

Os Diretores

1— Eurico Guilherme de Amorim Caldas 1975-1977
2 — Maria das Graças Cirne de Azevedo 1977-1988

Tabela dos Alunos Matriculados

Para o período de 1940 a 1985, são os seguintes os dados dos alunos matriculados:

Ano	Grupo Escolar Antônio Azevedo	Curso Normal Regional	Ginásio Estadual	Centro Educ. Felinto Elísio
1940	211			
1941	186			
1942	173			
1943	174			
1944	209			
1945	211			
1946	203			
1947	221			
1948	234			
1949	238			
1950	241			
1951	235			
1952	242			
1953	234	32		
1954	203	22		
1955	197	26		
1956	170	17		
1957	185	16		
1958	230	18		
1959	263	19		
1960	257	46		
1961	243	45		
1962	247	68		
1963	224	89		

Ano	Grupo Escolar António Azevedo	Curso Normal Regional	Ginásio Estadual	Centro Edu. Felinto Elísio
1964	261	89		
1965	278	97		
1966	235	114		
1967	346	129		
1968	306	162		
1069	309	164		
1970	382		204	
1971	383		231	
1972	397		331	
1973	403		433	
1974	432		522	
1975				1.024
1976				905
1977				923
1978				1.207
1979				1.220
1980				1.302
1981				1.318
1982				1.359
1983				1.254
1984				1.277
1985				1.438

Escola Rural

A Escola Rural Jardim Seridoense foi fundada em 10 de maio de 1943, pelo Pe. Eymard Monteiro, Vigário da Paróquia, com o nome de "Escola dos Pobres".

Esta escola esteve funcionando em vários pontos da cidade, entre eles, na casa do Rosário.

O Pe. Aloísio Rocha Barrêto, quando Vigário, construiu o Prédio atual, havendo a escola adquirido personalidade jurídica a 3 de outubro de 1948.

Sob os auspícios de Nossa Senhora da Conceição e orientação do Departamento Diocesano de Ação Social, a Escola Rural (última denominação) atende a alunos de 1ª a 4ª Série.

De acordo com o que consta no seu estatuto, a Escola é administrada pelo Vigário da Paróquia.

Os Diretores	
Pe. Eymard Monteiro	1943
Frei Francisco Solano, ofm..	1944
Frei Ildefonso Rafonf, ofm	1944
Pe. Aloísio Rocha Barrêto	1945-
Pe. Ernesto da Silva Espínola	1958

Ginásio Comercial

O Ginásio Comercial "Prof. Jesuíno Azevedo", hoje "Escola Cenecista de 1° Grau Prof. Jesuíno Azevedo", foi fundada no dia 3 de novembro de 1964, e autorizada a funcionar pela Resolução n° 65/67, do Conselho Estadual de Educação, de 2 de julho de 1967.

É mantido pela CNEC — Campanha Nacional de Escolas da Comunidade —, e destina-se a minisrar o ensino de 1° grau gratuitamente, às classes menos favorecidas, dentro dos modernos princípios pedagógicos e obedecendo aos planos, leis e normas estabelecidas pela legislação Federal em vigor. Atende a alunos de 5' a 8' série.

Mas, a partir de 1982 ampliou o ensino para séries iniciais do 1° Grau.

Os Diretores

Janice de Azevedo Silva 1964-1966
Dagoberto Oliveira Veras 1967
Antônio Alves da Silva Filho 1968
Raimundo Segundo V. da Silva... 1968-1970
Socorro Santos.. 1971
Janete Dantas dos Santos 1971-1972
Ione Cunha M. de Azevedo.. 1973-...

11^0 CAPÍTULO

FIGURAS POPULARES MARCANTES
E TIPOS HUMANOS ESPECIAIS

Reunimos aqui as informações sobre pessoas humildes que deixaram o marco de sua passagem no cenário humano da cidade.

CONRADA

Conrada, conhecida por Conradinha, chegou ao sítio Pau-Furado, Município de Jardim do Seridó, por volta de 1904. Ficou na residência do Sr. José Bento dos Santos dizendo que vinha de Poço Verde ou de Poço Frio, Ceará. Depois que passou alguns anos neste sítio, se deslocou para a cidade, onde despertava compaixão.

Era uma senhora idosa, magra, baixa, morena que andava com os pés descalços e uma latinha na mão. Vivia da caridade pública; falava pouco, compassada e fraca. Gostava de crianças. Dormia ao lado da igreja, onde fazia buraco no chão e ali se deitava. Muito cedo ia à igreja para assistir à missa. Não tinha vício alcoólico. Chamava os homens de Mané e as mulheres de Aninha. Tinha uma psicose de que pela porta que entrasse teria de sair.

Faleceu e foi sepultada em Jardim do Seridó, em 20 de junho de 1950, sendo muito bonito o seu funeral e de muita participação, pois era muito querida, havendo até orador.

Eis algumas sextilhas da poesia de Homero João de Azevedo sobre Conradinha:

Conrada era uma louca
Que ninguém a conhecia.
Que quando aqui chegou
Em conversa ela dizia.
Que morava em Poço Frio
No sítio de Dona Maria.

Ela falava nas contendas
Poço Frio era o lugar,
E falava nos cavalos
Que era dela viajá,
Que lá só morava negro
E só viviam do tiá.

Na calçada da Igreja
Era onde ela dormia,
Quando ela levantava-se
Era o que não perdia,
Entrar logo na Igreja
Ouvir missa todo dia.

Foi triste a sua vida
E feliz quando morreu,
Recebeu muitas pancadas
Das mãos de cabra judeu,
O que davam ela comia
Porém só... nunca comeu.

Procurava um menino
O que fosse mais ruim.
O pão que dava a ela
Ela dava um pedacim,
E não achando o menino
Ela dava a um cachorrim.

Vivia por esta rua
Sem planos sem direção,
Muita gente da cidade
Fazia grande questão,
Para ela não faltava
Todos os dias seu pão.

Conrada tinha uma cisma
Que ninguém compreendia,
Que entrando em uma porta
Naquela mesma saía.
Se não deixasse ela passar
Ela ali passava o dia.

Se lhe trancassem a porta
Para ela não sair,
Ela pastorava até
Aquela porta se abrir,
Entrava de novo na Casa
E só saía por ali.

Ela era muito direita
Não gostava de mentira,
E só passava as chuvas
Em casa de Guarabira,
Não queria roupa nova
Seus vestidos era uma tira.

Com 103 anos
Cansada adoeceu
Era para ter morrido antes
Porém a natureza escolheu,
A vinte do mês de junho
Foi que ela faleceu.

Reuniram-se as famílias
Com sentimento e dor,
Parecia um cadáver
De uma pessoa de valor,
Na hora deste enterro
O comércio se fechou.

Reuniram-se as zeladoras
E as filhas de Maria,
E toda congregação
Aqui desta freguesia,
E todos do Grupo Escolar
Para o cemitério seguia.

BENEDITO ACELERA

"Benedito Serafim, nasceu em Jardim do Seridó, no lugar "os Verdes", dos Aprígios, posteriormente vendido a Manoel Virgílio. Negro, forte, barrigudo, abrutalhado, desconfiado, calças sujas enroladas nas virilhas e arregaçadas, paletó aberto, pondo à mostra sua peitaça e ventre desenvolvido. Chapéu de palha velho. Conduzia um saco sujo, onde botava a rede e alguns moafos de roupa, com lamparina na mão.

Era malcriado com a canalha das ruas que o acoimava de"Acelera", ou quem quer que pretendesse diminuí-lo.

Olhos escuros e pequenos, assim como a boca. Barbicha e bigode ralo. Falava baixo e era respeitador... Pesava perto de cem quilos e andava apressado; daí, a alcunha de Acelera, por analogia à marcha militar. Trabalhador como um mouro e força como um guindaste, abusando da mesma e sendo explorado como um animal, por ser retardado; daí sua morte prematura, possivelmente. Era, ao que parecia, débil mental ou, pelo menos retardado mental, figura grotesca, inspirando pavor às crianças e senhoras que não o conheciam.

Filho de Antônio Serafim dos Anjos e de Maria da Conceição que fazia parte de irmandades religiosas de Jardim do Seridó, ambos normais.

Foi casado com Santana, negra alegre de Picuí, no Cavalo Morto, onde residiu e que tinha suas filhas divertidas como a mãe, só aguentando dois anos de união, porque as meninas eram brabas.

Benedito Acelera carregava ou descarregava carros, levando grandes e pesados volumes e até puxando capinadeira.

Levou na cabeça, um bilhar com mais de 300 quilos, de Jardim do Seridó a Parelhas, pertencente a Manuel Orago.

Em Parelhas, enquanto os outros botavam água em galão de duas latas, ele botava em quatro.

A par dessas façanhas, tinha outras não menos prováveis pelo muito que comia, dilatando a barriga já em prolapso, dificultando a livre locomoção.

Em Manuel Bento, no sítio Trapiá, chupou um caçoá de manga espada, até fartar-se.

No sítio de Leôncio Costa, em Cruzeta, comeu um carneirote, não o acabando, porém, porque tinha que tomar coalhada...

Em São Rafael, no sítio de Tomás Ferreira, comeu 12 tigelas de coalhada com jerimum e batatas, até não querer mais.

Em Cerro-Corá, ingeriu 50 bananas, 50 pães de mil réis, 2 latas de doce e dois canecões dágua, pagos por Manuel Leandro, da bomba e Oliveira, da Padaria.

E assim finou-se na rua, em Parelhas, o "Guindaste Sertanejo", conhecidíssimo no Rio Grande do Norte e Paraíba, jamais sobrepujado em suas tristes especialidades: força e glutoneria.

Morreu em 1965/66 mais ou menos, na rua, em Parelhas."(1)

(1) Othon Filho, Antônio, *Meio Século da Roça à Cidade,* p. 167.

RAFAEL DOIDO

"Rafael Manuel; da família dos Bananeiras, do Jardim do Seridó ou Parelhas. Era o doido da trouxa.

Peregrino sofredor, carregando indefinidamente sua trouxa, onde levava velhos moafos, roupa suja, comida, sujeira, pedras etc.

Corcunda pelo grande peso que conduzia; era de boa estrutura, olhos claros e avermelhados, de boa aparência, claro-tostado, excessivamente desconfiado, sujo e andrajoso, não podia ver uma criança mesmo medrosa, proferindo impropérios e exaltando-se.

Não conheceu pai legítimo; sua mãe Genoveva era alegre. Rapazola, foi para o Seminário de João Pessoa. Há duas versões de sua debilidade mental: a 1ª que foi por muito estudar; a 2ª por ter batido na mãe, pela prática de um ato de que não gostou. Daí, impressionando-se, enlouqueceu, rapaz que era de bons princípios. Não assisti; entretanto, pessoas de fé informaram-me de que celebrava missas, nos patamares das igrejas, parte até em Latim, entremeando outras orações.

Posteriormente vi-o poucos vezes, andando sempre a pé, andar vagaroso, calmo, calvo, pelo roçar constante do chapéu de couro no couro cabeludo, no balanço da trouxa. Às vezes enchia o chapéu com folhas, para amenizar o impacto na cabeça equimosada.

Conhecidíssimo em todo o Seridó, onde raras pessoas o desconheciam. Falava arrastado, fixando, com o olhar penetrante, o seu interlocutor e os que lhe davam comida; sua dieta principal entretanto, era rapadura ou bananas e café...

Foi encontrado morto, perto do cemitério de S. João do Sabugi, junto à sua trouxa, sendo enterrado ali mesmo, dado o seu estado de putrefação e decomposição que não permitia condução." (1)

(1) Othon Filho, Antônio, Meio Século da Roça à Cidade, p. 52.

MANOEL PEQUENO

Manoel Ferreira dos Santos Pequeno, era moreno, baixo, havendo exercido o cargo de oficial de justiça durante 40 anos em Jardim do Seridó. Foi também andarilho, respeitador e pessoa de confiança, pois sabia chegar e sair.

As informações são que Manoel Pequeno era conhecido como *"O Correio da Cidade"*, porque andava por toda parte, resolvendo problemas da comunidade, em pouco tempo. Dizem, ainda, que saía de Jardim para Natal e gastava apenas 24 horas para estar de volta.

SEVERINO JOSÉ DE AZEVEDO

Severino José de Azevedo, conhecido popularmente por "Biró Doido", nasceu no sítio Zangarelhas, no município de Jardim do Seridó, sendo filho de Manoel Firmino de Azevedo (Maneco) e de Mariana Azevedo.

Segundo o informante, Biró nasceu sadio, mas por causa de um banho em água *quente*, ficou alienado.

Comumente andava na cidade. Quando alguém lhe fazia raiva, ele se mordia, pois não podia se vingar.

TIPOS HUMANOS ESPECIAIS

Foram figuras que chamavam a atenção pelo temperamento violento.

FRANCISCO EFRAIM

Francisco Efraim era paraibano. Chegou a esta terra no ano de 1934, na então administração municipal do Tenente Francisco Correia de Queiróz, para exercer a função de delegado.

Era moreno, alto, forte e de barba grande. Em sua função, era carrasco, conduzia sempre uma cartucheira na cintura e um relho de couro trançado na mão.

Não queria que ninguém usasse arma e nem tampouco roupa e lenço verdes; se assim encontrasse, prendia e dava surra com tal brutalidade que algumas pessoas chegaram a passar mal. Informam ainda que este delegado chegou a rasgar roupas de mulheres. Não queria também que ninguém se reunisse para conversa particular, pois mandava debandar. Dava tiros para cima e no chão. Chegava nos bares, fazia despesas com bebidas e forçava qualquer pessoa a pagar, tudo isto abusando do poder. Nessa época, para haver eleição, foi necessário convocar uma guarnição militar de Natal, pois o policiamento da cidade era insuficiente para o momento.

Foi justamente este delegado que chegou a surrar o Cel. Felinto Elísio, chefe político de Jardim do Seridó, então seu adversário.

Esse triste e humilhante acontecimento deu-se em Jardim, em conseqüência das tensões políticas, pois Efraim, como era popularmente conhecido, pertencia ao Partido Liberal (Partido da Cor Vermelha), que recebia toda garantia dos políticos desse partido.

TOMAZ CAZUMBÁ

"Tomaz Pereira Cazumbá nasceu no Município de São José do Seridó. Foi um herói da Confederação do Equador, o qual, aos vinte anos, incorporou-se às forças revolucionárias em demanda ao Ceará. Tomou parte em vários combates, praticando bravuras e perversidades também."(1)

Segundo informações, Tomaz Cazumbá ao tomar esta atitude de ir ao Ceará, se juntou a Tomaz Francês e a um outro conhecido por Nó, ambos perversos. E assim partiram de Jardim do Seridó, fazendo perversidades, numa raia da loucura, matando homens e crianças.

(1) Informações do 1° Cartório de Jardim do Seridó.

12° CAPÍTULO

FESTAS PROFANAS E LUGARES PÚBLICOS

Lugares de Danças

As principais festas dançantes de Jardim, como já foi dito, eram realizadas em palanques. Depois foram transferidas para a Intendência (quartel de polícia), que lhes serviu de palco por muito tempo. Daí partiram para o prédio do antigo escritório de Medeiros & Cia., então denominado Aéreo Clube. De 1931 a 1959, foi a vez do Grupo Escolar Antônio de Azevedo. Às vezes, dançava-se também na prefeitura municipal. Hoje essas atividades estão concentradas no Esplanada Clube.

Período Junino

São festas tradicionalmente folclóricas, que se repetem, ainda hoje, em Jardim do Seridó, colorindo todo o mês de junho.

As fogueiras, as adivinhações, as danças: forró, quadrilhas etc., são as expressões culturais dessas festas.

Nas antigas festas dançantes se armavam palanques, um para o foleiro e outro para os dançarinos, nas principais ruas da cidade. Havia também famosos forrós na casa do Rosário.

Os dançarinos apareciam vestidos de sertanejo (matuto), ou seja, os rapazes com calças remendadas, paletó, gravata e chapéu: as moças por sua vez, se apresentavam com vestidos longos, contendo muito babado, sapato alto e com lenço, fitas ou rosas na cabeça.

Havia duas figuras vestidas diferentes: era o noivo e a noiva que, antes de se iniciar a festa, realizavam o casamento matuto na presença do vigário, sacristão, os pais e testemunhas.

Atualmente, uma parte desta tradição está desaparecendo, como as brincadeiras em torno da fogueira, as adivinhações para as moças que ainda não se casaram. Porém, surgiram as famosas quadrilhas no meio das ruas com vendas de comidas típicas; milho verde, pamonha e bolo.

O CORETO

Em 1928, o então Prefeito Municipal Dr. Heráclito Pires Fernandes, construiu ao lado direito da Matriz, um coreto, muito bon,ito, onde a banda tocava e havia danças. Este coreto era torneado em madeira, contendo vidros de várias cores. Circundando-o, existiam pequenos canteiros em forma de polígono estrelado, cheios de plantas. Sabe-se que neste período não existia a praça.

Em 1932, o Prefeito Antônio de Castro Bezerra construiu a passarela e dois bancos, ficando, portanto, no seu centro, o coreto.

Quando Pedro Isidro de Medeiros assumiu a prefeitura, construiu os canteiros e mais bancos. Fez também a iluminação com postos de cimentos e sobre estes, os globos.

Depois, João Vilar da Cunha, assumindo a prefeitura, ampliou a praça, construindo o prédio, hoje ainda existente.

O Primeiro Rádio

O primeiro rádio apareceu em nosso município no ano de 1936, quando o então Prefeito Municipal Pedro Isidro de Medeiros o comprou para a prefeitura, onde chamou a atenção de quase toda a comunidade.

Era um rádio grande, de marca Phillips, com olhos mágico e funcionava a energia.

A Primeira Geladeira

Em 1938, apareceu a primeira geladeira em Jardim, de propriedade do Sr. Agrícola Nunes de Figueiredo, que comprou para usar em seu bar. Esta geladeira funcionava a querosene, e consumia um litro em 24 horas.

13° CAPÍTULO

OUTROS EVENTOS HISTÓRICOS.

Participação na Segunda Guerra Mundial

Durante 239 dias, entre setembro de 1944 e maio do ano seguinte, mais de 29 mil soldados e oficiais estiveram participando da Segunda Guerra Mundial na Itália.

Dentre eles, do Município de Jardim do Seridó, havia 21 soldados, sendo assim a cidade do Rio Grande do Norte que deu mais expedicionários. Ei-los.

Aberonir de Araújo Dantas,
Afonso Marcelino Dantas,
Francisco Maciel de Azevedo,
Gorgônio Cirilo da Nóbrega,
Inácio Firmino da Costa,
José Antão,
João Batista Filho,
Joaquim Hermano de Azevedo,
Joaquim Marcelino Filho,
Jaimith Ramos de Azevedo,
Jaime de Souza e Silva,
José Bonato,
José Severiano,
Luiz Eugênio do Nascimento,
Luiz de França Azevedo,
Manoel Aprígio da Cunha,

Para a Guerra do Paraguai, não se sabe quantos foram de Jardim do Seridó, a fim de defender, "voluntariamente", o Brasil; porém, os informantes indicam os seguintes voluntários:

- Jesuíno Ildefonso de Oliveira Azevedo,
- Felipe Belizário,
- José Vieira de Medeiros,
- Manoel Luiz,

Manoel Patrício de Medeiros,
Melquiades Fernandes Filho,
Orlando Silva,
Pedro Aprígio de Azevedo,
Sebastião dos Santos Sobrinho

PALAVRAS FINAIS

Chegamos, assim, ao fim deste trabalho, onde foram percorridos os ásperos e sinuosos caminhos da pesquisa, da consulta e da informação, mas na esperança de que tenhamos realizado algo de proveitoso.

Durante algum tempo, você o usou para conhecer melhor Jardim do Seridó, terra e gente de que nós todos somos parte.

Neste livro procurou-se mostrar a relação que existe entre as pessoas que, com seu trabalho e suas idéias ajudaram e ajudam o desenvolvimento da nossa terra.

Assim, espero de você leitor, ou de outro, com ânimo redobrado, que continue este pesquisa, dando um passo mais adiante na construção da história de nossa terra e de nossa gente.

BIBLIOGRAFIA

— BASTOS, Sebastião de Azevêdo. *No Roteiro dos Azevêdo e Outras Família do Nordeste.* João Pessoa, PB 1954/1955.

— DANTAS, Dom José Adelino. *Homens e Fatos do Seridó Antigo.*

— CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da Terra.* Fundação José Augusto, Rio Grande do Norte, 1968.

— CASCUDO, Luís da Câmara. *Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte.* Fundação José Augusto, Natal, 1972.

— NONATO, Raimundo. *Bacharéis de Olinda e Recife.* Rio de Janeiro, 1960.

—FILHO, Olavo Medeiros. *Velhas Famílias do Seridó.* Brasília, 1981.

— IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.* XVII Volume, Rio **de** Janeiro, 1960.

— AZEVEDO, Antônio Antídio. *Subsídios para a História de Jardim do Seridó.* Departamento Estadual de Imprensa, Natal, 1965.

—FILHO, Antônio Othon. *Meio Século da Roça à Cidade*, Companhia Editora de Pernambuco, 1970.

— Notas do jornal *A Voz do Seridó,* dezembro de 1953.

—AZEVEDO, Antônio Antídio. *Um Patriarca do Seridó.* Natal, Rio Grande do Norte, 1973.